COLLECTION: TYGERS OF PAN TANG ☠ BLIND EAR: JEFF SCOTT SOTO

ROADIE CREW

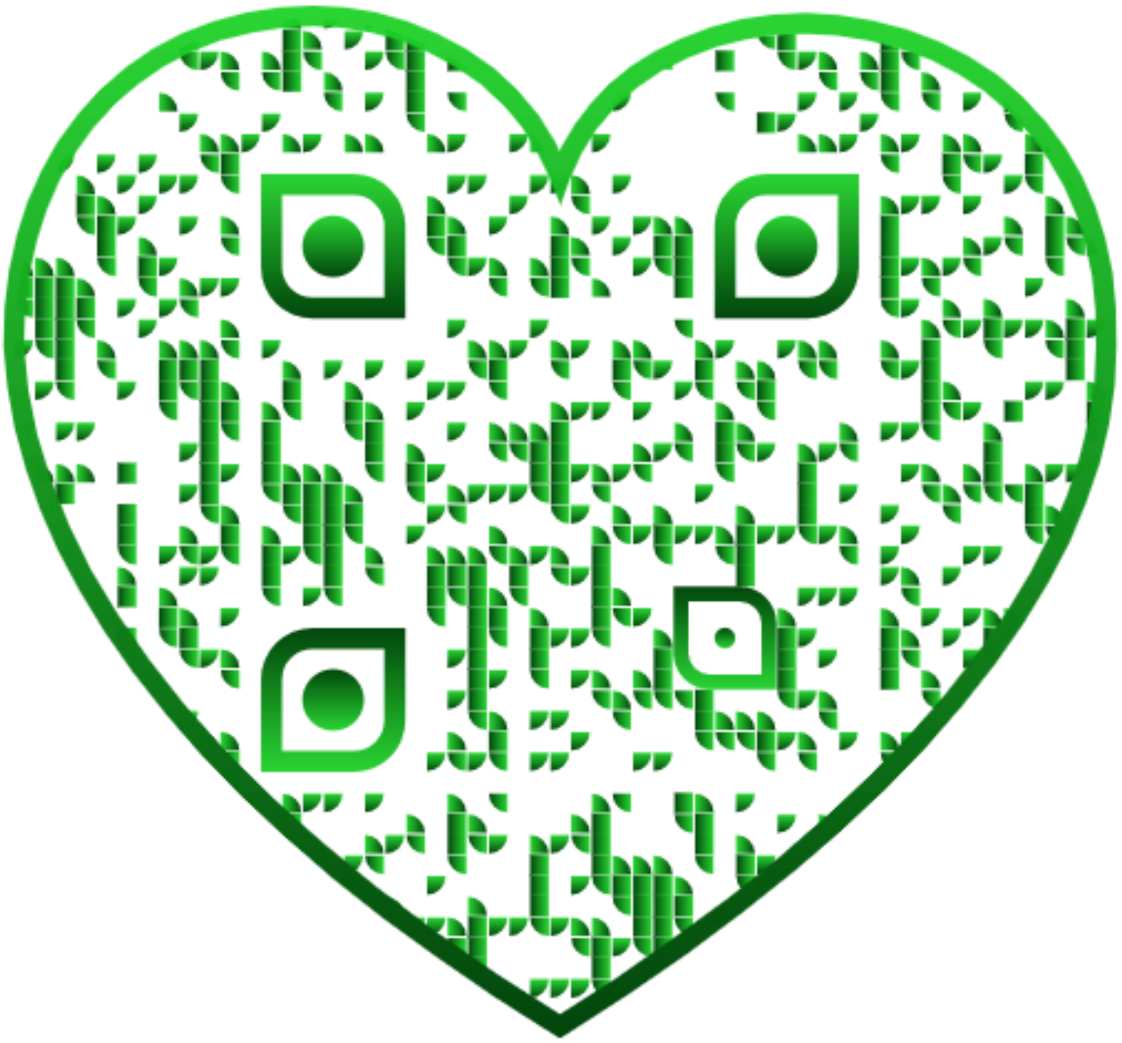
avy Metal & Classic Rock

IRON MAIDEN

Piece of Mind 40 anos

ENTREVISTAS:

EXTREME ☠ ELEGANT WEAPONS ☠ POWERWOLF ☠ KATAKLYSM ☠ DIETH
WITHIN TEMPTATION ☠ NARNIA ☠ LORDI ☠ HOLY MOSES ☠ KAMPFAR
VILLE VALO ☠ CARRO BOMBA ☠ WOLVES IN THE THRONE ROOM



VIPER

TIMELESS

A espera acabou! Saiu *Timeless*, o novo disco do VIPER!

As lendas do heavy metal brasileiro estão de volta com o primeiro disco de inéditas em 15 anos. *Timeless*, um dos lançamentos mais aguardados dos últimos tempos, é a prova de que o VIPER voltou com força total.

Com um repertório que combina elementos de todas as fases de sua carreira, o álbum traz onze faixas que refletem toda a energia de uma das bandas mais importantes da história do heavy metal.

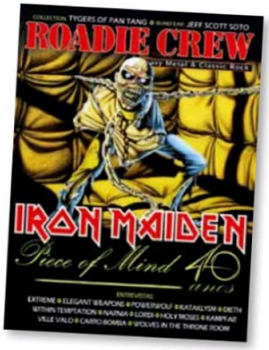
Siga @viper_brazil nas redes sociais ou acesse www.viperbrazil.com.br para mais informações.

Disponível em todas as plataformas e em CD slipcase na Wikimetal Store
www.wikimetalstore.com.br

CLUBE DE REVISTAS

ÍNDICE

06 CENÁRIO
16 PORTAL RC
18 IRON MAIDEN - PIECE OF MIND 40 ANOS
24 PLAYLIST
Daniel Person (Hellish War)
26 EXTREME
30 ELEGANT WEAPONS
34 POWERWOLF
38 COLLECTION
Tygers of Pan Tang
40 KATAKLYSM
42 HIDDEN TRACKS
Desolation Angels
44 WITHIN TEMPTATION
46 RELEASES
49 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
King Diamond - Abigail
51 ROCK AVERAGE
Def Leppard - Pyromania
54 NARNIA
56 WOLVES IN THE THRONE ROOM
58 LORDI
60 BLIND EAR
Jeff Scott Soto
62 CARRO BOMBA
64 KAMPFAR
66 HOLY MOSES
68 ETERNAL IDOLS
Tina Turner
70 BACKGROUND
Dorsal Atlântica (Parte final)
74 CLASSICREW
Uriah Heep, Alcatrazz, Arcade e Deathstars
76 DIETH
80 VILLE VALO
82 PROFILE
Hugo Golon (Cemitério e outras)



BEHIND THE STAGE

O PRIMEIRO PICTURE-DISC

Quarenta anos atrás, nem mesmo o mais otimista imaginaria que a sequência de lançamentos de discos de bandas de metal e rock seria tão marcante. Hoje é fácil constar que a década de 1980 inteira foi assim, mas vivendo o momento, em 1983 era aquele misto de susto, surpresa e (muita) alegria.

Lembro que desembolsei uma boa quantia quando comprei o meu primeiro picture-disc da vida. Já tinha adquirido e absorvido ao limite o álbum *Piece of Mind*, nosso homenageado desta edição. A estreia de Nicko McBrain e a performance de Bruce Dickinson, além de diversos outros atrativos, fazem deste um dos preferidos dos fãs do Maiden. E já que sempre funciona e importa a memória afetiva, este primeiro picture-disc era o do single *Flight of Icarus*, que vinha com o cover de *I've Got the Fire*, do Montrose, no lado B e rodava em 45 rpm. Bem, *Flight of Icarus* é uma das minhas top 5 do Maiden, que também sempre foi bem em criar versões e esta já era conhecida em sua versão ao vivo na fase com Paul Di'Anno no single *Sanctuary* (1980), mas aqui vinha repaginada em estúdio com Dickinson. Ou seja, a aquisição valeu a pena pelo ineditismo de nunca ter tido um disco picture. Claro, assustei quando o coloquei para rodar em 33 rpm. Teria vindo com defeito? Não, bastava ajustar a velocidade, como me alertou o colega de classe Marcelo Trevisan.

Por falar nisso, no Liceu Pasteur, escola onde estudava e que recentemente comemorou seu centenário, o Maiden já tinha me acompanhado quando nosso grupo fez um trabalho de inglês recitando a letra de *The Number of the Beast*, deixando a professora Olga M. Bayoud de cabelos em pé. Com *Piece of Mind*, o trunfo foi ter aquele picture-disc, pois ninguém na escola tinha visto um. Era normal "desfilar" com discos de vinil debaixo do braço e eu novamente recuperei o trono como "rei da escola" da turma metal. Quando levei o primeiro do Maiden importado, e comprado quase a tapa na Woodstock Discos, recebi aquela honraria, que voltou quando levei o single *Flight of Icarus* em vinil picture.

Além de mais um especial merecido, temos entrevistas com Extreme, que vimos recentemente no Best of Blues and Rock 2023, além de Elegant Weapons, Powerwolf, Kataklysm, Within Temptation, Narnia, Wolves in the Throne Room, Lordi, Carro Bomba, Kampfar, Holy Moses, Dieth e Ville Valo. Nas tradicionais seções, destaque para um "Blind Ear" diferente com Jeff Scott Soto, que tenta adivinhar e comenta músicas que são fora da esfera do rock/metal. Boa leitura!

Ricardo Batalha

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

EDIÇÃO: 275
JUL-AGO/2023
ANO 26

EDITOR
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

EDITOR ONLINE
Luiz Tosi - luiz.tosi@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

CONSELHO
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com

EDITOR DE ARTE
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

REDAÇÃO
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com
Daniel Dutra - daniel.dutra@roadiecrew.com
Guilherme Spiazzi - guilherme@roadiecrew.com

COLABORADORES
Alessandro Bonassoli, Ecio Souza Diniz, Gustavo Maiato, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Bruna, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Thiago Prata e Val temir Amier

Fotógrafos: André Simões dos Santos, Belmilson dos Santos, Elvis Rafael Andrade, Leca Suzuki, Leonardo Palma Benaci e Roberto Sant'Anna

COLABORADORES NO EXTERIOR
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon

COLABOROU NESTA EDIÇÃO
Eilton Tomasi

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES
Maria Diniz - assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 96380-2917

PUBLICIDADE
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com

DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL
Roadie Crew
www.roadiecrew.com/roadie-shop

DISTRIBUIÇÃO NAS BANCAS
RAC Mídia

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Graffar

ROADIE CREW é uma publicação da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
WhatsApp: +55 11 96380-2917
E-mail: redacao@roadiecrew.com
Site: www.roadiecrew.com
Facebook, Twitter e Instagram: @roadiecrewmag
YouTube: www.youtube.com/roadiecrewmagtv

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores.
Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista
For International Contacts: +55 11 96380-2917

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

SIX STRINGS AND A VOICE

AN EVENING WITH
ANNEKE VAN GIERSBERGEN AND MARKO HIETALA

ANNEKE VAN GIERSBERGEN

MARKO HIETALA

LOCAL:
teatro bradesco

ABERTURA DA CASA:
20H

07/OUTUBRO
SÁBADO
SÃO PAULO

VENDAS:
·uhuu·com

REALIZAÇÃO:
HonorSounds
DYNAMO BRAZIL

ad layout: www.jduartedesign.com

HEAVY METAL ROCK
40 ANOS DE (R)EXISTÊNCIA!

Prestes a completar quarenta anos de atividades, a Heavy Metal Rock é parte intrínseca da história do rock e heavy metal no Brasil. Seja como loja ou em sua divisão como selo, a empresa contribuiu diretamente para que o país se tornasse um dos principais em todo o mundo no fomento dessa cena cultural. Conversamos com seu proprietário, Wilton M. Christiano, para saber um pouco mais sobre os bastidores dessas quatro décadas de história e suas perspectivas para o futuro.

Foto: Divulgação

Em quarenta anos, a Heavy Metal Rock teve que superar todas as transformações da indústria fonográfica e dos hábitos culturais. Qual foi o maior e mais difícil desafio?

Wilton M. Christiano: A economia do país sempre foi um problema. Quando abri a loja, a gente vivia uma crise de desemprego, depois vieram todos aqueles planos econômicos. A mudança do formato de vinil para CD também foi um problema, assim como hoje são as plataformas digitais. Mas eu ainda acho que a falta de dinheiro é o maior vilão.

Mesmo na era do streaming, a Heavy Metal Rock segue firme em seu propósito de não apenas comercializar, mas lançar álbuns em formato físico. Esse hábito de consumo é baseado em memória afetiva, portanto, exclusivo para consumidores da faixa etária acima de 40 anos?

Wilton: Eu priorizo a venda da mídia física, seja LP ou CD, a música é tudo! Nós vendemos camisetas e acessórios, mas a mídia física é o que me dá prazer de vender. Eu até falo que se um dia isso acabar, eu aposento. O CD eu faço questão de cuidar pessoalmente, tanto na compra como na venda, outro tipo de material eu deixo para minha filha e esposa. Você vai comprar camiseta, patch, bottom etc. porque ouviu a música da banda. Mas, sim, a galera que consome esse material físico são os quarentões e cinquentões. Eu fico contente quando vejo um jovem comprando CD, mas entendo que eles são da geração digital, faz parte da mudança de costumes. Infelizmente, eles não terão o prazer de se lembrar da primeira fita cassete, do primeiro LP ou CD, eles não terão esse tipo de recordação. Eu sou muito feliz de ter e estar vivendo o prazer de ter um CD, um LP na mão para curtir e analisar os detalhes da capa, do encarte, das letras... Isso é maravilhoso!

Sendo um especialista no assunto, o que vem depois do streaming?

Wilton: Eu espero que não venha mais nada! (risos) Cada vez será mais difícil trabalhar com o material físico e com certeza virão mais mudanças. Isso faz parte. Em 1997, eu assisti uma palestra sobre empreendimento em que o assunto eram as mudanças de costumes de consumo e foi falado que as mudanças que antes levavam entre dez e vinte anos, naquela época já estavam diminuindo para cinco anos. Atualmente a mudança é anual, semestral, mensal... Veja os celulares que estão mudando o tempo todo! Tudo é rápido, até o sucesso é rápido! O que temos que fazer é nos adaptar a isso. Mas o mundo dá voltas também. Veja o LP. O vinil foi sepultado, o pessoal até jogava fora, eu fiquei anos e anos sem vender um LP, mas hoje ele está em alta. Tudo é possível, quem sabe o material físico volte mais forte. A esperança é a última que morre.

A Heavy Metal Rock nasceu e até hoje permanece instalada numa cidade do interior do país, Americana/SP. É mais difícil empreender e se tornar referência não estando numa grande capital?

Wilton: Com certeza! Se a loja estivesse em São Paulo, na Galeria do Rock, seria mais fácil, mas eu nunca pensei em mudar da minha cidade, pelo contrário, eu consegui fazer a galera vir aqui!

Como selo, a Heavy Metal Rock já foi responsável por lançar no Brasil discos das maiores bandas do metal mundial, além de lançar frequentemente dezenas de álbuns de bandas brasileiras. Você acha que o metal nacional é desvalorizado em relação às bandas internacionais?

Wilton: O selo é minha maior motivação. Lancei centenas de CDs, mas também lancei demos tape, compactos 7"e LPs no início do selo. Eu gosto e acredito nas bandas brasileiras! Tem um consumidor fiel, mas é minoria. A galera prefere comprar as bandas gringas. Existe um certo preconceito, eu até entendo, pois nos anos 80 e 90 gravar algo de metal no Brasil era para guerreiros mesmo, os estúdios não entendiam nada de metal e isso deixava a desejar na sonoridade. Mas hoje em dia é diferente, tem muita gente boa nesse mercado de gravação e as produções e as bandas estão bem melhores.

Entre as bandas do metal nacional, quais você sente que são as mais injustiçadas ou que mereceriam maior atenção do público?

Wilton: O Tuatha de Danann é uma banda muito injustiçada. Eles são um grande nome, mas poderiam ser mais reconhecidos, principalmente em nível internacional.

Você foi e continua sendo um dos grandes propagadores do rock e heavy metal no Brasil, principalmente entre as décadas de 80 e 90 através do comércio de fitas cassete que gravavam dos LPs e CDs, que eram mais caros. Muitas bandas tornaram-se conhecidas no Brasil nessa época por conta dessas gravações. O que você faria para que o rock e metal fossem mais populares nos dias de hoje?

Wilton: A fita cassete foi o top nos anos 80! O legal é que nove em cada dez clientes, quando falam de recordação da loja, a fita cassete é o assunto. "Eu lembro da primeira fita que comprei com você". O LP importado era muito caro, a única solução era comprar fita, e isso foi ótimo! O legal que aqueles álbuns dos anos 80 estão sendo relançados aqui no Brasil em CD e os meninos/adolescentes que na época não tinham dinheiro para ter o original, estão comprando o CD hoje. Diria que para muitos é um sonho realizado, e é disso que eu gosto no rock/metal, nenhum estilo musical tem um público fiel, que veste literalmente a camisa da banda. Hoje se tem tudo muito fácil, há várias rádios só de rock na web, milhares de álbuns disponíveis de graça na internet, isso ficou fácil e quando é fácil não se dá muito valor. No tempo do meu programa na rádio, o cara tinha que ouvir no horário, o máximo que ele podia fazer era gravar em fita. Não estou dizendo que a facilidade de hoje é ruim, lógico que não é, mas não vai ter história, não vai ter o que recordar, e eu gosto de recordar.

Eliton Tomasi

SAD IN PARADISE

MISTURANDO O CLÁSSICO E O MODERNO

Julio Barros, Pedro Fernandes, Victor VK e Pedro Vitor

Criada em 2022 em Natal/RN, a banda Sad in Paradise já soltou dois singles, que antecipam o disco de estreia, com previsão de ser lançado ainda este ano. Nessas duas primeiras músicas fica claro que o quarteto formado por VK (vocal), Pedro Fernandes (guitarra e backing vocals), Pedro Vitor (baixo) e Julio Barros (bateria e backing vocals) tem forte influência tanto de bandas clássicas do rock e do metal, como de nomes mais novos, criando uma interessante mistura. O guitarrista Pedro Fernandes conversou com a ROADIE CREW e falou mais a respeito.

O que levou vocês a batizarem a banda com o nome de Sad in Paradise?

Pedro: Quando estávamos dando início ao projeto, tínhamos alguns nomes como opções. Após vários testes, juntamos as palavras e chegamos a esse resultado que deu nome à banda. Não há nenhum motivo especial ou significado profundo nessa escolha. Mas, ao escolhê-lo, percebemos que este nome provoca uma série de reflexões, uma vez que torna evidente dois temas que são opostos. Quando você pensa em um paraíso, é difícil imaginar que possa haver tristeza naquele lugar. Então, o dilema é: por que estar triste no paraíso?

No material de divulgação que foi encaminhado pela gravadora, diz que vocês almejam ser 'uma nova voz no metal/rock moderno mundial'. Não seria uma meta um pouco pretensiosa? E como se consegue atingir essa meta?

Pedro: Ter esse objetivo não significa que buscamos ser uma banda super famosa ou algo do tipo. Isso, sim, seria algo pretensioso. O que temos como meta, neste projeto, é de fato ser uma banda de metal moderno, mas com uma sonoridade particular. Não queremos reinventar a roda, mas não seremos só mais uma banda na cena do metal. Cada um dos integrantes tem um gosto particular e influências específicas. Além disso, o processo de composição é transparente, de forma que a junção dessas diferentes influências resultou numa sonoridade que percebemos ser bastante particular.

No mesmo material, vocês fazem um paralelo entre 'soar moderno' e o fato de a banda contar com apenas uma guitarra. Qual a relação entre os dois fatos, já que há inúmeras bandas clássicas que tinham essa mesma formação, como Black Sabbath e Led Zeppelin, para citar apenas duas?

Pedro: Na história do rock, viu-se que, com a evolução do estilo, a música foi ficando mais complexa em alguns aspectos. Naturalmente, a inserção de novos instrumentos aconteceu e formações com duas ou até três guitarras ficaram cada vez mais presentes nas bandas. Não é uma regra, mas foi uma tendência. Então, para o estilo de música que queríamos fazer, a formação com duas guitarras seria o mais natural. Assim, precisamos trabalhar pensando na formação atual e como adequar isso às músicas que fizemos para o disco.

Dentro desse contexto, quais as principais influências de vocês?

Pedro: Das bandas mais clássicas, temos influência de Alice In Chains, Pantera, Iron Maiden e Sepultura. Dentre as bandas mais atuais, alguns nomes que nos influenciam são Avenged Sevenfold, Alter Bridge, Psycho Motel e Tremonti. Estas são algumas das nossas influências. Na prática, no processo de composição elementos de várias outras bandas aparecem como inspiração e a nossa tarefa é adequar à sonoridade da Sad in Paradise.

Do que vocês tratam nas letras de suas músicas?

Pedro: Na maioria das vezes, as letras trazem questões relacionadas a vivências pessoais. Mas não é algo definido como tema de composição da banda. Foi o caminho que se deu naturalmente no processo de composição.

Vocês já estão trabalhando no primeiro disco, certo? O que podem adiantar sobre ele? E em qual estilo ele estará inserido?

Pedro: Nosso primeiro disco está em fase de mixagem e masterização e pretendemos lançá-lo até o final de 2023. O processo tem sido totalmente independente, desde a produção, que nós mesmos fizemos, até a gravação. O disco será autointitulado e ainda é difícil para nós definir com precisão o estilo musical. Mas, definitivamente, é metal.

Vocês lançaram dois singles, *Underworld* e *Coldness*. Imagino que ambos estarão no disco. Por que essas músicas foram as escolhidas para antecipar o álbum?

Pedro: Sim, *Underworld* e *Coldness* fazem parte do nosso primeiro disco. Como a Sad in Paradise é uma banda nova e ainda não temos um público formado, nosso pensamento foi lançar músicas que conseguissem resumir, mesmo que de uma forma genérica, a musicalidade e o estilo da banda. Além disso, são músicas mais diretas, o que pode ser mais fácil para chamar a atenção do público.

Falando sobre esses temas e ainda sobre estilo, numa definição mais simples *Coldness* vai na linha do metal moderno, enquanto Underworld seria mais chegado ao grunge. Qual seria o estilo do Sad in Paradise?

Pedro: Como disse, ainda é cedo, pelo menos para nós da banda, definir com precisão o estilo da Sad in Paradise. Como foi bem colocado, temos um single que remete ao grunge e outro que vai na linha do metal moderno. O que conseguimos falar sobre isso no momento é que esses elementos estão presentes nas músicas do nosso primeiro disco. Alguns sites e blogs têm nos definido como metal alternativo, talvez essa possa ser uma boa definição, ao menos por agora.

A gente sabe que atualmente a música está diretamente ligada à imagem e vocês fizeram vídeos para as duas músicas já lançadas. Pretendem gravar mais algum clipe?

Pedro: Nossa intenção é sempre trazer algum material audiovisual sobre nossas músicas para agregar à imagem da banda. Devemos fazer mais um lançamento, resultando em três singles. A intenção é trabalhar esse outro vídeo após o lançamento do disco.

Já estão com planos de fazer uma turnê após o lançamento do álbum? O que podem adiantar a respeito?

Pedro: Estamos muito ansiosos para tocar nossas músicas ao vivo! Já estamos organizando algumas datas pelo Rio Grande do Norte e devemos começar a tocar ainda em 2023. Como somos uma banda totalmente independente, ainda não conseguimos vislumbrar uma turnê, mas a banda está muito focada em ter um ótimo show e gerar uma boa experiência junto ao público. Com certeza, estaremos rodando pelo Brasil em 2024.

Antonio Carlos Monteiro

HIRAES

O PRIMEIRO PASSO EM UM NOVO CAMINHO

O death metal alemão nunca recebeu tanta atenção quanto seus vizinhos europeus, mas isso não se deve à falta de qualidade das bandas de lá, como provam nomes como Morgoth, Fleshcrawl, Slaughterday e Deserted Fear. O Dawn of Disease, formado em 2003 em Osnabrück, foi uma das melhores do gênero, lançando cinco álbuns antes de se separar em 2020. Após a dissolução, quatro dos cinco membros se juntaram à vocalista Britta Görtz para formar o Hiraes, que estreou com o elogiado *Solitary*. A seguir, o guitarrista Lukas Kerk nos fala de como está sendo pertencer a uma das novas sensações do metal extremo germânico.

Divulgação

Com o fim do Dawn Of Disease, Oliver Kirchner, Mathias Biässe, Lukas Kerk e Christian Wösten se juntaram a vocalista Britta Görtz em um novo projeto death metal

Para uma banda nova como o Hiraes, o ano de 2020 foi bem estranho, para dizer o mínimo. Como foi começar algo novo justamente quando o mundo estava praticamente parado?

Lukas Kerk: Pois é, foi bem estranho mesmo, não posso negar (risos). Se é que podemos dizer que houve um lado bom em tudo isso, acho que conseguimos mais tempo para focar em tudo que se relacionava à banda, da formação propriamente dita até a composição das músicas e tudo mais. Em uma situação normal, não sei, talvez tivéssemos levado mais tempo até ter algo pronto em mãos. Mas, é claro, seria muito melhor se nada desse pesadelo tivesse acontecido, pois ninguém que vive a cena queria ver as casas de shows fechadas, todos queríamos estar na estrada!

É impossível falar do Hiraes sem mencionar o Dawn Of Disease, já que temos quatro de seus músicos aqui. O que aconteceu?

Lukas: A Dawn of Disease era uma banda já estabelecida que surgiu nos anos 2000, teve uma pausa e retornou em 2010 com novas energias e ambições. Ao longo desse período, lançamos cinco álbuns completos, sendo o último em 2019, *Procession of Ghosts*. No entanto, com o passar dos anos, surgiram divergências em relação ao futuro da banda, o que levou a uma decisão conjunta de encerrá-la. Apesar disso, quatro de nós queriam seguir em frente. Não queríamos que nossa jornada na música terminasse por ali, então decidimos começar uma nova banda, que não fosse uma continuação direta do trabalho anterior.

Logo vamos nos aprofundar um pouco mais no que significa essa 'banda realmente nova', mas antes, você poderia nos contar um pouco sobre como o Hiraes nasceu?

Lukas: Acho que foi no final de 2019 que ficou realmente claro que não continuaríamos com o Dawn of Disease e, inicialmente, planejávamos fazer alguns shows de despedida. Isso nunca aconteceu, pois logo em seguida começou a pandemia do covid-19 e isso se tornou primeiro perigoso, depois inviável e por fim impossível. Então, como não havia alternativa, simplesmente nos separamos no início de 2020. Bastou alguns poucos dias com a banda realmente inativa para que quatro de nós percebessem que queríamos continuar fazendo música, então o primeiro passo era óbvio: precisávamos procurar por um vocalista e já sabíamos de antemão que queríamos ter alguém que já fosse experiente, que soubesse como é estar no palco e no estúdio.

Existem literalmente milhares de pessoas na Alemanha que combinam com esse perfil, então, o que fez de Britta Görtz a escolha perfeita para a Hiraes?

Lukas: Conhecíamos Britta do passado, já havíamos tocado em turnê com ela antes. Conhecíamos o trabalho dela na banda Cripper, mas também no Critical Mess, que é uma outro grupo em que ela continua sendo parte ativa. Bem, conhecíamos muito bem o potencial dela como vocalista, sabíamos o que ela alcançava no estúdio e como se portava no palco, então foi meio que buscar convencê-la de se juntar a nós. Escrevi um e-mail para ela, perguntando se ela estava disposta a se juntar a nós e, surpreendentemente, ela respondeu que sim (risos).

Imagino que este seja o momento em que as características únicas do ano em que a banda foi formada tenham começado a modificar as coisas, afinal, vocês tinham uma banda nova, mas não podiam se encontrar.

Lukas: É verdade, isso foi bem estranho (risos). Estávamos todos animados e prontos para pular no estúdio já no dia seguinte, mas a verdade é que não havia nada que pudéssemos fazer além de planos (risos). Demoramos alguns meses para fazer o primeiro ensaio devido à pandemia, mas quando finalmente nos encontramos também pudemos tocar a primeira música que escrevemos juntos, e foi um momento mágico estar na sala de ensaio pela primeira vez todos juntos, tocando uma música que nascera daquela nova banda. Percebemos que a química entre todos nós era perfeita, então começamos a trabalhar mais intensamente no novo álbum. No fim das contas, o trabalho a partir desse ponto inicial foi muito mais rápido e fluido do que poderíamos imaginar, e o disco ficou pronto muito rápido pronto, considerando o tempo de sua composição, gravação e mixagem.

Ao fundar a Hiraes, vocês não queriam que ele soasse como uma continuação da Dawn of Disease. Apesar disso, também é uma banda que se encaixa no rótulo do death metal melódico. Então, qual seria a principal diferença?

Lukas: Boa pergunta. Deixe-me ver como explicar, pois é difícil colocar em palavras... Acho que nossa música não está muito enraizada naquele death metal melódico da velha escola, algo que era comum ao Dawn of Disease. Também temos elementos modernos, é uma mistura de diferentes estilos, diferentes tipos de música e diferentes influências, em geral.

Talvez as pessoas vão acabar comparando vocês mais ao Arch Enemy do que ao Dawn of Disease.

Lukas: É verdade, pode ser (risos). Acho que isso aconteceria especialmente por conta dessa sonoridade mais moderna e pelo fato de termos uma vocalista à frente do palco. Mas essa não seria uma comparação ruim, de jeito nenhum. Na verdade, seria um grande elogio, especialmente para um guitarrista (risos).

Bem, para mim, a principal diferença em ambos os casos é que vocês têm algo mais melancólico em suas músicas.

Lukas: OK, entendo o que você quer dizer. Realmente, existem algumas melodias bem melancólicas no álbum, mas acho que isso também pode refletir um pouco o momento em que ele foi criado. No fim das contas, estávamos sozinhos em nossos quartos compondo música e nem sabíamos se um dia teríamos a chance de tocar juntos em um estúdio ou subir juntos num palco, como uma banda de verdade (risos). Foi um período estranho e acho que um disco muito feliz seria algo errado. Mas, que bom que gostou desse tom, acho que podemos mantê-lo no futuro (risos).

Valtemir Amler

THE MEGA-MONSTERS TOUR 2023

GOJIRA AND MASTODON

GARANTA JÁ
O SEU INGRESSO!

14 DE NOVEMBRO
ESPAÇO UNIMED

INGRESSOS EM LIVEPASS www.livepass.com.br

REALIZAÇÃO MOVE CONCERTS

CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!

PERSEVERA
CONCRETIZANDO SONHOS

Fotos Divulgação

Thadeu Castro, Danilo Bredda, Paulo Carrara e Claudio Lima

O nome já diz tudo: Persevera. Concebida em Sumaré/SP, a banda integrada por Paulo Carrara (vocal), Danilo Bredda (guitarra), Thadeu Castro (baixo) e Claudio Lima (bateria) é fruto da vontade legítima de se expressar musicalmente por meio da sonoridade típica do metal dos anos 90. O sonho de adolescente virou realidade e a estratégia adotada foi lançar um single de cada vez para extrair ao máximo de cada música. Enquanto isso, a banda se prepara para embalar tudo no formato de um álbum, que encerrará esse primeiro ciclo – mas certamente esse sonho não chegou ao final ainda.

Quais foram as motivações que levaram à formação da banda Persevera? Quais temas vocês decidiram abordar em suas músicas e como vocês gostariam que as pessoas se lembrassem da banda?

Danilo Bredda: Persevera é a realização de um sonho de adolescente. Desde muito novo escuto heavy metal praticamente todos os dias. Então, querer ter uma banda passou a ser algo natural. O primeiro passo foi ter uma guitarra. Só que desde novo sempre gostei mais de inventar coisas do que aprender músicas. Isso se intensificou quando peguei um Loop Station da Boss tempos atrás, o que ajudou muito a criar riffs e gravar. Enfim, ao longo dos anos criei 25 músicas nesse Loop Station. Em 2020, decidi que gravar em estúdio essas músicas. Embora eu ainda não tivesse as letras, convidei meu primo Paulo Carrara para ser o vocal; ele me indicou Thadeu Castro como baixista e Thadeu me indicou Claudio Lima para bateria e um local para as gravações. Acho que não poderia ter encontrado parceiros melhores para o projeto! O grande desafio para mim passou a ser escrever 25 letras, algo que nunca tinha feito na vida. As primeiras foram relacionadas ao nosso cotidiano, principalmente ao que acontece de ruim em nosso mundo. Posteriormente, livros, filmes, séries e até mesmo coisas mais específicas, como uma determinada cena de um filme, passaram a ser fonte de inspiração para as letras. Nossos dois primeiros álbuns apresentam letras que abordam os mais variados temas, porém é provável que o terceiro seja algo mais conceitual.

Como a imagem da capa do novo single *The Last Horseman*, com a figura humana em raio X e órgãos visíveis, se relaciona com a mensagem da música?

Danilo: A humanidade é especialista em autodestruição desde sempre. 'O Último Cavaleiro' remete a ela própria. Na capa desse single, tentamos passar a ideia da destruição vinda da parte mais profunda do coração do ser humano. As referências visuais tentam passar algo mórbido, para olharmos para dentro de nós mesmos e ver o mal que somos capazes de fazer.

Poderia falar sobre o processo de composição do single *The Last Horseman* e quais foram as influências para os riffs e solos de guitarra, que vão desde Metallica até Iced Earth?

Danilo: Todos riffs e solos foram criados num Loop Station. Geralmente, o processo de criação se dava da seguinte forma: deixava a bateria eletrônica do pedal rolando num determinado BPM e começava a criar os riffs. O jeitão dos riffs ia depender muito do que tinha na cabeça naquele momento. Poderia ser algumas cavalgadas parecidas com Iced Earth ou algo mais elaborado tipo Megadeth. Particularmente em *The Last Horseman* lembro que no verso me inspirei no Iced Earth e no refrão em Lamb of God. Já para os solos, eu deixava a base rolando e ia criando o solo em cima por partes. A minha maior preocupação com os solos era que encaixassem bem na música, não tinha preocupação em fazer algo virtuoso ou difícil.

Qual é a origem do nome 'Persevera'?

Danilo: Quando chegou na parte de pensar em um nome para a banda, queria que fosse algo que tivesse algum real significado e que não soasse apenas como um clichê. Persevera vem de perseverar, não desistir. Particularmente para mim, está relacionado a não desistir de um sonho de adolescente. Mas também é um lema que podemos levar para todas as áreas das nossas vidas.

Paulo, como descreveria sua voz e o timbre agressivo para alguém que nunca ouviu a banda?

Paulo Carrara: Sou um vocalista versátil. Atualmente, tenho projetos em diversos estilos músicas, porém minha raiz está no metal e minha maior inspiração sempre foi Bruce Dickinson. Nas gravações dos vocais tentamos explorar bastante meu drive natural, algo bem característico da minha voz.

Com material suficiente para dois álbuns, como é o processo de composição? A letra, o tema, os riffs ou as melodias costumam surgir primeiro?

Danilo: Após as linhas de guitarras, eu fiz as letras. Depois disso, enviava uma guia da guitarra e da voz para o Cláudio. A gente trocava uma ideia sobre a batera na música e então ele gravava a bateria em seu estúdio. Depois eu ia para o estúdio e gravava as guitarras. Alguns detalhes e ideias surgiam na hora de gravar. Após a batera e a guitarra, o Thadeu grava o baixo e no final de todo o processo o Paulo gravava os vocais.

Poderia nos contar como foi a experiência de gravar o videoclipe da música *Death*, que mostra a banda tocando?

Danilo: Quando estávamos terminando as gravações do primeiro álbum, ficou claro para mim que as duas últimas músicas, *Death* e *The Last Horseman*, seriam o ponto alto do álbum. Então, gostaria de fazer algo mais, não apenas lançar o single. Aí veio a ideia de fazer um vídeo com a banda tocando no próprio estúdio. Gostei muito do resultado. Certamente para o segundo álbum iremos ter mais desse tipo de vídeo!

Qual é o plano da Persevera para o lançamento de um álbum completo? Será uma compilação dos singles já lançados ou os fãs podem esperar algo mais quando as músicas forem reunidas em um formato de álbum?

Danilo: O CD que será lançado em breve será uma compilação dos singles já lançados. Não terá material novo. O que mudou foram as mixagens, principalmente dos primeiros singles. Deixamos o som mais 'na cara', sobretudo os instrumentos. Como o lançamento do CD encerra esse primeiro ciclo da banda, tentamos ao máximo fazer algo muito bem feito, e acho que conseguimos! Antonio Cometti, amigo da banda e responsável por toda as artes dos singles, fez um excelente trabalho no CD também.

Gustavo Maiato

VOODOO KITCHEN
PRODUTO EXPORTAÇÃO

Do Brasil para a Irlanda e apostando no hard rock

Criado em 2016 no interior paulista, o Voodoo Kitchen chegou a lançar seu disco de estreia antes de passar por uma mudança radical quando o baixista e vocalista Rod Rosica resolveu se mudar para a Irlanda. Lá, ele remontou o grupo, mudou sua orientação musical, enfrentou várias mudanças de formação e gravou seu segundo trabalho, o EP *Pleasure & Sin*. Com o time enfim estabilizado com Rod, Igor Tavares (guitarra) e Johnny Krasuski (bateria), o Voodoo Kitchen agora está em plena divulgação de seu trabalho. Rod conta como foi a trajetória do grupo até aqui.

Começando pelo princípio, por que a banda recebeu o nome de Voodoo Kitchen?

Rod Rosica: "Voodoo' veio da música *Voodoo Chile*, de Jimi Hendrix, que sempre foi uma grande influência pra mim, e 'kitchen' foi adicionada pela sonoridade das duas palavras juntas. Essa última também traz uma ideia de que a banda foi concebida como um lugar, uma 'cozinha', onde experimentos podem ser feitos.

A banda começou aqui no Brasil e hoje está sediada na Irlanda. Por que ocorreu essa mudança? E por que a Irlanda foi o país escolhido?

Rod: Sempre tive uma grande vontade de morar fora do Brasil, principalmente em um país que tivesse o inglês como língua por conta da minha proximidade cultural com ela. A Irlanda foi o destino que acabou acontecendo, alguns conhecidos moravam aqui e isso ajudou na transição.

Após a mudança, a banda sofreu uma mudança de estilo. Qual estilo faziam antes e qual passaram a fazer?

Rod: Não encaro tanto como uma mudança de estilo, vejo mais como uma evolução. Nunca gostei muito de rótulos pois eles podem limitar a criatividade, mas como precisávamos 'vender' a ideia da banda para conseguir shows, diríamos que ela fazia blues rock enquanto tinha sua base no Brasil e hoje digo que está mais para o hard rock. Entretanto, para mim sempre foi tudo rock'n'roll!

Qual o motivo dessa mudança de orientação musical?

Rod: A ideia da sonoridade da banda foi focada nos grandes nomes do rock final dos anos 60 até metade dos 70. E como essas bandas sempre tinham forte base no blues, tocamos vários covers mesclados com os temas autorais para facilitar o acesso ao público nos bares e casas de shows do interior paulista. Em boa parte desses lugares a gente tinha que pegar leve para conseguir datas. Quando vim para cá, já rolou de começar a explorar um peso no som de que sempre gostei, pois volume aqui já não era um fator limitante, e com a entrada de Igor isso foi ficando ainda mais evidente.

Independentemente disso, a faixa *A Deal with the Devil*, do mais novo EP, tem muito a ver com a primeira fase do Voodoo Kitchen. Ou não?

Rod: Sim e não. Como mencionei anteriormente, tudo foi uma evolução e a concepção sempre vai ser de experimentar coisas diferentes. Tocamos também algumas músicas antigas adaptadas à nova fase e talvez por minha influência acabo puxando uma veia bluesy para o som em alguns momentos. Sempre instigo os caras a não perder essa veia, pois nossos shows nunca são iguais uns aos outros já que sempre rolam vários improvisos. Posso dizer que somos definitivamente uma banda ao vivo.

A banda gravou o primeiro disco aqui no Brasil e o EP na Irlanda. Você sentiu uma grande diferença entre gravar aqui e na Europa?

Rod: Há algumas facilidades aqui sim. Infelizmente, no Brasil o investimento pode ser muito alto e com acesso mais difícil dependendo do que você quer atingir e de onde você estiver, assim como o equipamento e/ou tecnologia que você pretende usar.

E por que preferiram lançar um EP e não um disco completo?

Rod: Inicialmente, a ideia era gravar um álbum, mas tivemos problemas para achar um baterista fixo e o investimento estava um tanto pesado para Igor e eu bancarmos – afinal, somos uma banda independente. O EP foi uma ideia de algo que poderia ser feito com o material que tínhamos até então e também serviria como um cartão de visitas.

Pelo que consta no texto de apresentação, foi um pouco complicado encontrar os músicos certos para o projeto. No Brasil, a gente tem a impressão de que é mais fácil encontrar músicos de rock no exterior do que aqui. É uma impressão errada?

Rod: A Irlanda é um país pequeno, achar músicos aqui que queiram realmente abraçar a ideia não é tão simples assim. O estilo de música também não é exatamente algo que o grande público procura, o indie aqui é mais predominante. E sobre músicos, antes de Igor e Johnny (ambos brasileiros) passaram na banda integrantes de diferentes nacionalidades. O primeiro single lançado por aqui, *Under Her Spell*, por exemplo, com minha exceção obviamente, tinha apenas músicos irlandeses. Mas as coisas acabaram dando certo com os brasucas e estou feliz com isso.

Você comenta que realizou 'uma maratona de shows' em 2022. É mais fácil montar uma agenda de shows na Europa do que no Brasil ou o trabalho e as dificuldades são os mesmos?

Rod: Maratona para o padrão Irlanda e para uma banda independente (risos). Mas chegamos a fazer dois a três shows mensais. Eu acredito que os níveis de dificuldade são em diferentes questões. Tenho a impressão de que a galera aqui é mais aberta para ir para um lugar e curtir um som autoral, pelo menos nos grandes centros, porém no momento são poucos os lugares para bandas de rock independentes tocarem. A pandemia infelizmente prejudicou muito e várias casas fecharam.

Em quais países o Voodoo Kitchen tem maior aceitação? Por quê?

Rod: Até então conseguimos uma ótima aceitação por aqui e em alguns lugares no Reino Unido onde estamos tentando expandir ainda mais pois o mercado é maior e há mais espaço para o nosso tipo de som. O fato de a música ser em inglês ajuda a ter uma conexão maior com o público.

Há algum plano de o Voodoo Kitchen tocar no Brasil?

Rod: Bom, vontade não falta (risos). Se algum promoter tiver interesse é só entrar em contato (mais risos).

Vocês já estão pensando em um novo disco?

Rod: Ainda está cedo para dizer. Johnny entrou na banda no começo do ano e estivemos ocupados com ensaios para entrosar, gravação de vídeo, promoção do EP etc. Mas já estamos compondo material novo aos poucos e lançaremos alguns singles em breve.

Antonio Carlos Monteiro

ALKANZA
ÓDIO AOS POLÍTICOS

Os catarinenses do Alkanza não poupam palavras nem riffs na hora de discursar contra a farra da corrupção na política e outros males que assolam nossa sociedade brasileira. Dessa forma, Thiago Bonazza (baixo e vocal), Pedro Souza e Lucas Caliban (guitarras) e Ramon Scheper (bateria) estão na batalha desde a estreia com *Colonizado pelo Sistema*, lançado em 2005. Recentemente, lançaram dois singles chamados *Filhos da Devastação* e *Execrável Traidor* e prometem continuar na mesma intensidade raivosa no próximo álbum, que já está no forno.

Divulgação

Ramon Scheper, Lucas Caliban, Thiago Bonazza Fernandes e Pedro Victor Souza

Como utilizam a língua portuguesa em suas músicas para transmitir a mensagem sobre a dura realidade do povo brasileiro? De que forma a conexão linguística contribui para a identificação do público?

Thiago Bonazza: Nós falamos do cotidiano, coisas que acontecem, aparecem ou algo que sentimos ou que achamos que precisa ser dito ou refletido. Com a língua portuguesa temos uma assimilação imediata, sabemos que isso puxa o público para mais perto, claro, você tem que ter conteúdo. Usamos para uma conexão e reflexão de uma forma mais direta, afinal sabemos que boa parte não entende inglês.

Comparando o primeiro álbum, *Colonizado pelo Sistema*, com o segundo, *O Céu da Boca do Inferno*, como descreveriam as mudanças tanto nas letras quanto na sonoridade? Quais elementos foram aprimorados ou explorados de forma diferente?

Thiago: *Colonizado pelo Sistema* traz uma veia mais punk tanto nas letras quanto no som, algo mais direto e ríspido. Em *O Céu da Boca do Inferno* trouxemos mais o âmbito de nós mesmos e menos de política, começamos a trazer a lírica mais pra nossa 'humanidade' e as atrocidades e manipulação feitas sobre nós mesmos.

No clipe de *Desistir? Jamais!* do terceiro álbum, *Caos Codificado*, a letra menciona ser apunhalado. Essa referência pode estar relacionada aos desafios da vida e à cena do metal, no qual a união é frequentemente questionada. Como exploram esses temas e qual a mensagem desejam transmitir através dessa música?

Thiago: Essa música tem uma letra que envolve várias coisas, até pessoais. Ela é bem clara em sua mensagem, reflete os desafios vividos tanto na cena quanto na vida, as batalhas constantes das pessoas que não ajudam em nada e vêm atrapalhar seu corre, os falsos amigos e a luta que é a vida – ela é assim e ponto final, é com isso que temos que conviver. Essa música é quase um desabafo.

Ao lançarem uma versão para *Murders in the Rue Morgue* do Iron Maiden como foi a experiência de transpor esse hit para o death metal?

Thiago: Foi um desafio, principalmente pela música que fizemos e pelo estilo que tocamos. Para mim foi muito gratificante, pois sou muito fã de Maiden e tê-la regravado com o resultado que ficou foi muito satisfatório e prazeroso, principalmente para o meu eu como adolescente que ouvia incansavelmente Maiden. O que achei mais legal nela é que ela é a música, só que com nossa identidade, e isso aconteceu de forma muito natural e respeitosa. Afinal, é Maiden e era um desejo antigo meu fazer algo assim. Ela foi feita para uma coletânea que acabou não saindo por conta da pandemia. Como tínhamos a licença para lançar, lançamos. Ela já estava pronta antes da pandemia, mas só lançamos depois.

***Execrável Traidor* possui uma introdução de baixo marcante e aborda a figura de Judas. A que tipo de traição vocês se referem e como isso se relaciona com a realidade atual?**

Thiago: Ela fala sobre a traição escondida em sorrisos e palavras que não condizem com as atitudes, na inveja de quem diz que está ao seu lado. Isso é algo comum na esfera humana e não muda, mil olhos ao seu redor prontos para te engolir. A vida é assim, mas isso não significa que devemos aceitar ou conviver. Essa música diz muito sobre o que hoje em dia se faz por dinheiro, likes e atenção, e que não devemos aceitar isso, mas saber que existe. É a língua alheia que pega um prisma, distorce só para lhe prejudicar, pois o mesmo não faz nada em sua própria vida, mas não acha que quem faz merece algo melhor do que ele.

Tocar baixo e cantar simultaneamente é um desafio. Quais músicos que exercem essas duas funções o inspiraram?

Thiago: Eu amo baixo, já toquei guitarra, gravei as guitarras e baixos de *Colonizado pelo Sistema* e *O Céu da Boca do Inferno*, mas o baixo está em minhas veias. Baixistas que me influenciaram com certeza são Steve Harris, mas, como vocalista e baixista, Geddy Lee, Tom Araya e Andria Busic. Comecei a cantar porque não achava vocalista para o que queria, aí meti o louco e fui aprendendo e evoluindo, sempre sabendo que não posso parar. Ao vivo, pela energia dos shows, é uma tarefa desgastante, mas muito satisfatória vendo a galera cantar junto e interagindo com o show.

Como foi a experiência de lançar a própria cerveja, a Alkanza Red IPA? Quais foram os motivos por trás dessa decisão e como a cerveja se relaciona com a identidade da banda?

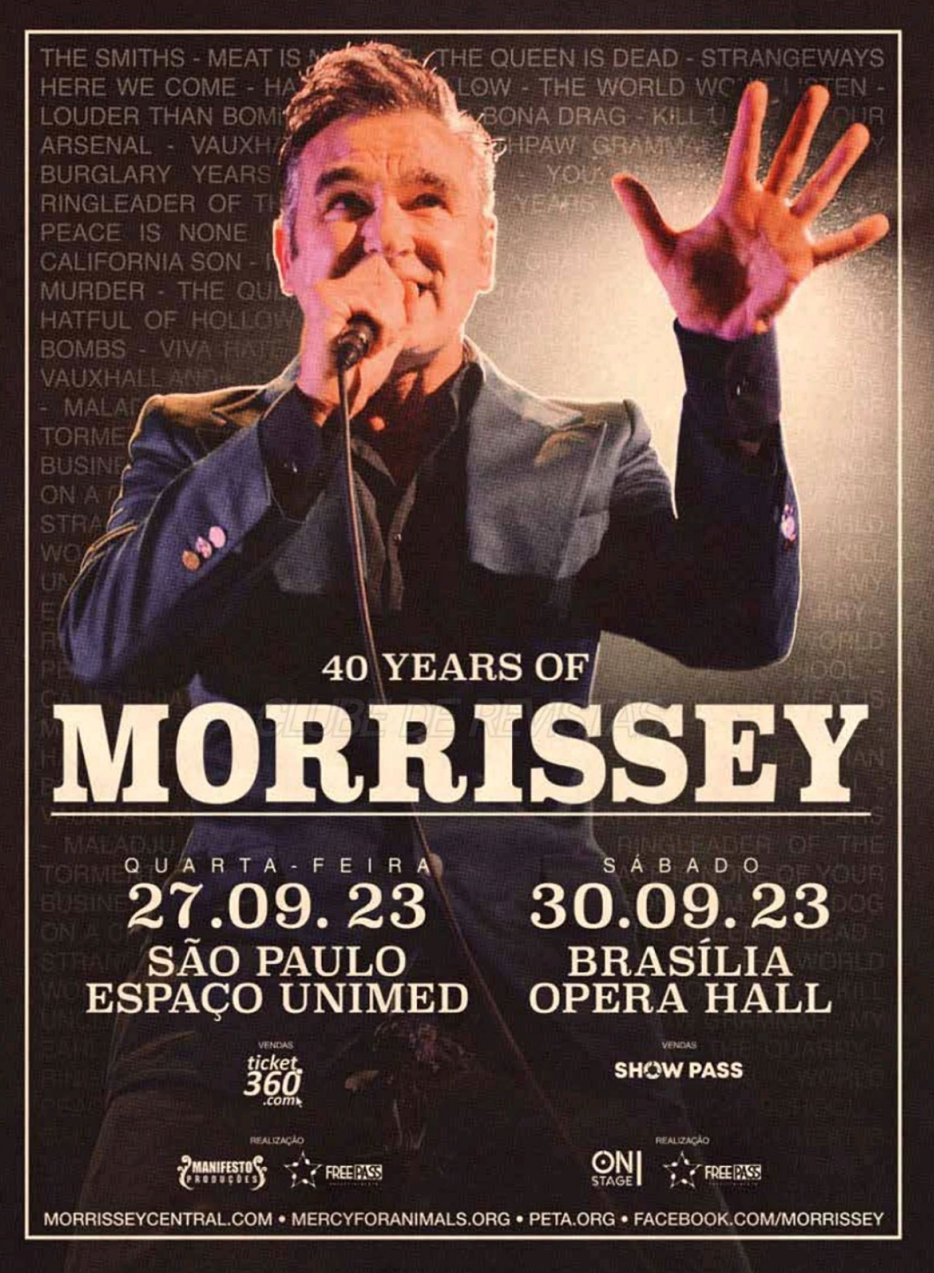
Thiago: Era uma meta antiga, mas queríamos que fizesse sentido fazê-la, não ser apenas mais do mesmo. Junto com o Cristian Bender, da Bender Beer, fizemos a Alkanza Red IPA, uma cerveja viva e com um sabor único, algo diferenciado mesmo. Queríamos algo especial, que não fosse igual a nada que rola por aí e conseguimos. É uma cerveja viva, encorpada, saborosa e com muita identidade, e creio que isso se assemelha a nós. Com o patrocínio da Nandi Ramos arte e luthieria, Hell Burger, Tatuaria Ink Garcia, e a Bender Beer com a arte do Marcelo Souza Filho para o rótulo, fizemos uma cerveja da qual nos orgulhamos como um todo. Você não aprecia apenas o líquido, você tem uma arte diferenciada que pode até colecionar a garrafa (fica linda na estante). Queríamos algo que fosse completo e não apenas uma cerveja. Creio que conseguimos.

Quais são os planos para o futuro? Podemos esperar pelo lançamento de um quarto álbum?

Thiago: Estamos entrando agora na pré-produção do próximo álbum, já temos algumas músicas compostas e estamos preparando outras. O processo está bem legal e vamos gravar com o produtor Tiago Della Vega no Shokran Studio, no Rio Grande do Sul. Devemos entrar em estúdio no começo do ano para gravar o álbum. Para nosso quarto álbum, não esperem mais do mesmo. Provavelmente será em inglês e com uma musicalidade mais madura, mas não menos brutal. Estamos sempre em busca de evolução e de trazer algo a mais para o público, e creio que estamos no caminho certo. Nós vamos vir com os dois pés nesse próximo álbum. Acompanhem a banda nas redes sociais e fiquem por dentro porque vem muita coisa boa por aí.

Gustavo Maiato

ROADIE REVIEWS


40 YEARS OF
MORRISSEY
QUARTA-FEIRA
27.09.23
SÃO PAULO
ESPAÇO UNIMED
VENDAS
ticket 360 .com
REALIZAÇÃO
MANIFESTO PRODUÇÕES
FREE PASS
SÁBADO
30.09.23
BRASÍLIA
OPERA HALL
VENDAS
SHOW PASS
REALIZAÇÃO
ON STAGE
FREE PASS
MORRISSEYCENTRAL.COM • MERCYFORANIMALS.ORG • PETA.ORG • FACEBOOK.COM/MORRISSEY

EVILMANCER
DO METAL AO CYBERPUNK

Surgido em 2018 em Teresina/PI, a Evilmancer só veio a estrear em estúdio no ano passado, quando gravou dois singles. Agora em 2023, lançou mais um trabalho nesse formato, o interessante *A Killer Wearing Tie*. Além de trabalhar em diversas vertentes do rock pesado, como thrash metal, hard rock e power metal, Alex Moreira (vocal), Marcos Jardel e Yan Silva (guitarras), Cauê Lima (baixo) e Félix Briano (bateria) também dizem ter forte influência do cyberpunk. Conversamos com Alex Moreira e Félix Briano, que falaram sobre todos esses detalhes e sobre o disco de estreia que a banda já está preparando.

Cyberpunk inspira o metal do Evilmancer

O Evilmancer surgiu em 2018 e nesses cinco anos lançou apenas três singles. A que se deve isso?

Alex Moreira: A banda iniciou em 2018 com outra formação. Nesse primeiro momento, foram compostas oito músicas que fazem parte do nosso setlist, mas como não houve tempo nem recursos para a gravação do nosso primeiro material oficial, resolvermos trabalhar esse material seguindo esse formato de singles.

Por que não lançaram um EP, por exemplo?

Alex: Com a mudança de formação da banda, decidimos juntar recursos para gravar quatro de nossas músicas. Foi o que deu pra gravar com o nosso orçamento. A ideia é que em breve aconteça o lançamento de um álbum completo.

Vocês lançaram um novo single recentemente, *A Killer Wearing Tie*. Vocês veem mudanças no estilo da banda entre os dois singles lançados em 2022 e o último?

Alex: A variação no estilo é uma coisa da banda. Não estamos fugindo do heavy metal, que é nossa maior influência. Acontece que gostamos de variar o tom e o clima das músicas para ambientar melhor com as letras de nossas músicas.

Como foi o lançamento dos singles lançados em 2022?

Alex: As primeiras quatro músicas foram gravadas todas com o lago Guimarães no Studio 202, em Teresina. Elas fazem parte da ideia original do nosso conceito. Escolhemos lançar *Atomic Bloom* primeiro pois se trata do marco inicial na cronologia da nossa concepção cyberpunk. Em seguida, soltamos *Denied Reality*, que trata de um manifesto sobre como as pessoas se submetem aos poderosos e passam a ignorar que vivem em uma realidade terrível.

Já o mais recente lançamento, *A Killer Wearing Tie*, tem muito de Iron Maiden. Essa seria uma das principais influências de vocês? Quem mais inspira o Evilmancer?

Alex: Nossas influências são diversas, como Iron Maiden, Megadeth, Black Sabbath, Van Halen, Judas Priest etc. Em *A Killer Wearing Tie*, por exemplo, é possível perceber algo que lembre a energia de Judas Priest, com um pouco de Iron Maiden. Esses foram os caras que fizeram o metal ser o que é. É natural que tenham alguma influência na nossa música.

Vocês já estão trabalhando no primeiro disco, certo? O que podem adiantar sobre ele? O estilo permanecerá o mesmo?

Félix Briano: O Evilmancer retomou as atividades em setembro de 2021, depois que as coisas foram se ajustando pós-pandemia, período em que me juntei à banda. E, além do meu ingresso no final de 2021, também aconteceu a entrada de Yan Silva em maio de 2022. Ele imprimiu sua marca na banda, somando musicalmente, e aproveitando tudo isso que aconteceu, as mudanças de formação e consequentemente as diferentes formas de se ver a música, estamos compondo músicas que refletem esse atual line-up. No tocante à produção e gravação, existem excelentes opções de estúdios e produtores em Teresina, podendo novamente trabalharmos com Iago ou outros grandes nomes daqui. Quanto ao lançamento e nome do futuro full-length, acredito que ainda teremos um ano para trabalhar nas novas composições e definir o melhor nome para representar a atual fase da banda.

Alex: As primeiras músicas da Evilmancer formam a primeira parte do nosso conceito no estilo cyberpunk. Falam sobre a decadência de um mundo e sua reformulação dentro de uma distopia. Para o próximo trabalho, o plano é aprofundar nessa história e tratar de temas atuais em paralelo ao que se passa na distopia. Em se tratando de estilo, creio que nada nos impede de explorar outras maneiras de fazer o som. Por exemplo, se a atmosfera da música for mais death metal, não há que nos impeça de fazer algo inspirado no estilo.

Sobre essa inspiração no cyberpunk, que você cita, de que forma isso aparece na música de vocês?

Alex: A Evilmancer fala de problemas atuais da sociedade traçando um paralelo com essa distopia cyberpunk que utilizamos como conceito. Dentro dessa concepção, podemos escrever músicas que falam de robôs, inteligências artificiais que controlam o sistema, pessoas que trabalham matando para o sistema (vide *A Killer Wearing Tie*) etc. Vale lembrar que o universo é uma distopia. O toque cyberpunk está na maneira como a sociedade se reorganizou no "pós-apocalipse". É um tema vasto e no qual esperamos poder nos aprofundar mais ainda.

Sobre a música *A Killer Wearing Tie*, do que a letra trata? Há aí alguma crítica à política nacional ou é impressão minha?

Alex: Ela trata de uma figura do submundo da sociedade distópica que desenhamos na nossa história. Ele representa uma das maneiras como a morte trabalha nesse cenário sem escrúpulos. Em resumo, a função do assassino é matar e ele o faz sem remorso algum. Para ele, é apenas um negócio. As maiores inspirações são os personagens John Wick e o agente 47 da franquia 'Hitman'. E, sim, também pode ser interpretado como uma referência aos conhecidos "bandidos do colarinho branco". É livre para cada um imaginar quem o assassino poderia representar no mundo real.

Hoje em dia, a gente sabe que a imagem caminha junto com a música. Vocês já estão planejando lançar vídeos?

Alex: Planejamos fazer lyric vídeos de algumas músicas do nosso futuro álbum. Ainda estamos organizando os recursos para esses projetos.

O fato de estarem no Nordeste ainda é um dificultador, como acontecia nos anos 80 e 90 (as bandas chegavam até a mudar de cidade/estado), ou com as redes sociais isso deixou de ser um problema?

Alex: Creio que hoje em dia os ouvintes não têm procurado algo específico. Somos uma banda que atua em um nicho que é bastante reduzido dentro da nossa localização geográfica. Com as redes sociais, temos a possibilidade de aparecer um pouco mais e ter uma visibilidade que não encontramos em outras mídias

Antonio Carlos Monteiro

PSICOSFERAS
MÚSICA E FILOSOFIA

O Psicosferas começou como um projeto liderado pelo vocalista e guitarrista Fabrício Oliveira, que convidou para a produção e para a parte instrumental os irmãos Andria e Ivan Busic, além de convidados como Thiago Melo, também do Dr. Sin, e Milton Medusa. Porém, após um disco de estreia em que a orientação musical ficava entre os anos 70 e 80, o grupo, agora com Thiago integrado definitivamente ao time, solta novo trabalho, *Suarabácti*, com uma opção musical bastante diferente. Quem explica isso e muito mais é o dentista e músico Fabrício Oliveira.

Ivan Busic, Fabrício Oliveira, Thiago Melo e Andria Busic: música instrumental em um 'ritual de purificação do som'

Você considera o Psicosferas um projeto ou uma banda?

Fabrício Oliveira: Psicosferas é um projeto na medida em que cumpre o propósito cultural de trazer para o rock assuntos relacionados à filosofia, ao hermetismo e à psicologia das profundezas. E o Psicosferas é também uma banda por se tratar de um trabalho sistemático realizado metodicamente pelos mesmos instrumentistas desde o primeiro momento (especialmente os irmãos Busic e eu), sendo que todos participam e respondem pelas composições, bem como assinam as músicas. Então, eu entendo que o Psicosferas é um projeto musical místico e filosófico realizado por uma formação que reúne músicos brilhantes, e não há nenhuma possibilidade de alteração da formação original.

Por que ele recebeu esse nome?

Fabrício: Psicosferas sugere um neologismo cuja semântica seria algo do tipo "fusão das mentes de caras distintos e sofisticados". Mas não. A verdade é que esse termo faz alusão simbólica às atmosferas psíquicas do planeta Terra.

Nos dois trabalhos que o Psicosferas lançou, a banda conta com os irmãos Andria e Ivan Busic. Por que a escolha recaiu sobre eles?

Fabrício: Ter trabalhado com os Irmãos Busic foi um planejamento estratégico que demorou cerca de vinte anos para se concretizar. Eles passaram de ídolos a produtores musicais do Psicosferas, depois a músicos instrumentistas oficiais e definitivos do projeto, e finalmente hoje somos uma família de bons amigos, com vínculos relacionados tanto à música quanto às nossas vidas pessoais.

Quando vocês lançaram o primeiro álbum, conversei com Ivan Busic e ele definiu o trabalho como 'uma mistura de Frank Zappa com Raul Seixas'. Você concorda com essa definição?

Fabrício: Desconfio que diante do desconhecido sempre se busca algum tipo de verossimilhança consistente para viabilizar o entendimento. Foi isso que Ivan tentou criar. Acho muito válido ser comparado a pessoas melhores que eu, mas nenhuma das duas citações fez parte da construção do Psicosferas e tampouco são influências para mim. No entanto, parece que as pessoas gostaram desse paralelismo semântico que fez muito sentido para elas, então tudo bem.

O primeiro disco do Psicosferas tem uma orientação musical que fica entre os anos 70 e 80. Já o segundo cai bastante para o progressivo e até flerta com o fusion. Qual a origem de um leque tão grande de influências?

Fabrício: Ao longo da minha formação como guitarrista, passaram pela minha vida Fabiano Carelli, Rafael Nery, Márcio Okayama, Wanderson Bersani, Mozart Mello, Jeferson Ardanuy, Milton Medusa, Ozielzinho, André Cristovam e finalmente o próprio Thiago Melo. Cada um deles deixou alguma coisa importante em mim e a todos eles soma-se minha afeição atemporal por caras como Jean-Michel Jarre e Fábio Laguna. Por isso flerto muito com arranjos eletrônicos e acho que o somatório disso tudo explica toda a versatilidade existente nas músicas.

Qual a origem do nome *Suarabácti*, que batiza o segundo disco?

Fabrício: Em sânscrito, suarabácti tem um significado aproximado a "ritual de purificação do som", geralmente associado a oferendas feitas aos deuses na tradição hindu. Ao mesmo tempo, é um termo equivalente a *Anaptixe*, a primeira música do álbum. A verdade é que me exigiu uma imaginação muito além de qualquer tentativa de falsa modéstia dar nomes a músicas instrumentais sem ser extremamente aleatório. Então, foi algo concebido dentro da proposta filosófica que sempre permeou a composição das músicas do projeto.

Por que *Suarabácti* é instrumental? Não acaba se tornando um trabalho mais 'difícil' em termos de aceitação, já que o rock instrumental não é tão popular por aqui?

Fabrício: *Suarabácti* é instrumental porque ouvir Thiago Melo tocando guitarra da forma como ele fez neste álbum coloca a obra ao nível de Joe Satriani, John Petrucci, Steve Vai... ou até melhor! Foi um desafio aceito por ele que deu muito certo, e acredito que músicas sem letras e vozes humanas alcançam de modo diferente a nossa percepção, além de romperem qualquer tipo de barreira ao entendimento linguístico.

Apesar do que falamos sobre o estilo da banda, *Ataraxia*, que fecha o disco, é puro Deep Purple. Apesar de excelente, não ficou um pouco deslocada em relação ao restante do trabalho? Ou a ideia era justamente essa?

Fabrício: *Ataraxia* é sim uma faixa deslocada das demais porque trata-se de essencialmente de um ledo engano. Quando a música já estava pronta, achei que não deveria entrar no álbum. Ela tinha ficado muito longa e cheia de clichês. Mas, para minha alegria, eu havia pedido para o Andria enviar a música *Anaptixe* para o Thiago fazer os arranjos. Por equívoco – ou não, realmente nunca saberemos –, ele enviou *Ataraxia*. Quando a recebi, ela já estava muito próxima de como a conhecemos hoje. Thiago havia recebido a instrução de fazer uma construção melódica com a guitarra substituindo a voz ao estilo Joe Satriani, pois a música não teria letra. E quando a ouvi engavetei de vez as letras que seriam cantadas e decidi que o EP seria todo instrumental. Eu me lembro que liguei (em lágrimas, confesso) para Thiago agradecendo e parabenizando pela obra-prima.

Todas as músicas de *Suarabácti* começam com a letra A. Há algum significado especial nisso ou é pura coincidência?

Fabrício: Sim, há um significado especial no fato de todas as faixas começarem com A, e somente o saberá aquele que escutar todas as músicas e em cada uma delas encontrar uma chave hermenêutica implícita. Realmente, é um exercício hermético proposto de modo subliminar aos ouvintes, assim como a capa do álbum. Tem tanta coisa ali que nem ouso tentar explicar. Fica o convite àqueles que gostam de mistérios.

Antonio Carlos Monteiro

PORTAL ROADIE CREW DESTAQUES ONLINE

ENTREVISTA
ELECTRIC MOB
Para fazer você feliz

Do impressionante álbum de estreia, *Discharge* (2020), ao novo disco, *2 Make U Cry & Dance*, o Electric Mob passou rapidamente do status de promessa ou revelação para a condição de realidade. E foi de maneira instantânea, mesmo, uma vez que os talentos de Renan Zonta (vocal), Ben Hur Auwarter (guitarra), Yuri Elero (baixo) e André Leister (bateria) - por questões pessoais e de logística, Leister cedeu o posto na turnê a Mateus Cestaro - lhe dão o direito de afirmar, sem medo algum, estar diante da melhor banda de hard rock do Brasil na atualidade. Tão singular e cheio de personalidade quanto o visual e o bom humor do quarteto de Curitiba (confira as redes sociais da banda). E num longo papo com Daniel Dutra, Renan e Ben Hur passaram a limpo a trajetória do Electric Mob. Da relação com o selo italiano Frontiers ao conteúdo crítico e social, tudo sem melindres.

ENTREVISTA
BEYOND THE BLACK
Trabalho e maturidade

Com seu novo e autointitulado álbum, o quinto numa história que começou logo ali atrás, em 2014, o Beyond the Black apresenta uma maturidade que já distancia o grupo alemão do rótulo ao qual foi colocado, o de metal sinfônico. E a responsabilidade é da vocalista, instrumentista e compositora Jennifer Haben. Com um número já considerável de mudanças na formação, a banda é o retrato da sua líder. E em entrevista a Daniel Dutra, Jennifer mostra que só não perdeu a simpatia e, numa época de estrelas instantâneas e sazonais, sua agradável timidez.

MEMÓRIA
RC #149

Fotos: Divulgação

"Não entrei no Black Sabbath porque estava com Rod Stewart que, queiram ou não, tinha muito mais visibilidade naquela época. Depois fui para a banda de Ozzy...", Carmine Appice (King Kobra, Blue Murder e outras).

YOUTUBE
RANKING CREW
ANTHRAX

O 30° episódio do Ranking Crew traz Luiz Tosi, Leandro Coppi e Daniel Iasbeck (RF Force, Secos & Molhados, Exxóttica) listando seus álbuns favoritos e comentando a discografia do Anthrax.

ASSINATURAS
E números atrasados

Para números atrasados ou fazer a assinatura para receber a ROADIE CREW em casa, acesse: www.roadiecrew.com/assinaturas ou entre em contato pelo whatsapp: (11) 96380-2917.

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

LEITOR: envie um e-mail para roadiemail@roadiecrew.com, colocando seus dados (nome completo, cidade/estado). Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Claudio Vicentin (Direrto/Editor)
Insomnium - *Anno 1696*
Enslaved - *Heimdal*
Architects - *For Those That Wish To Exist*

Ricardo Batalha (Redator Chefe)
Korvak - *II-World's Duality*
Extreme - *Six*
Winger - *Seven*

Guilherme Spiazzi (Redação)
Black Orchid Empire - *Tempus Veritas*
Empyre - *Relentless*
Einar Solberg - *16*

José Vieira (Leitor)
Destruction - *Diabolical*
Lamb of God - *Omens*
Autopsy - *Morbidity Triumphant*

Rodrigo Noé de Souza (Leitor)
Crypta - *Echoes of The Soul*
Testament - *Dark Roots of Earth*
The Troops of Doom - *Antichrist Reborn*

Reinaldo Lourenço Casias (Leitor)
Lord of the Lost - *Blood & Glitter*
In Flames - *Foregone*
Laura Cox - *Burning Bright*

EMINENCE

ONE TRUE REASON

BRUXAX

19.AGOSTO

ABERTURA:20H / SHOW: 21H

RUA JOÃO MOURA, 515 - PINHEIROS

BURRATXERIA IGLESIA

CLUBEDOINGRESSO

WWW.EMINENCE.COM.BR

/ONETRUEREASONHC

/EMINENCEBAND

/BRUXAXOFFICIAL

arte: www.jdsantosdesign.com

Dave Murray, Nicko McBrain, Bruce Dickinson, Steve Harris e Adrian Smith: vieram, viram e venceram

IRON MAIDEN

Mente sã, banda grandiosa

Quarto álbum da Donzela de Ferro, *Piece of Mind* é o primeiro capítulo da formação que fecharia um inigualável septeto na história do heavy metal mundial

Por Daniel Dutra

Para falar sobre *Piece of Mind*, é preciso olhar um pouco mais para o passado e entender, mesmo que resumidamente, como o Iron Maiden conseguiu um feito que permanece imbatível mais de quatro décadas depois da estreia fonográfica da banda inglesa. E foram mudanças que o tempo se encarregou de mostrar terem sido mais do que funcionais e, também, que se revelaram perfeitas na ascensão meteórica do quinteto - e desde 1999 um sexteto -, que se tornou verbete da melhor combinação que o heavy metal pode oferecer: música atemporal e visual milimetricamente concebido para o imaginário coletivo.

A linha do tempo que começou com Paul Di'Anno (vocal), Dave Murray e Dennis Stratton (guitarras), Steve Harris (baixo) e Clive Burr (bateria) em 1980, com o lançamento de *Iron Maiden*, teve a sua primeira curva no ano seguinte, quando *Killers* trouxe Adrian Smith no lugar de Stratton. Mais um ano se passou até *The Number of the Beast*, com a saída de Di'Anno para a entrada de Bruce Dickinson, e a Donzela passou com louvor pela prova de fogo da troca de 'frontman'. Parecia que tudo ia bem na turnê The Beast on the Road, mas o que os olhos dos fãs não veem a história acaba revelando.

"Clive era um grande baterista, com um estilo Ian Paice de tocar, firme e consistente, e com um bom feeling para tudo. O problema não era seu estilo como baterista, e sim como ele se detonava quando tinha uma noite de folga. Com o passar do tempo, ele começou a se exceder cada vez mais, particularmente na última turnê pelos Estados Unidos", disse Smith a Mick Wall em "Run to the Hills: A biografia autorizada" (2014).

A perna americana da turnê aconteceu de 11 de maio a 23 de outubro de 1982, e o Iron Maiden ainda seguiu para Austrália e Japão depois. Nada mudou. Não que o restante da banda fosse santo, mas o saudoso batera - que faleceu em 2013 em decorrência de problemas relacionados à esclerose múltipla, diagnosticada ainda no fim dos anos 1990 - começou a incomodar o único integrante que não poderia ficar incomodado: Harris.

"O que mais me preocupava à época era conseguir terminar a turnê. Pensei: 'Se temos problemas com um set de 45 minutos, como será quando fizermos nosso próprio show de duas horas?'. Era isso o que mais me incomodava no Clive. (...) Naquela turnê, tivemos de batalhar demais em algumas noites porque ele não conseguia se segurar em pé. E não fui o único a ficar puto com Clive. Todos estavam putos com ele", disse o baixista, lembrando-se de quando o batera "passou a maior parte de um show vomitando num balde."

Novo elemento, novos ares

No fim das contas, não dava mais para continuar. Burr foi dispensado, e

as baquetas passaram para as mãos de Nicko McBrain, ex-Trust, banda francesa que foi abertura do Iron Maiden em várias datas em 1981. Harris, no entanto, se lembrava do baterista de quando assistiu a uma apresentação do McKitty em 1979: "O trio enfrentou vários problemas. A guitarra do Donovan Mckitty deu pau, e Nicko e (o baixista) Charlie Tumahai ficaram improvisando enquanto ele tentava consertar. Nicko, porém, foi simplesmente espetacular! No geral, solos de bateria são um saco, mas vê-lo fazendo um foi melhor do que todo o resto do set".

Internamente, McBrain virou o novo baterista da Donzela antes mesmo de a saída de Burr ser oficialmente divulgada, o que aconteceu em dezembro de 1982. Curiosamente, a primeira apresentação da nova formação - para a grande maioria dos fãs, a definitiva - aconteceu ainda naquele ano, num programa de TV na Alemanha, onde McBrain usou uma máscara da mascote Eddie.

Sem mais nada a esconder, o quinteto e o produtor Martin Birch - que havia assumido os botões de controle em *Killers* e se tornou um personagem fundamental para a sonoridade do Iron Maiden - trocaram a cinzenta Londres, na Inglaterra, onde os três primeiros discos foram gravados, pela ensolarada Nassau, nas Bahamas, para criar o que, nas palavras de Harris, seria o trabalho definitivo da Donzela àquela altura.

"*Piece of Mind* foi certamente o melhor álbum que fizemos até então, e continuei achando isso até o *Seventh Son of a Seventh Son*, que veio cinco anos depois. Não estou dizendo que os dois discos que fizemos no meio desse período, *Powerslave* (1984) e *Somewhere in Time* (1986), não eram bons, porque em ambos há muita coisa que está entre o melhor que já produzimos. Mas, repito, *Piece of Mind*, foi especial. (...) Sentíamos como se estivéssemos nas alturas, e dá para perceber essa atmosfera ouvindo o álbum. Acima de tudo, temos as músicas, e, cá entre nós, daquela vez nós realmente criamos coisas especiais", afirmou o chefão.

Independentemente de preferências pelo disco A, B ou C Harris estava certo à época. E estava certo depois, porque o senso comum - e você pode até dizer "porque a verdade..." - é que *Piece of Mind* é o quarto capítulo de uma incrível série em sete partes: nenhuma banda na história do heavy metal conseguiu a proeza de lançar em sequência, e começando com o álbum de estreia, sete obras consideradas indispensáveis, todas no rol da discoteca básica (e obrigatória) do estilo.

Nicko McBrain, Steve Harris, Bruce Dickinson, Adrian Smith e Dave Murray: deu liga

O arsenal de Murray, Harris e Smith

O gogó ouro de Dickinson

Foto: Divulgação/Reprodução

As músicas... E as histórias que elas contam

De janeiro a março de 1983, Harris, Dickinson, Murray, Smith, McBrain e Birch se trancaram no Compass Pass Studios para dar vida a nove músicas que, umas mais, outras menos, sempre estarão na lista das favoritas de fiel legião de fãs da Donzela. Bom, ninguém ficou necessariamente enfurnado no estúdio, afinal, quem se furtaria de voltar para casa com um bronzeado? Lembre-se: Bahamas...

"Nossas opções eram a Antígua, no Air Studios, que depois foi destruído por um tornado, ou Nassau, no Compass Point. Avaliei os dois e gostei mais do Compass, então fomos para lá", lembrou o icônico produtor, que se aposentou em 1992 e faleceu em 2020, aos 71 anos. "Eu preferia ter ido ao Record Plant, em Nova York, ou para algum estúdio em Los Angeles. Teria sido mais fácil, e os resultados técnicos seriam melhores. Tudo era muito cru nas Bahamas, mas os dias eram ensolarados, e nós gostamos disso."

Piece of Mind veio ao mundo no dia 16 de maio de 1983, tornando-se um atestado de como a banda sempre deu atenção especial também ao conteúdo lírico, complemento essencial a um estilo musical próprio e construído ao longo dos anos. Sim, o Iron Maiden tem seu próprio DNA.

"A música pode causar um choque dentro de você e incitá-lo a olhar além do seu universo tradicional. No Iron Maiden, o contexto e a forma como nossas mentes funcionam estão tão

presentes que só podem ser expressadas por uma música agressiva", disse Dickinson a Philippe Touchard, da francesa Enfer Magazine, em 1983. "Nossas letras também são muito importantes, e a espiritualidade que gostaríamos de transmitir estão em pé de igualdade com a agressividade da nossa música, porque a agressividade sempre empurra os limites da compreensão e, portanto, o esforço intelectual e a abertura da mente. Veja *Revelations*, por exemplo."

As letras escritas por Dickinson e também por Harris pedem para que o ouvinte mergulhe nelas a fim de compreendê-las, mas talvez nem sempre sejam de fácil digestão para uma parcela considerável do público. E o vocalista sabe disso. "Acredito que, enquanto houver alguma energia mental disponível, não há nada para se arrepender. Se apenas uma fração da letra se destacar e tocar algumas pessoas, então creio que não terei perdido meu tempo. Não é possível convencer a todos, porque muitos movimentos usados são de fato desconhecidos pela maioria das pessoas. O interessante da letra de *Revelations* é que você pode pegar apenas um verso dela e reconstruir um evento totalmente novo, fazer uma música do zero."

Mente vazia, oficina do Diabo

Letra e música de Dickinson, *Revelations* é uma obra conceitual por si só, e de duplo significado, passando por mitologia cristã, uma teoria de Aleister Crowley e filosofia hindu. Merecia um capítulo só para ela, mas *Piece of Mind*, como um todo, mexeu com algo que passou a perseguir o Iron Maiden com mais força a partir de *The Number of the Beast*: os fanáticos religiosos, que acusavam a banda de ser satanista. Especialmente nos Estados Unidos, como contou Dickinson à Enfer Magazine.

"Os americanos não têm o mesmo senso de humor dos ingleses ou franceses, e alguns deles levaram muito a sério algumas de nossas letras com tons obscuros. Alguns lobistas religiosos exigiram que adesivos fossem colocados no *The Number of the Beast*, alertando as pessoas sobre o chamado aspecto satânico das letras. Muitos consideram Eddie, nossa mascote, um personagem perigoso, até mesmo subversivo."

E *Piece of Mind* deu continuidade à caça às bruxas em questão, a ponto de o vocalista fazer uma associação à repressão política liderada pelo senador americano Joseph McCarthy nos anos 1950 - uma perseguição nacionalista, ideológica e sistemática, sem apresentação de evidências, a comunistas. "As reações à capa do *Piece of Mind* e à foto com o cérebro foram bem próximas do Macarthismo. A maioria dos lobistas é

O então novato Nicko McBrain

Steve Harris, o poderoso chefão

Fotos: Divulgação/Reprodução

McBrain, Harris, Dave Murray, Bruce Dickinson e Adrian Smith

Harris, McBrain, Smith, Murray e Dickinson

muito rica, tem anúncios na TV contra o rock condenando todos aqueles que não têm cabelo curto, enquanto nada disso é realmente sério."

Mas não foram apenas a capa, que traz Eddie depois de ser lobotomizado, e a foto no interior do disco, com a banda sentada à mesa e um cérebro numa bandeja (diga-se: o álbum chamar-se-ia "Food for Thought"), que deixaram os grupos neofundamentalistas religiosos possuídos de raiva - em muitas famílias americanas, pais queimaram os LPs do Iron Maiden de seus filhos adolescentes. Conscientemente, a banda provocou essa reação ao incluir na capa o primeiro verso do capítulo 14 do livro do Apocalipse, só que com uma alteração na citação bíblica: a palavra "dor" foi trocada por "cérebro".

"E Deus enxugará as lágrimas de seus olhos; e não haverá mais morte. Nem tristeza ou choro. Não haverá mais cérebro; pois todas essas coisas terão passado."

E foi deliberado, realmente. Mais do que isso, acompanhado por uma gravação invertida, inserida entre *The Trooper* e *Still Life*, para tirar uma onda com aqueles que acreditavam em mensagens satânicas escondidas em discos de heavy metal. "Foi o Iron Maiden se vingando de todos os malucos religiosos que apareceram por causa do *The Number of the Beast*. A gravação é, na verdade, o Nicko completamente bêbado fazendo uma imitação de Idi Amin (N.R.: ditador que comandou Uganda na década de 1970), então o sotaque é muito forte. Tocado corretamente, Nicko fala 'O quê? Quem disse aquela coisa com aquele salto de árvore? Não se meta com coisas que você não entende.'", contou Dickinson.

"Estávamos cansados de ser rotulados como adoradores do Diabo e todas essas besteiras por esses imbecis de merda nos Estados Unidos, então pensamos: 'Certo, você quer encher o saco? Vamos mostrar como se enche o saco!', e um dos rapazes gravou a imitação que eu costumava fazer de Idi Amin quando bebia além da conta", contou McBrain em "Run to the Hills: A autobiografia autorizada". "Se as pessoas serão estúpidas por causa desse tipo de coisa, podemos dar a elas algo para serem realmente estúpidas, sabe?"

A areia que o vento levou...

"Esta é a melhor canção que já compus. Eu estava realmente satisfeito com *Phantom of the Opera*, mas agora devo dizer que ela é a melhor", disse Harris em entrevista a John Stix, em julho de 1983. Ou seja, antes de o baixista criar *Rime of the Ancient Mariner*, mas, enfim,

ele se refere a *To Tame a Land*, o épico que encerra *Piece of Mind* e trouxe mais uma polêmica ao quarto álbum do Iron Maiden. Mesma que uma muito mais leve do que as acusações de satanismo.

O baixista escreveu a letra tendo como base o romance de ficção científica "Duna" (1965), do autor americano Frank Herbert e que deu origem a três filmes - em 1984, 2021 e 2023 - e a uma série de TV - em 2000. A música, inclusive, se chamaria "Dune", tanto que primeiras prensagens do disco traziam *To Tame a Land* com o seu título original, mas aí o escritor resolveu embarreirar tudo. Ao pedir permissão ao agente de Herbert, a banda recebeu de volta a seguinte resposta:

"Frank Herbert não gosta de bandas de rock, particularmente bandas de heavy metal. E especialmente de bandas como o Iron Maiden."

"Foi isso mesmo. Primeiramente, queríamos chamar a música de 'Dune', como o livro, mas Frank Herbert ameaçou banir o álbum. É estúpido, porque ele já havia nos vendido o direito por um preço muito alto. De qualquer forma, continuamos fiéis ao livro. Se ele soubesse do sucesso do álbum, e que publicidade isso poderia ter sido para ele...", disse Dickinson ao francês Phillippe Cuisset, do Metal Attack Magazine, em dezembro de 1983, quando o disco *Piece of Mind* já havia chegado ao 14º lugar do então concorridíssimo Top 200 da Billboard. Apenas nos Estados Unidos, país de Herbert, foram vendidas mais de um milhão de cópias, o que garantiu Disco de Platina à Donzela.

"Ele assumiu que, pelo fato de sermos uma banda de heavy metal, devemos ser um bando de imbecis, o que, no mínimo, é uma atitude de quem tem uma visão bem limitada", declarou o empresário do Iron Maiden, Rod Smallwood, para a biografia oficial. Mas *Piece of Mind* não é apenas polêmica, especialmente a envolvendo os fanáticos religiosos, que, no fim das contas, acabam trazendo ainda mais holofotes para a Donzela. *Piece of Mind* é um compilado de nove das grandes músicas criadas pela banda, cujo destaque o tempo reservou àquela que fala sobre "a Guerra da Crimeia com os britânicos contra os russos. A introdução tenta recriar os cavalos galopantes sob o comando da Brigada Ligeira. É uma canção atmosférica."

Nove faixas, uma sempre presente

A declaração acima foi dada por Harris a John Stix, em 1983, numa tentativa de resumir *The Trooper*, segundo single e a mais famosa das músicas do álbum - entre os fãs, uma vez que o primeiro single, *Flight of Icarus*, foi a que as rádios abraçaram com mais entusiasmo. "No caso de *The Trooper*, nós conseguimos capturar o clima certo", completou o baixista, então revelando que ela, *To Tame a Land* e *Die With Your Boots On* eram suas favoritas. Sem dúvida que conseguiram, inclusive com a encenação ao vivo comandada por Dickinson, que explicou a música ao The Orange County Register, em 2008.

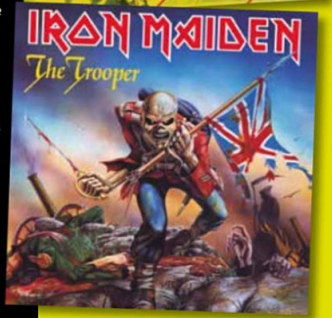
"Creio que pode resumir a atitude do Iron Maiden em relação a guerras, que em 99% dos casos são leões liderados por cordeiros. Ou leões liderados por burros, no caso da I Guerra Mundial e, de fato, daquele desastre da Crimeia... Mas nós gostamos de (Winston) Churchill (N.R.: primeiro-ministro britânico em duas oportunidades: de 1940 a 1945, durante a II Guerra Mundial, e depois de 1951 a 1955). Ele tinha suas falhas, mas gostamos dele basicamente porque foi ele quem enfrentou um dos regimes mais perversos que o mundo já viu", disse o vocalista, referindo-se ao nazismo. "E não porque precisava, mas porque queria, como um homem que poderia fazer a diferença no mundo. Quando tantos políticos teriam feito um acordo, ele não fez. Acredito que todos nós o admiramos por isso, e é por causa dele que nós, ingleses, hoje não falamos alemão."

A base para Harris escrever letra e música foi a Carga da Brigada Ligeira, que aconteceu durante a Batalha de Balaclava, em 1854. Um dos eventos da Guerra da Crimeia, que durou de 1853 a 1856, ela inspirou o filme "The Charge of the Light Brigade" (1936), estrelado por Errol Flynn e Olivia de Havilland - algumas das cenas estão no videoclipe de *The Trooper*. Ao vivo, Dickinson faz o que sabe fazer de melhor além de cantar - leia-se ser um dos melhores 'frontmen' da história - ao encenar a música usando uma bandeira do Reino Unido (conhecida como Union Flag ou Union Jack) e, mais recentemente, vestindo até mesmo um autêntico uniforme de casaco vermelho que teria sido usado durante a batalha.

Faz parte do show, mas não necessariamente agrada a todos. O uso da bandeira britânica sempre foi malvisto por parte do público na Argentina, um país que ainda carrega o trauma da Guerra das Malvinas, ocorrida de abril a maio de 1982; e os fãs irlandeses, em 2003, receberam o momento com vaias num show em Dublin, capital da Irlanda, país que se declarou livre do Reino Unido em 1919, o que efetivamente só aconteceu em 1921, com a Guerra da Independência. Em 2016, na primeira vez do Iron Maiden na China, a bandeira não fez parte das apresentações em

Os Dois Singles

O quarto álbum de estúdio da Donzela de Ferro teve somente duas músicas de trabalho, e a impressão que fica é que foram escolhidas a dedo entre as nove faixas. *Piece of Mind* foi antecedido em pouco mais de um mês – no dia 11 de abril – pelo lançamento de *Flight of Icarus*, o primeiro single da banda sem Steve Harris como autor ou coautor. Composta por Bruce Dickinson e Adrian Smith, a canção teve *I've Got the Fire*, cover do Montrose como lado B, e acabou sendo mais bem-sucedida nos rankings (oitavo lugar nos Estados Unidos, 11º no Reino Unido) do que *The Trooper*, lançado quando *Piece of Mind* já estava nas lojas, mais precisamente em 20 de junho. Assinada por Harris, a música ficou na 12ª posição na parada britânica e na 28ª nos EUA, onde o lado B, *Cross-Eyed Mary*, cover do Jethro Tull, acabou tento mais exposição nas rádios. A história, no entanto, reservou mudanças: enquanto *Flight of Icarus* ficou 32 anos fora do repertório ao vivo, até 2018, *The Trooper* é presença constante e ainda virou o nome da cerveja do Iron Maiden.



Pequim e Shangai. Foi parte do acordo com o governo de Xi Jinping para que a banda pudesse se apresentar no país.

A volta de Ícaro

Musicalmente, *The Trooper* se tornou a canção mais emblemática de *Piece of Mind*, mas os 40 anos do álbum ressaltam um dos lados mais importantes do Iron Maiden: o de uma banda contadora de histórias. E boas histórias. Ótimas histórias, na verdade. *Still Life* tem como base o livro "The Inhabitant of the Lake and Less Welcome Tenants" (1964, inédito no Brasil), um compilado de contos de fantasia e terror escritos pelo autor britânico J. Ramsey Campbell; *Sun and Steel* - que virou um dos rótulos sazonais da linha de cervejas da Donzela - é baseada num ensaio escrito em 1968 pelo poeta japonês Yukio Mishima sobre a vida do samurai Miyamoto Musashi, que, mesmo depois de sua morte, em 1645, ainda detém o recorde de 61 duelos.

Quest for Fire é sobre o filme de mesmo nome, chamado de "A Guerra pelo Fogo" no Brasil, dirigido pelo francês Jean-Jacques Annaud em 1981; e a sétima arte também inspirou *Where Eagles Dare*, a música que abre o disco com uma antológica carta de apresentação de McBrain. No caso, o longa homônimo de Brian G. Hutton lançado em 1968, e que no Brasil chegou às telonas com o nome "Desafio das Águias". E por último, mas não menos importante, temos *Flight of Icarus*, que, acredite, não foi consenso internamente.

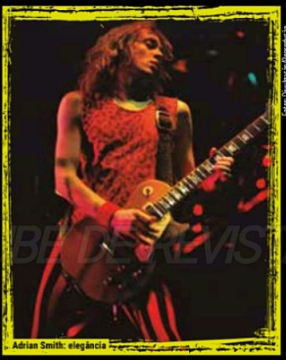
"Não existe algo errado com *Flight of Icarus* como música, mas eu gostaria de ter tido mais tempo para trabalhar nela antes de gravá-la", disse Harris a Mick Wall. E o patrão foi rapidamente rebatido por Dickinson, coautor da canção: "Steve nunca gostou dela por achar que era muito lenta, mas eu queria que ela tivesse um tempo mais estável, porque sabia que tocaria nas rádios dos Estados Unidos se a mantivéssemos assim. E eu estava certo".

Agradável e felizmente resgatada para o setlist em 2018, durante a turnê Legacy of the Beast, a música ficou fora dos shows por mais de três décadas (veja o box sobre os singles de *Piece of Mind*), e o vocalista, em seu livro "Para que serve esse botão? Uma autobiografia" (2017), não se fez de rogado ao explicar o porquê de um hiato tão longo: "Gravamos daquela forma e entramos no top 10 da parada radiofônica, fora de todos os padrões. Por acaso, acho que o andamento certo era aquele mesmo, independentemente de qualquer coisa, mas tenho certeza de que Steve discorda, porque já são 30 anos que não a tocamos ao vivo".

Vale observar, no entanto, que Harris faz uma referência explícita à música, porque a letra é outra história. Uma que provavelmente o baixista gostaria de ter

Steve Harris em seu habitat natural

O Iron Maiden e um cérebro à la carte



Adrian Smith: elegância

Fotos: Divulgação/Reprodução

Dave Murray, Smith, Buce Dickinson, Nick McBrain e Harris

Murray, Harris, Dickinson e Smith: o batalhão de frente da Donzela

contado. Com título autoexplicativo, *Flight of Icarus* é sobre o clássico mito grego da tentativa de fuga de Ícaro da prisão do Rei Minos no Palácio de Cnossos, na Ilha de Creta. Ícaro e seu pai, Dédado, constroem asas de pena e cera para que pudessem escapar do cativeiro voando.

Porém, num ato de rebeldia, o jovem desobedece a Dédado e voa muito perto do sol, o que faz a cera que prendia as penas derreter. Ícaro cai para a morte no oceano, no local hoje chamado de Mar Icariano. Dickinson, no entanto, deu um contorno ainda mais dramático ao seu próprio enredo: usando um jovem e um velho como referências a Ícaro e a Dédado, respectivamente, o vocalista modificou a história ao fazer com que o pai seja o responsável pela morte do filho, ao dizer "voe em seu caminho, como uma águia; voe tão alto quanto o sol; no seu caminho, como uma águia; voe e toque o sol". E o desfecho é o mesmo: Ícaro morre ao cair no mar.

Ascensão na estrada

"A turnê de *Piece of Mind* foi o início da sensibilização da banda. Antes dela, excursionar pelos Estados Unidos tinha sido muito fácil. Fazíamos nosso show logo cedo e passávamos o resto da noite curtindo. Agora, como banda principal, não podíamos nos dar o luxo de fazer cagadas. As pessoas diziam que era um erro tentarmos fazer tão cedo a nossa própria turnê nos EUA, diziam que ainda não estávamos prontos e que não dariamos conta, então queríamos mostrar a todos que estavam enganados. Tínhamos algo a provar, e acredito que todos levaram aquilo um pouco mais a sério", contou Smith na biografia oficial da Donzela.

Não que Dickinson, Harris, Murray, Smith e McBrain, e especialmente o batera, tenham virado monges budistas na World Piece Tour, que virou Europa e Estados Unidos do avesso entre maio e dezembro de 1983 - você pode conferir momentos da turnê nos DVDs *Live After Death* (2008) e *The History of Iron Maiden - Part 1: The Early Days* (2004), este com o show da Donzela em Dortmund, Alemanha, num festival que teve Ozzy Osbourne, Judas Priest, Scorpions, Def Leppard e Quiet Riot se apresentando antes.

Não, ninguém deixou de aproveitar, mas os excessos foram limitados pelo fato de o Iron Maiden pela primeira vez ter caído na estrada como atração principal em qualquer cidade por que passasse.

Os esporádicos shows como 'headliner' nos anos anteriores haviam ficado para trás, definitivamente, e *Piece of Mind* acabou se tornando a preparação para o que viria a seguir: aproximadamente 300 shows em 28 países, durante nada menos que 13 meses, para promover *Powerslave*, mas essa é uma história a ser contada em 2024.

CLUBE DE REVISTAS

CLASH BULLDOGS

UM DOS DESTAQUES DO HEAVY METAL NACIONAL LANÇA SEU ÁLBUM DEBUT - BARK POWER!

CLASH BULLDOGS - BARK POWER

COM COMPOSIÇÕES COM BLAZE BAYLEY, HENRIQUE FOGAÇA E MIKE ORLANDO
PRODUZIDO POR THIAGO BIANCHI (NOTURNALL)
BANDA JÁ SE APRESENTOU AO LADO DE GRANDES NOMES COMO
SHAMAN, NOTURNALL, FELIPE ANDREOLI (ANGRA), SINISTRA E MATANZA RITUAL

@CLASH_BULLDOGS

Spotify DEEZER amazon Prime Music Available on iTunes

arte/clash www.studio1604.com.br

PLAYLIST

Por Ricardo Batalha • Foto: Divulgação

▶ Defender of Metal: "Faixa-título do primeiro disco do Hellish War, de 2001. É o hino maior da banda! O álbum *Defender of Metal* foi lançado em abril de 2001 e assumi as baquetas do Hellish na sequência, cerca de dois meses depois. Nosso baixista, JR, também chegou ao Hellish War logo em seguida. Tivemos então a oportunidade de fazer todos os shows de divulgação do disco. Era uma época boa para o metal nacional, fizemos uma turnê extensa, que passou por boa parte do estado de São Paulo, além de Minas Gerais e Paraná. Entre os shows com um lugar especial em minha memória, destaco a abertura para o Saxon, em Curitiba, juntamente com o Dominus Praelii. Também me lembro bem da minha estreia com o Hellish War, no Fofinho Rock Bar juntamente com o finado Tigercult. *Defender of Metal* é certamente uma das minhas músicas preferidas para tocar ao vivo, sendo sempre um dos pontos altos dos shows. Ter ao meu lado o metal brother JR no baixo há mais de vinte anos é também um privilégio e acho que *Defender of Metal* é uma das músicas em que nosso entrosamento fica evidente. Em uma de nossas apresentações recentes, tivemos a oportunidade de ter nosso ex-vocalista Roger Hammer dividindo os vocais com Bil ao vivo. Foi uma grande festa! Gosto muito também da versão ao vivo dessa faixa disponível em *Live in Germany* (2010). Essa versão também pode ser encontrada nas plataformas de streaming."
Álbum: Defender of Metal (2001)

▶ We Are Living for the Metal: "Em 1999, dois anos antes de entrar para o Hellish War, lembro-me de assistir à banda ao vivo em duas ocasiões: a primeira vez foi em um concurso de bandas promovido pela escola Cultura Inglesa em Campinas, onde também tocaram outros grupos conhecidos na região, incluindo Rei Lagarto, Dark Time e Stupid Vision, além da minha primeira banda (Sagrez); a segunda vez foi em Valinhos (SP), onde o Hellish War dividiu o palco com o saudoso Dark Avenger. Em ambos os shows, *We Are Living for the Metal* foi a música que mais me chamou a atenção. É uma faixa poderosa, eu poderia usá-la como referência para definir meu gosto musical. Se você foi a qualquer show do Hellish War nos últimos vinte anos, essa foi muito provavelmente a música que fechou o setlist naquele dia (risos)."
Álbum: Defender of Metal (2001)

▶ Hellish War: "Considero essa a faixa 'irmã' de *We Are Living for the Metal*, tanto pela pegada e pela atmosfera, como também por sua estrutura. Gosto demais do trecho após os solos de guitarra, em que a mudança de andamento para uma levada cadenciada deixa o peso dos riffs e da cozinha de baixo e bateria ainda mais evidente. Como não poderia deixar de ser, a música que leva o nome da banda deve funcionar como cartão de visitas e dar uma boa amostra do que são o DNA e a sonoridade dela. Acho que *Hellish War* cumpre muito bem esse papel."
Álbum: Defender of Metal (2001)

DANIEL PERSON
HELLISH WAR

CLUBE DE REVISTAS

▶ NOME COMPLETO: Daniel Person
▶ NASCIMENTO: 10/05/1983, em Valinhos/SP
▶ BANDAS QUE INTEGROU: Hellish War

▶ Heroes of Tomorrow: "*Heroes of Tomorrow*, faixa-título do nosso segundo trabalho de estúdio, é uma das músicas mais longas da banda, com diversas passagens ao longo de seus dez minutos. A introdução acústica logo dá lugar ao peso e a bela melodia vocal é, para mim, um dos destaques. Por volta dos cinco minutos, a música entra em seu clímax, com arranjos de orquestra que considero belíssimos – contribuição do grande músico e produtor Ricardo Domingues. A música vai caminhando então para o seu final, novamente com belos duetos de guitarra e levadas em dois bumbos acompanhando a faixa até o seu encerramento. O álbum *Heroes of Tomorrow* levou anos para sair, iniciamos sua composição em 2002 e o gravamos três vezes. No entanto, por problemas contratuais, só pudemos lançá-lo em 2008. Após muito tempo fora de catálogo, estamos contentes por poder disponibilizar novamente esse disco no formato físico: a gravadora Metal Relics relançou este álbum recentemente em uma versão muito caprichada. Vale a pena conferir!"
Álbum: Heroes of Tomorrow (2008)

▶ Metal Forever: "*Metal Forever* é a música do Hellish War mais escutada no Spotify, chegando quase aos duzentos mil plays. A ideia do título da música partiu do Vulcano – eu então compus a letra, sendo essa a primeira que escrevi para o Hellish, acredito que com 18 anos na época. Apesar de saber que as letras de nossas músicas evoluíram bastante com o passar do tempo, recebemos depoimentos ainda hoje de fãs dizendo o quanto as mensagens positivas presentes em *Metal Forever* os ajudaram a superar momentos de depressão e a passar por períodos difíceis durante a pandemia. E algo que nos deixa muito contentes e retrata o quão importante é o papel da música em nossas vidas. Os solos dessa música também merecem destaque – novamente um prato cheio para os guitarristas! Ah, essa foi também a última música que fizemos contendo a palavra 'metal' no título. Sendo o primeiro álbum do Hellish War uma verdadeira 'chuva metálica' quando analisamos as letras (risos), sentimos que, a partir daquele momento, faria bem à banda expandir as ideias para outros temas também."
Álbum: Heroes of Tomorrow (2008)

▶ **Son of the King:** "*Son of the King* também fez sucesso no game online Guitar Flash. As linhas de guitarra dela são marcantes, e há um longo trecho instrumental - iniciando aos 2'20" - e se estendendo até os 5'00" - que é um dos meus momentos preferidos de toda a discografia da banda. Logo após o refrão, se inicia uma passagem intrincada, que serve de introdução para os solos, desembocando em um belo dueto de guitarras para, enfim, retornar ao tema principal. O refrão também funciona muito bem ao vivo, sendo uma presença frequente nos shows."
Álbum: Heroes of Tomorrow (2008)

▶ **Keep it Hellish:** "*Keep it Hellish* é a faixa-título do nosso terceiro álbum de estúdio, lançado em 2013, sendo também o primeiro trabalho com Bil Martins nos vocais. Gravamos um videoclipe para ela, disponível no YouTube, atualmente com mais de cem mil visualizações. Pude criar as melodias vocais para essa música e também a letra, que é inspirada na experiência que tivemos com a primeira turnê europeia do Hellish War em 2009. Passamos por Alemanha, França, Suíça, Bélgica e Holanda, e foi uma em período memorável para nós. Logo após o lançamento do álbum, voltamos à Europa para nossa segunda turnê, na qual também tocamos na Polônia, além de retornar aos países pelos quais já havíamos passado anteriormente. Se você é fã de Running Wild e Helloween, pode dar um play em *Keep it Hellish* sem medo (risos)! É também uma música que funciona muito bem ao vivo. Em 2018, tivemos a oportunidade de abrir o único show do Armored Saint no Brasil – *Keep it Hellish* foi nossa faixa de abertura naquele show."
Álbum: Keep it Hellish (2013)

▶ **Reflects on the Blade:** "Desnecessário dizer que, como baterista, sempre gostei de músicas que começavam com introduções de bateria (risos). Mas é realmente após os primeiros dez segundos que *Reflects on the Blade* se apresenta por completo, com uma performance das guitarras que considero incrível. Mérito dos metal brothers Vulcano e Daniel Job. Se alguém que nunca escutou o Hellish War me pedir para que eu apresente a banda em uma única faixa, essa é certamente uma música que me vêm à mente. O riff principal me lembra algo do Saxon e o trabalho de Bil Martins nessa música é, em minha opinião, um dos melhores registros vocais de toda a discografia da banda. A inspiração para a letra veio de um "frame" congelado de um filme, em que um guerreiro enxerga o inimigo se aproximando através do reflexo na lâmina de sua espada. Neste ano, *Keep it Hellish* completa dez anos de lançamento e pretendemos fazer alguns shows especiais, priorizando as músicas dele no setlist. Estou ansioso para voltar a tocar *Reflects on the Blade* ao vivo."
Álbum: Keep it Hellish (2013)

▶ **Masters of Wreckage:** "*Masters of Wreckage* é faixa do álbum *Keep it Hellish* e uma das minhas favoritas deste trabalho. O clima e a velocidade me remetem a *Walls of Jericho*, clássico do Helloween e referência para todos da banda. Gosto da estrutura pouco usual, com os vocais se iniciando sem a presença de baixo e bateria, criando um clima de tensão na música, que em seguida 'cresce' com a entrada da cozinha. É uma música que exige um bom entrosamento técnico – daquelas difíceis de se tocar sem ensaiar. Mesmo assim, de vez em quando a gente arrisca (risos). Certamente, a incluiria em um 'Best Of' do Hellish War."
Álbum: Keep it Hellish (2013)

▶ **Wine of Gods:** "Algumas partes de *Wine of Gods* foram compostas há mais de vinte anos, mas nunca havíamos parado para lapidá-la da maneira como gostaríamos. Durante o processo de criação do álbum, em 2019, retomamos essa composição e então chegamos à sua versão final. Gosto muito do trecho inicial: as melodias de guitarra ao longo do primeiro minuto me remetem à atmosfera de *Caught Somewhere in Time* do Iron Maiden!"
Álbum: Wine of Gods (2019)

▶ **Warbringer:** "*Warbringer* foi a primeira vez em que contamos com uma participação especial em uma música: Chris Boltendahl (Grave Digger) divide os vocais com Bil Martins. Lembro como se fosse hoje o dia em que recebemos as gravações dos vocais do Sr. Boltendahl: era um sábado de manhã, eu estava dirigindo quando recebi uma mensagem do nosso produtor e amigo Eliton Tomasi, com as prévias dos áudios em MP3. Parei o carro na rua e apertei o play. Foi um momento surreal ouvir a mesma voz que gravou clássicos como *Rebellion (The Clans Are Marching)* e *Heavy Metal Breakdown* agora cantando uma das músicas do Hellish War! Bil também ficou especialmente contente com a oportunidade de fazer este dueto com Chris Boltendahl, pois ele também é um grande fã do Grave Digger. No momento em que tivemos a ideia de chamar um vocalista internacional para participar do nosso disco, tínhamos dois nomes no topo da nossa lista: além de Chris, outra opção que cogitamos era Biff Byford, do Saxon. Temos um lyric video muito legal para *Warbringer* também – convido todos os leitores da ROADIE CREW a darem uma conferida em nosso canal do YouTube."
Álbum: Wine of Gods (2019)

O BOM, VELHO E NOVO EXTREME

CLUBE DE REVISTAS

Quinze anos se passaram desde *Saudades de Rock*, e Gary Cherone explica por que o tempo ajudou a diversificar *Six*, o novo disco, e a rejuvenescer a banda

Por Daniel Dutra e Denyze Moreira

"*Six* entrega o Extreme que você conhece e adora, mas também apresenta um Extreme que você não conhece. E um novo Extreme que vai surpreender. É mais pesado e sem limites, e a música atinge novos horizontes. Mas não se engane: as harmonias vocais únicas, o groove e o excelente trabalho de guitarra ainda são intocáveis. Bem-vindo ao Extreme dos anos 2020." Não, essas aspas não são o anúncio do novo álbum do quarteto formado por Gary Cherone (vocal), Nuno Bettencourt (guitarra e vocal), Pat Badger (baixo) e Kevin Figueiredo (bateria). Muito menos estão nos adesivos colados na caixa do CD ou na capa do vinil. No entanto, exprimem bem o que o fã encontra em *Six*: é o Extreme de sempre, mas diferente. E foi com o simpático e educadíssimo Cherone que conversamos para saber tudo e mais um pouco, e o resumo do papo você começa a ler agora.

Os piores momentos da pandemia ficaram para trás, mas como você passou por isso? E como está agora?

Gary Cherone: Concordo com você, porque o pior já passou, e foi frustrante para todo mundo, não necessariamente apenas para nós, músicos. A pandemia realmente nos deteve de fazer turnês, o que foi decepcionante, mas trabalhamos em estúdio e agora estamos muito animados para pegar a estrada e começar a tocar as músicas novas.

E como foi o show em São Paulo (N.R.: no dia 2 de junho, no festival Best of Blues and Rock), principalmente a reação do público às três novas músicas que a banda tocou?

Gary: Sabe, no passado ficaríamos relutantes em tocar material novo, em função da falta de exposição que tínhamos, mas por causa da esmagadora resposta do público aos nossos vídeos, parece que... Cara, lembro-me de que, quando começamos a tocar *Banshee* e *Rise*, percebi que o público as conhecia! Vi pessoas na plateia realmente cantando os refrãos, e isso me deixou surpreso!

***Six* veio 15 anos depois de *Saudades de Rock*, mas vocês já estavam trabalhando no novo álbum há muito tempo. Assim, quantas mudanças foram feitas no caminho para a lista final de faixas? Arranjos, músicas novas por causa de novas influências...**

Gary: Você está certo. Vínhamos trabalhando nesse disco há alguns anos, e toda vez que eu ia a Los Angeles acabávamos revendo o material que eu havia gravado, às vezes eu mesmo regravava alguma coisa que queria mudar, e aí vinha alguma música nova que empurrava uma antiga. Então, algumas que estavam na prateleira foram trocadas por outras que achamos que encaixavam melhor no álbum. Quando veio a pandemia, nós compusemos mais músicas, e foi assim

que a coisa evoluiu, mas eu e Nuno nos demos conta, nessa hora, que ficaríamos para sempre numa de ficar substituindo músicas! (risos) Poderíamos ter colocado 15 músicas ou mais neste disco, mas escolhemos 12 boas canções, e com um pouco de diversidade, e optamos por acertar os fãs de hard rock em cheio com os dois primeiros vídeos, e depois disso todos poderiam ouvir o espectro musical que criamos na segunda metade do álbum.

Perguntei isso porque o Extreme realmente saiu da sua zona de conforto desta vez. *Six* soa como três ou quatro bandas diferentes, e algumas são novos extremos para os fãs...

Gary: É verdade. O Extreme sempre teve algumas músicas meio fora da caixa, como *When I First Kissed You* no *Pornograffitti* (1990) ou *Seven Sundays* no *III Sides to Every Story* (1992), mas no novo álbum nós realmente fomos mais fundo, e ele pode ser um pouco desafiador para alguns dos nossos fãs. Mas acredito que eles já esperam algum nível de diversidade, e *Six* talvez seja o disco mais diversificado que fizemos. Nós nos desafiamos, incorporamos novos sons, e canções como *Thicker Than Blood* ou *X Out* têm elementos modernos, com aquele lance de programação. *Six* tem o suficiente para agradar aos fãs do Extreme que esperam guitarras, harmonias e baladas como *Small Town Beautiful* ou *Hurricane*, que são familiares, e creio que eles vão gostar. Recomendo que ouçam o álbum com a mente aberta, sem pré-concepções sobre o que é o Extreme, porque é claro que vão ouvir *Rise*, *Banshee* e *#Rebel* e dizer 'Ah! Isso é Extreme!', mas espero que, assim como nós expandimos nossos horizontes, nossos fãs façam o mesmo.

Ainda assim, de *Rise* a *Banshee* eu tive a mesma sensação de quando ouvi *Waiting for the Punchline* (1995) pela primeira vez, a de que a banda estava dando um passo à frente. Isso faz sentido?

Gary: Sim! À época, nós estávamos vindo do *III Sides to Every Story*, que foi pesadamente produzido, e com o *Waiting for the Punchline* nós quisemos nos despir daquilo e fazer a banda soar como soa ao vivo, então o disco acabou soando mais moderno do que o que estava acontecendo na metade dos anos 1990. Nos últimos 15 anos, a música evoluiu, e há muito coisa que eu e Nuno ouvimos que nos influenciou. Seja subliminarmente, pelo fato de o Nuno trabalhar com a Rihanna e alguns daqueles elementos pop e sons modernos, ou bandas que vieram depois. Não que estivéssemos imitando esses artistas, mas as músicas que ouvimos encontraram um caminho, então espero que a nossa própria música também evolua.

A propósito, é interessante que os quatro primeiros singles e videoclipes sejam as primeiras quatro músicas do álbum. Foi intencional?

Gary: Muito! (risos) A segunda metade do disco fica um pouco experimental, então seria mais difícil para os fãs engolirem e digerirem. Deliberadamente, decidimos pela primeira metade ter *Rise*, *#Rebel*, *Banshee* e *Other Side of the Rainbow* porque sabíamos que assim chamaríamos as pessoas para dentro. O Extreme sempre teve um problema: nunca haverá uma música sozinha que representará um disco. Quando lançamos *More Than Words*, todo mundo pensou que éramos uma banda de músicas lentas, mas lá estávamos com *Pornograffitti*, *Get the Funk Out* e *Decadence Dance*,

SIX
Sound City/Valhall Music/earMusic - Nac.

por exemplo, então sabíamos que seria uma combinação de algumas músicas. *Other Side of the Rainbow* é uma clássica música pop do Extreme, e quem escutá-la vai se ligar tipo 'Ah, sim, isso é Extreme', porque dá para ouvir a harmonia e a guitarra singular. E voltando à pergunta anterior, você pegou bem, porque *Rise* e *#Rebel* são, provavelmente, as duas músicas mais pesadas que já fizemos.

***More Than Words* e *Hole Hearted* fizeram muito sucesso no Brasil, também, mas acabaram tendo um efeito colateral entre os próprios fãs de hard rock, que perdem a chance de ouvir joias como *It ('s a Monster)* e *Cupid's Dead*, por exemplo, porque acham que o Extreme é uma banda de baladas...**

Gary: E é incrível você dizer isso, porque muitos conhecem *More Than Words* e *Hole Hearted*, mas até hoje não conhecem a banda! Sempre ouço por aí 'Ah, eu amo *More Than Words*, que tem aqueles dois caras cantando!', mas sequer sabem que se trata de uma banda (risos). Elas não sabem nem o nome dos dois caras! (risos) Sempre digo que houve um certo equívoco sobre o que é o Extreme, mas não nos importamos com isso.

Você mencionou *Thicker Than Blood* e *X Out*, as músicas que, acredito eu, serão um choque para alguns fãs. A banda conversou sobre isso internamente?

Gary: Sim, e sabíamos que, com essas em particular, estaríamos entrando num novo território, e a verdade é que estávamos animados com isso! (risos) Elas foram partes de canções que o Nuno trouxe para mim antes de eu começar a compor. Quando ele tocou o instrumental de *X Out*, eu fiquei meio chocado, tipo 'Ok, isso é diferente!', e nós dois mergulhamos nesse processo, porque estávamos animados com o material novo. Talvez alguns fãs não vão curtir porque eles gostam do que gostam do Extreme, mas acredito que, a essa altura do jogo, os fãs já esperam que nós os desafiemos. E essas são algumas das minhas músicas favoritas do disco! Claro, vão precisar de mais de tempo para serem digeridas, enquanto *Other Side of the Rainbow* e *Small Town Beautiful* são bem mais fáceis de serem entendidas.

Com toda a diversidade, há uma coisa que conecta as 12 músicas do *Six*, e é o que o Extreme faz melhor do que a maioria das bandas de rock: melodias e harmonias vocais, um trabalho na melhor escola do Queen e dos Beatles.

Gary: Em primeiro lugar, muito obrigado pelas suas palavras! Foi muito gentil explicar dessa maneira, e o Extreme realmente tem orgulho das harmonias. Temos muita sorte das nossas vozes, a minha, a do Nuno e a do Pat, combinarem tão bem. Nuno canta as harmonias mais graves; eu, as notas-raiz; e Pat tem aquele tom limpo, e nossas vozes funcionam juntas. Em músicas como *Small Town Beautiful*, eu e Nuno trocamos as harmonias e fazemos um dueto, assim como em *More Than Words* e *Hole Hearted*, e temos orgulho disso. Como você disse muito bem, é algo único e que nos diferencia de outras bandas, porque temos um som harmônico distinto. Quando ouço Eagles, eu sei que é Eagles; quando ouço Queen e Beatles, também sei quem são. E não que eu queira nos comparar a essas bandas, mas temos mesmo um som único quando os três cantam juntos.

Gostaria de falar sobre a capa do álbum, com aquele gorila raivoso. A princípio, pensei que estivesse relacio-

CLUBE DE REVISTA

nada à sonoridade mais pesada, mas isso mudou depois que ouvi o álbum inteiro. Qual é o significado?

Gary: Boa pergunta! O Nuno trouxe algumas fotos de gorilas, nós escolhemos aquele, e a explicação é que estamos dizendo 'Paixão! Poder! Isso é o Extreme, e nós estamos voltando! Somos ferozes e estamos famintos!', então esse gorila representa isso. É um gorila mais velho, parece que existe uma certa sabedoria em seus olhos, então todos esses atributos nos fizeram pensar: 'Ok, faz sentido'. Pode parecer meio agressivo, mas vejo paixão e poder também com um elemento primitivo, e sentimos que a capa representava o que a música quer manifestar: é na sua cara, e aqui estamos! Além disso, é uma imagem impressionante que também gera dúvida nas pessoas, tipo 'O que é isso? Uma banda de heavy metal?' (risos). Não, é o Extreme! Somos únicos. Você nos ama ou nos odeia, mas não há como nos ignorar (risos).

Mais cedo, mencionei o *Waiting for the Punchline*, que eu adoro e que tem algumas das minhas músicas favoritas em todos os tempos, mas sempre pensei nele como um álbum certo na hora errada. Faz sentido para você?

Gary: Nós temos muito orgulho dele, e à época estávamos ávidos para lançá-lo porque era o mais próximo da nossa sonoridade ao vivo. *Waiting for the Punchline* tem um som distinto e é bem diferente do *III Sides to Every Story*, mas, no fim das contas, quando um artista lança um trabalho, ou os astros se alinham ou ele se torna vítima do seu meio ambiente. A indústria musical estava seguindo para outro lado, olhando para um tipo diferente de música que não era pior ou melhor, apenas diferente, como Soundgarden, Stone Temple Pilots e Pearl Jam, e parecia que qualquer banda que tivesse vindo antes do Nirvana estava dispensada. Foi frustrante, mas a vida é assim. Hoje, com o nosso novo disco, o rock, o som que o Extreme faz, pode não estar mais tão na moda, mas graças à internet e à tecnologia ainda podemos lançar nossas músicas.

"O EXTREME SEMPRE TEVE ALGUMAS MÚSICAS MEIO FORA DA CAIXA, (...) MAS NO NOVO ÁLBUM NÓS REALMENTE FOMOS MAIS FUNDO, E ELE PODE SER UM POUCO DESAFIADOR PARA ALGUNS DOS NOSSOS FÃS."

Aliás, qual a situação atual do Hurtsmile?

Gary: Estamos terminando as músicas novas, e acredito que você vai gostar! As mixagens estão na fase final, na verdade. A turnê do Extreme começa em agosto, mas vocês devem ouvir algo do Hurtsmile ainda este ano.

Obrigado pelo papo, Gary, e o espaço final é todo seu para acrescentar o que quiser.

Gary: Obrigado! Estaremos de volta à América do Sul, e prometo a você que tocaremos no Rio de Janeiro. Estivemos no Best of Rock and Blues, mas foi muito rápido, então planejamos fazer uma turnê apropriada pela América do Sul, passando por Brasil, Argentina, Chile... Será incrível, e temos de ir ao Rio! Estamos bastante felizes com o *Six*, e espero que os fãs antigos e novos gostem dele tanto quanto nós gostamos.

Pat Badger, Gary Cherone, Nuno Bettencourt e Kevin Figueiredo: o Extreme de cara nova em seu sexto álbum

CLUBE DOS ROADIES

MS METAL RECORDS

APRESENTA:

THE VOODOO KITCHEN – PLEASURE & SIN

THE VOODOO KITCHEN É UM POWER-TRIO BRASILEIRO DE HARD ROCK SEDEADO NA IRLANDA.

Resultante das diferentes influências de seus membros, o grupo tem a honra de apresentar o seu mais recente EP "Pleasure & Sin" para os leitores da Roadie Crew no Brasil

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

METALAGENCY Spotify DEEZER amazon Available on iTunes MS METAL RECORDS

BELEZA *e* BRUTALIDADE

Richie Faulkner conta detalhes da formação de sua própria banda, mas sem esquecer do Judas Priest como força-motriz de sua trajetória musical

Por Daniel Dutra

26 de setembro de 2021: enquanto tocava *Painkiller* com o Judas Priest, Richie Faulkner sofreu um aneurisma da aorta, que se rompeu e encheu de sangue a sua cavidade torácica. Levado a um hospital, foi submetido a uma cirurgia cardíaca de emergência que durou mais de dez horas. 13 de abril de 2023: recuperado de uma situação que poderia ter sido fatal, um sorridente e falante Faulkner esbanjava simpatia numa conversa sobre a sua nova banda, Elegant Weapons, que conta com Ronnie Romero (vocal, Rainbow e MSG), Dave Rimmer (baixo, Uriah Heep) e Christopher Williams (bateria, Accept); e o primeiro disco, *Horns for a Halo*, que contou com Rex Brown (baixo, Pantera) e Scott Travis (bateria, Judas Priest) nas gravações. E, claro, sobre o novo álbum do Judas, a apresentação no Rock and Roll Hall of Fame e a relação com George Lynch, seu sogro. Boa leitura!

Eu tenho perguntado como as pessoas têm passado na pandemia. No seu caso, porém, houve aquele grave problema de saúde. Como você está?

Richie Faulkner: Eu estou melhor agora. Obrigado! E é engraçado dizer isso, mas a pandemia foi o catalisador para que esse disco fosse feito. Foi algo positivo de uma situação ruim, porque muitos de nós enfrentaram dificuldades, especialmente com relação ao trabalho, e todos tivemos que arrumar formas de lidar com o que estava acontecendo. Para mim, foi pegar todas as ideias que tinha e colocá-las num álbum, e aí, assim que começamos a esboçar a saída da pandemia, eu tive aquele problema. Fico realmente agradecido por você perguntar, cara, porque estou mesmo bem agora e, de certa forma, voltando ao normal. Faço check-ups regularmente, tomo os remédios e todas essas coisas, mas sou grato por estar relativamente normal. Há pessoas em situação muito pior, então estou consciente da bênção que recebi de estar vivo, fazendo música e conversando com você.

E sobre o Elegant Weapons e seu primeiro disco (risos), então vamos do começo: como surgiu a nova banda? E qual é o significado do nome?

Richie: Com a pandemia, eu tive tempo livre para mexer em algumas ideias guardadas, músicas que eu já havia começado a compor. Quando entrei no Judas Priest, conversei com Glenn Tipton sobre o fato de que, naquela ocasião, a banda já estava com 40 anos de carreira e que provavelmente não duraria outros 20, 25 anos, e essa foi a razão de termos feito a turnê que seria a de despedida. Felizmente, 12 anos depois, ainda estamos aqui, tocando e lançando álbuns, e o mundo é um lugar melhor por causa disso (risos). Mas naquela época a ideia não era essa, então foi uma atitude consciente minha pensar sobre o que eu faria depois do Judas. Levei cerca de dez anos para colocar isso em prática, porque eu queria dedicar o meu tempo ao Judas, porque esta é a minha banda. Eu não queria estar numa banda como Judas e ter um projeto paralelo. Não me parecia a coisa certa a fazer, uma vez que eles me deram essa oportunidade, me receberam de braços abertos como uma família, e eu precisava retribuir isso. A pandemia se tornou a oportunidade e o tempo certos, porque o novo álbum do Judas já estava composto, não precisaria de novas ideias, e então eu pude trabalhar as que tinha para o meu disco. Criativamente falando, era o momento ideal,

porque tinha tempo para gravá-lo e ver no que dava, e assim chamei alguns amigos meus, como o Scott. Perguntei a ele se poderia tocar no disco porque havia prometido que, se um dia eu fizesse qualquer coisa fora do Judas, eu o convidaria. Tive sorte de o Scott poder gravar, só que ele não poderia fazer os shows, então, quando comecei a montar a banda que tocaria ao vivo, chamei Christopher, uma vez que foi ele quem tocou bateria nas gravações originais, antes de o Scott assumir o posto no estúdio.

Ou seja, não havia pressa para o disco ficar do jeito que você queria...

Richie: Eu queria andar com o processo de gravação, mas o Scott não estava disponível, então perguntei ao Christopher se ele poderia tocar para que eu pudesse começar a gravar, inserir guitarras e outras partes, mas avisei que o Scott regravaria a bateria depois. Como o Christopher estava conectado com o álbum desde muito cedo, ele foi a opção natural para mim quando Scott disse que não poderia fazer os shows. Apenas perguntei se ele queria entrar para a banda, e o mesmo aconteceu com o Dave. Rex gravou o baixo, mas ele está tocando com o Pantera... Aliás, quando digo que o mundo é um lugar melhor porque o Judas Priest está nele, veja só: nós tocamos no Brasil com o Pantera recentemente, e a plateia enlouqueceu! (risos) Bom, liguei para o Dave e perguntei se ele topava. Com o Ronnie também foi assim, apenas peguei o telefone e liguei para ele. Todos nós vimos de nomes como Accept, Rainbow, Michael Schenker Group, Uriah Heep ou Judas Priest, ou seja, de bandas lendárias, então espero que possamos levar essa tocha adiante. Se um dia o Rob me ligar e disser 'Richie, estamos encerrando', acredito que podermos carregar essa tocha para o futuro com o Elegant Weapons, e eis aqui uma resposta imensa para uma pergunta simples (risos).

E o fato de o Elegant Weapons sair em turnê mostra que se trata de uma banda, não de um projeto. Eu diria que essa é a melhor parte...

Richie: Bom, o Judas Priest existirá para sempre porque a música viverá para sempre, mas o tempo alcança as almas. Eu sei bem disso, porque poucos anos atrás eu quase não estaria aqui falando com você. O tempo nos alcançará, e para mim sempre foi prioridade ter uma banda que se desenvolvesse, lançasse discos, tocasse ao vivo e crescesse com as personalidades dos integrantes, como faz o Judas. No caso do Elegant Weapons, nós também temos isso, eu, Ronnie Romero, Christopher Williams e Dave Rimmer, e quanto mais tocarmos ao vivo, gravarmos álbuns e dividirmos criatividade juntos, mais a banda evoluirá. Isso é importante e difícil hoje em dia. É vital para um grupo ter essa vida, fazer shows, tocar para os fãs, que veem essa evolução e se conectam ainda mais até que nos tornemos uma família, todos evoluindo juntos. Sempre foi prioridade não ser um projeto ou uma banda de um disco só, e sim uma banda real que eu espero que siga em frente rumo ao futuro.... Cara, eu falei para caramba de novo e quase esqueci de falar sobre o nome! (risos) Mas respondo agora: estou olhando agora para uma 'arma elegante', que é o instrumento que usamos para criar nossas músicas. No meu caso, é a minha Flying V, guitarra que é como uma espada samurai para mim. É um objeto lindo, mas é uma arma letal. Assim é a minha Flying V, um instrumento lindo que cria músicas brutais. O heavy metal também é assim: tem lindas passagens e, também, passagens pesadas. É a beleza e a brutalidade.

HORNS FOR A HALO
Nuclear Blast/Shinigami - Nac.

CLUBE DA REVISTA

Uma curiosidade: como o novo álbum do Judas Priest já estava pronto antes da pandemia, como foi virar a chave? Foi diferente compor para o Elegant Weapons?

Richie: Ah, eu estava trabalho da mesma forma, porque componho músicas da mesma forma. A única diferença para o Judas é que não se pode ignorar o fato de que você está compondo com uma banda que tem discos como *Painkiller*, *British Steel*, *Screaming for Vengeance* e *Defenders of the Faith*, ao passo que não temos nada disso com o Elegant Weapons. Embora eu não me restrinja com o Judas, é preciso ter isso em mente. Por exemplo: se eu criasse algo meio jazz, talvez até pudesse usar no Judas, mas teria de ser mais bem pensado durante uma sessão de composição no Judas do que numa com o Elegant Weapons. Entende o que eu quero dizer? O Judas tem os fãs, a história, o legado, é um nome que tem muito mais coisas a serem consideradas e que requer mais atenção, enquanto na minha banda não tem tanto disso.

Deixando todo o drama de lado, como foi tocar com K.K. Downing no Rock and Roll Hall of Fame?

Richie: Foi ótimo! Eu não o havia encontrado antes, então obviamente nunca tinha tocado com o Ken, e sugeri que eu mesmo não fizesse parte da cerimônia, afinal, eu não havia sido indicado. Achei que era melhor ficar fora, mas a banda foi inflexível quanto a isso, porque sou parte do Judas Priest em 2023, então todos quiseram que eu fizesse parte da cerimônia. Ainda bem, porque foi fantástico! Havia três guitarristas no palco naquela noite! O Judas teve dois guitarristas durante boa parte da sua história, em algum momento no início era apenas um, mas por uma noite a banda teve três, e eu fiz parte disso! Foi uma honra para mim! E tocar com o Ken... Cara, ele estava ótimo, tocou perfeitamente, correu pelo palco como um animal e estava felicíssimo por estar ali, e acredito que fizemos uma boa dupla com as nossas Flying Vs! (risos) Foi muito bom conhecê-lo, conversar com ele e também ter o Les Binks presente. E estou contigo nessa, porque o drama não era meu. Embora eu faça parte da banda e tenha conhecimento dessas coisas, não é nada que tenha a ver comigo. Não tenho nenhum problema com o Ken e não creio que ele tenha qualquer problema comigo, então faço tudo o que eu puder fazer para que ele se sinta confortável... Por isso foi uma ótima noite! Adorei tocar com ele, e se um dia acontecer de novo, ótimo. Se não acontecer, eu aproveitei a oportunidade, e tudo bem.

Devo acrescentar apenas que ficou nítido que vocês se entenderam muito bem. Foi uma visão natural vê-los tocando lado a lado...

Richie: É a música que faz isso! É o que fundamentalmente nos impulsiona a fazer isso, que é o amor pela guitarra, pela música e pelo show. Acho que eu e Ken viemos do mesmo lugar nesse sentido. Quando estamos no palco, tocando, tudo desaparece porque você só quer tocar, então como não se divertir? Tocando músicas lendárias com uma banda lendária para uma plateia repleta de outras lendas, como Lionel Richie, Annie Lennox e Pat Benatar, artistas que representam muito para a indústria musical, como não poderíamos nos divertir?

A lamentar, apenas o fato de você não ter entrado no Rock and Roll Hall of Fame junto com a banda. Mas vindo de uma corporação encabeçada por um egocêntrico mesquinho como Jann Wenner, não é algo surpreendente...

Richie: Eu realmente não sei mais o que aquilo significa. Quando eu era novo e ouvia heavy metal, o estilo era especial porque não estava nas paradas de sucesso, não era escolhido por qualquer um, era especial porque era nosso. Hoje em dia, é algo que significa receber votos de um comitê. Era especial porque não recebia voto popular, era a nossa música, e era isso que a tornava mágica. O Judas Priest está na estrada há mais de 50 anos, ainda fazendo música e tocando ao vivo pelo mundo todo para plateias imensas, e é isso que importa.

E lançando um trabalho forte como *Firepower* (2019), que arrisco dizer ser o álbum que os fãs esperavam depois de *Painkiller* (1990). Ou seja, vocês jogaram pressão sobre vocês mesmos... (risos)

Richie: Você tem razão, e essa é uma boa colocação. É sempre assim quando lançamos um disco: como faremos o próximo ser melhor? E melhor é sempre subjetivo, então esse "melhor" pode ser a forma como o criaremos, como faremos músicas melhores, produção, sonoridade e performance melhores, e essa deve ser a força-motriz. Do contrário, nem se incomode. E fazer melhor sempre foi a força-motriz do Judas, e tem sido assim desde que eu entrei. Não se faz um álbum melhor lançando o mesmo álbum, então precisa ser diferente, ser algo que se mantenha sozinho, ter personalidade. E como isso será atingido? Será o som? Será uma abordagem? Ninguém sabe. Às vezes, isso toma forma enquanto vamos trabalhando, mas o impulso está em querer fazer algo melhor, como farei um solo de guitarra que diga algo diferente, coisas assim. Quando as bandas dizem 'é melhor do que o anterior', meio que tem de ser mesmo, porque esse precisa ser o modo de pensar. Se não for, por que perder tempo fazendo isso? Pode não ser melhor para quem ouve, e você, por exemplo, pode achar que *Firepower* é superior, e está tudo bem. Gosto é pessoal e subjetivo, mas para quem cria tem de ser melhor. Posso dizer a você que o novo disco do Judas é diferente. Não sei se a lista de músicas já está definida, porque algumas talvez não entrem, mas o álbum está sendo formatado para ser diferente, uma progressão natural do *Firepower*. Dá para perceber de onde ele veio e para onde vai. É uma jornada natural adiante, e creio que as pessoas vão gostar!

> **O Judas tem os fãs, a história, o legado, é um nome que tem muito mais coisas a serem consideradas e que requer mais atenção, enquanto na minha banda não tem tanto disso**
> **Richie Faulkner**

Para terminar, o seu sogro é ninguém menos que George Lynch (Lynch Mob, ex-Dokken), então como é a relação do ponto de vista de guitarristas, de um mais jovem com um que é um 'guitar hero' oriundo dos anos 1980.

Richie: (rindo) Nós não moramos no mesmo estado, mas sempre acabamos tocando alguma coisa quando ele pode vir aqui. Então, sim, nós já fizemos algumas jams (risos). Vamos para o estúdio falar sobre equipamento e tocar guitarra juntos, sendo que o George também é ótimo para dar conselhos, porque ele montou sua própria banda. Sempre posso pedir conselhos sobre negócios ao George, que é um ótimo professor. Ele não nos visita tanto quanto gostaríamos, porque é um cara ocupado, mas liga religiosamente todos os dias para falar com a neta.

Richie Faulkner, Christopher Williams, Ronnie Romero e Dave Rimmer: experiência e talento em novo supergrupo

Matt Davis

CLUBE DE REGATAS

SOUND CITY RECORDS

e·a·r MUSIC

EXTREME

SIX

Um ataque implacável de hard rock e baladas intimamente introspectivas. Essa dinâmica afirma o icônico quarteto multiplatinado de Boston - Gary Cherone (vocal), Nuno Bettencourt (guitarra), Pat Badger (baixo) e Kevin Figueiredo (bateria) - como um dos grupos mais imprevisíveis e mais populares do rock!

TARJA

ROCKING HEELS: LIVE AT METAL CHURCH

"Rocking Heels: Live at Metal Church" apresenta o concerto muito especial no cenário idílico da Wacken Church. Diante de apenas 300 fãs, este evento único abriu o Wacken Open Air Festival em 2016. Tarja apresenta arranjos únicos de clássicos do rock e heavy metal de seus artistas favoritos, incluindo "Numb" do Linkin Park, "Alias" do In Flames, "The Unforgiven" do Metallica, músicas de Joe Satriani e Slipknot, bem como músicas de sua carreira solo e uma música do Nightwish.

HOLLYWOOD VAMPIRES

LIVE IN RIO

A realeza do rock and roll Joe Perry, o astro de Hollywood Johnny Depp e o ícone do rock chocante Alice Cooper unem forças mais uma vez , agora para o imperdível álbum ao vivo gravado no Rock in Rio 2015.

GAMMARAY

A BLAST FROM THE PAST

Com "Blast From The Past", os ícones do power metal alemão GAMMA RAY retornam às suas origens e revisitam seus primeiros 10 anos. Todas as músicas foram remasterizadas pelo produtor Eike Freese para esta edição de relançamento e inclui extensas notas do jornalista britânico Dave Everley (Kerrang!, Metal Hammer). Uma visão sobre a criação do álbum e a história da banda nos primeiros 10 anos. "Blast From The Past" com sua icônica capa de Derek Riggs (Iron Maiden) está novamente disponível.

www.valhallmusic.com.br

POWERWOLF

TRABALHO E RECOMPENSA

Com quatro lançamentos desde 2020, banda alemã mostra que o heavy metal ajuda quem cedo madruga, e o tecladista Christian Jost explica por quê

Por Daniel Dutra

No mundo da música, as reações à pandemia do novo coronavírus foram as mais diversas. No caso do Powerwolf, Karsten "Attila Dorn" Brill (vocal), Benjamin "Matthew Greywolf" Buss (guitarra), David "Charles Greywolf" Vogt (baixo), Christian "Falk Maria Schlegel" Jost (teclados) e Roel van Helden (bateria) resolveram fazer de um limão uma limonada. O lançamento de *Interludium* mostra que o resultado foi saboroso para os fãs, e foi o empolgado e bom de papo Jost quem especificou os ingredientes usados pelo quinteto.

Em fevereiro de 2020, ou seja, um mês antes de o mundo fechar por causa da pandemia da Covid-19, o Powerwolf tocou no Brasil pela primeira vez. Como foi?

Christian Jost: Foi incrível! Um prazer! Foi a nossa primeira vez na América do Sul como um todo, e planejávamos isso há anos para celebrar uma Metal Mass (N.R.: cerimônia de adoração ao heavy metal muito popular na Finlândia, por exemplo). Nós nos divertimos muito e estávamos entre amigos no Brasil, mas foi uma pena que, ao chegarmos no Chile, recebemos a notícia de que teríamos de cancelar o show em Bogotá, na Colômbia. Imploramos para que não fosse necessário, porque nunca havíamos cancelado um show até então. A impressão é de que havia uma multidão de fãs nos shows, e eu não queria interromper isso. Prometemos voltar e queremos voltar à América do Sul para shows como atração principal, assim poderemos tocar por duas horas e, desta vez, sem restrições!

Antes de lançar *Interludium*, a banda soltou três trabalhos, e o primeiro foi a coletânea *Best of the Blessed*, em 2020, com seis músicas regravadas. Já estava planejado ou a pandemia alterou o cronograma?

Christian: Ah, nós precisamos apressar um pouco as coisas, sim, mas tivemos o privilégio de escolher o que fazer durante a pandemia: lançar músicas, gravar vídeos ou compor novas músicas. É muito bom ter esse tipo de possibilidade, porque estávamos proibidos de tocar ao vivo, mas ao menos isso poderíamos fazer. E somos bem agitados, estamos sempre fazendo alguma coisa, e prova disso é o *The Monumental Mass: A Cinematic Metal Event* (N.R.: show via streaming em 2021 que acabou lançado em formato físico no ano seguinte). Então, com ou sem pandemia, nós sempre estamos fazendo alguma coisa, porque é muito importante para manter o Powerwolf vivo. Assim como muitas bandas, temos pausas durante o ano, mas não consigo lembrar de quando tivemos uma parada de seis meses para ficar de pernas para o ar, e olha que estou na banda desde 2005! Ou seja, isso é bom! (risos)

INTERLUDIUM
Napalm - Imp.

Resumindo, mesmo durante o estágio inicial da pandemia, com lockdowns e ainda sem vacina, vocês já estavam trabalhando em *Call of the Wild* (2021). Foi também uma válvula de escape, certo?

Christian: Foi uma catarse! E uma abordagem diferente, claro, porque normalmente nós lançamos um disco e saímos em turnê na sequência, então foi muito estranho não poder fazer shows para divulgar o novo trabalho. Outra coisa é que de certa forma nos sentimos responsáveis por nossos fãs, por isso era importante dar a eles material novo e mostrar que não havíamos desistido, que estávamos vivos. Temos força e damos força aos fãs, também, mas foi muito difícil do ponto de vista comercial. Sem a possibilidade da turnê, ficamos sem a melhor e maior maneira de divulgar um álbum, que são os shows ao vivo, e essa foi uma das razões por que fizemos o *The Monumental Mass: A Cinematic Metal Event*. Assim, decidimos não adiar o lançamento e dizer aos fãs em todo o mundo: 'Ei, estamos de volta! Os selvagens voltaram! Fiquem bem!'. Essa foi a abordagem do *Call of the Wild*, e digo a você que quando finalmente pudemos tocar essas músicas ao vivo, com público real nesta turnê, não como nas lives, eu chorei em muitas músicas, porque foi muito emocionante ouvir as pessoas cantando, gritando, chorando! Foi algo muito poderoso! Normalmente, fico exausto e acabado depois das turnês, mas depois dessa eu me senti quase como se tivesse saído de férias. Estava enérgico, e minha família teve que me conter e me acalmar (risos).

E chegamos a *Interludium*, que tem músicas inéditas e raridades. Depois de uma coletânea, um ao vivo e um álbum de fato novo, como vocês chegaram a esse modelo?

Christian: Não é mesmo um disco tradicional como sequência para *Call of the Wild*, como você bem resumiu, mas é algo no meio do caminho. Assim que fizemos o *The Monumental Mass: A Cinematic Metal Event*, senti falta dos meus amigos para compor música, e então decidimos nos encontrar para criar material novo. Compusemos seis músicas, e aí veio a dúvida: guardamos para um próximo álbum ou lançamos logo? (risos) O que podemos fazer durante esse interlúdio? Tínhamos canções antigas, raridades como *Bête du Gévaudan*, que havia saído apenas como single, e decidimos lançar um álbum e combiná-lo com uma missa de Páscoa

em Colônia, um dia antes da Sexta-feira Santa, porque na Alemanha é proibido tocar ao vivo ou festejar neste dia, quando há um toque recolher ao meio-dia. A ideia foi juntar tudo e ainda colocar uns extras, como o *Communio Lupatum II*, um CD bônus com bandas amigas fazendo cover de músicas nossas. Passo a passo, fomos montando esse projeto, que funciona como o meio do caminho entre um disco e outro. É um trabalho completo, mas não é um álbum 100% de novas composições.

E o lançamento na Sexta-feira Santa tem, além do que você explicou, algum significado extra para a banda?

Christian: Na verdade, não, mas serve para chamar a atenção. É sabido na Europa que planejar uma turnê nessa época do ano significa não poder tocar na Alemanha, especialmente em Colônia, porque é realmente proibido. Quem estiver na estrada precisa se virar e tocar noutro lugar ou fazer qualquer outra coisa. Atualmente, o povo alemão vem questionando as autoridades sobre essa lei, mas é a lei. Não tem conversa. Pelo menos não em Colônia, onde você tem de visitar a Catedral na Sexta-feira Santa e rezar. Não há diversão. É um dia triste.

Como 2023 marca o 20º aniversário do Powerwolf, *Interludium* é o presente definitivo para os fãs ou a banda está preparando mais alguma coisa?

Christian: Não sei quanto a novas músicas, porque o processo de composição para o *Interludium* foi muito espontâneo. Normalmente, leva mais tempo quando compomos um disco, e dessa vez conseguimos perceber logo os tópicos principais, como se fosse uma foto de família numa determinada época. Mas não creio que será assim que trabalharemos em novas músicas, mas não tenho como dizer porque é um processo... Ok, essa pergunta me deixou pensativo (risos). Talvez seja uma boa ideia ter esses elementos mais espontâneos no próximo processo de composição, porque foi algo bastante novo nos encontrarmos sem saber qual seria o resultado (risos). Foi bom não ter aquela pressão sobre os ombros nos cobrando 'Vamos! É o nono disco. Tem que ser melhor!', então talvez essa liberdade seja uma abordagem mais apropriada.

Você já mencionou o *Communio Lupatum II*, mas como é a sensação de ter bandas como Korpiklaani e Rage fazendo covers de músicas do Powerwolf? Porque, além de o resultado ter ficado bem legal, o Rage, por exemplo, tem mais tempo de estrada...

Christian: Em primeiro lugar, obrigado por observar dessa maneira, uma vez que o *Communio Lupatum II* mostra que somos uma grande família heavy metal mundial reunida. E é uma forma de mostrar às pessoas que temos orgulho de pertencer a essa família, porque todas as bandas envolvidas são nossas amigas. Nós nos falamos e nos encontramos com frequência, então foi bem fácil perguntar a elas se gostariam de participar gravando músicas nossas. Todas acharam uma grande ideia, e cada uma pediu para escolher uma música... Por isso que quando o Electric Callboy escolheu *Fire & Forgive*, tivemos de dizer ao Lord of the Lost, que também pediu por *Fire & Forgive*, que precisava escolher outra (risos). A ideia era que tocassem nossas músicas na versão delas, e ficamos muito orgulhosos de tê-las conosco e de ouvir suas versões. Estávamos curiosos com o que aconteceria com Korpiklaani cantando *Where The Wild Wolves Have Gone* na língua deles, por exemplo.

Roel van Heiden, Christian Jost, Karsten Brill, Benjamin Buss e David Vogt: imagem também é tudo

Matteo Fabbani

Duas das novas músicas entraram na lista dos dez vídeos da Napalm com mais visualizações no YouTube em 2022: *My Will Be Done* teve 1,6 milhão, e *Sainted By the Storm* ficou no pódio com 4,3 milhões. É bem impressionante, mas você esperava isso?

Christian: Não vou mentir: fiquei surpreso quando vi a lista! Fiquei muito feliz, mas devo acrescentar que *Sainted By the Storm* não é uma típica música do Powerwolf. Tocamos essa música nas rádios durante a turnê europeia, e me perguntava se ela funcionaria ao vivo, porque não é tão rápida. Acontece que as pessoas realmente gostaram dela, e eu não esperava por isso, o que me mostrou que videoclipes são fundamentais para qualquer banda, mas que a música é o mais importante: se as pessoas gostam da música, o vídeo ganha mais visualizações. Foi muito legal ver isso na prática e, também, ter *My Will Be Done* na lista. Eu gosto muito de fazer clipes, e isso fica ainda melhor sabendo que as pessoas gostam de assisti-los (risos).

Você tocou em dois pontos que posso resumir numa única questão. Embora o Powerwolf seja uma banda de power metal, me parece que vocês deliberadamente tentam ultrapassar limites para fazer a diferença. Não há nome no gênero que pareça black metal. Como funcionou no início?

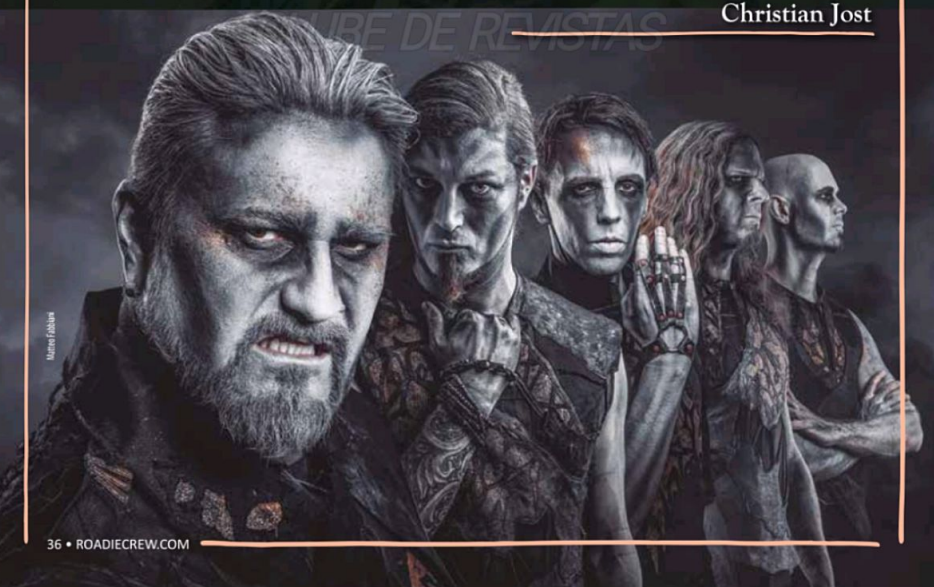
Christian: Foi bem difícil (risos). Quando lançamos *Return in Bloodred* em 2005, decidimos usar figurinos e maquiagem no palco. A ideia era ter elementos de espetáculo mesmo, sem saber exatamente como ou o que usar. A coisa foi se desenvolvendo a cada show, a maquiagem e os figurinos melhoraram, e acabamos criando essa ideia do metal como religião, mas no começo era meio 'o que vocês estão fazendo com as caras pintadas de branco e tocando power metal?' (risos). Era estranho, afinal, as pessoas associavam a maquiagem ao black metal, e nós não tocamos esse tipo de som. Depois de um tempo, conforme fomos melhorando, lançando mais álbuns e desenvolvendo o conceito, percebemos que muitos grupos também estavam usando maquiagem. Hoje em dia, muitos do estilo usam figurinos e maquiagem, e talvez nós tenhamos sido o ponto de partida. Não sei... O Iron Maiden tinha o grande aparato de palco, o KISS tinha a maquiagem e os figurinos, o Mötley Crüe tinha os cabelos e as luzes, então essas coisas já estavam lá para serem usadas. No começo, foi mais difícil para nós convencermos as pessoas do que teria sido se tocássemos de camiseta e calça jeans, só que jamais mudaríamos. Amamos os figurinos e a maquiagem! Quando tocamos com o KISS em Bucareste, na Romênia, eu falei com o empresário deles (N.R.: Doc Mcghee), e ele me disse: 'Vocês decidiram usar maquiagem e farão isso pelo resto de suas vidas'. É verdade, porque se tivermos que fazer um show em cima da hora e tudo estiver montado corretamente, bateria, guitarras, teclado e microfones, mas não tiver figurino e maquiagem, eu ficarei perdido! (risos) O visual é a parte principal do nosso show!

E assim como aconteceu com o KISS, o visual chama a atenção para a banda, especialmente ao vivo.

Christian: Exatamente! Normalmente, quando se tem uma aparência diferente no palco, isso acaba sendo mais interessante para o público, porque gera curiosidade. E nos dá mais possibilidades, também. Por exemplo, pegue o *The Monumental Mass: A Cinematic Metal Event*, que contou com todo aquele aparato musical e pessoal. Quando se faz algo desse tipo, é preciso sempre melhorar e fazer maior no próximo, e isso às vezes é complicado (risos). As pessoas ficam esperando algo grandioso, e temos de tentar entregar isso. Não dá para chegar só com amplificadores e umas guitarras.

> (...) se tivermos que fazer um show em cima da hora (...), mas não tiver figurino e maquiagem, eu ficarei perdido.
>
> Christian Jost

TUBE DE REVISTAS



Mairel Fabiano

INVENTTOR

Em meio a Escuridão

DISPONÍVEL EM CD SLIPCASE

E EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify · Available on iTunes · DEEZER · TIDAL · YouTube

https://linktr.ee/inventtorband

DISTRIBUIÇÃO

Foto: Bruno Pereira assessoria: www.phantomdesign.com

Por Ricardo Batalha

Formado em 1978 na cidade de Whitley Bay, localizada na costa do Mar do Norte em Tyne and Wear, na Inglaterra, o Tygers Of Pan Tang, um dos pioneiros da New Wave Of British Heavy Metal, vem lançando discos com frequência. E muitos dos recentes tão aclamados quanto os do passado glorioso do debut *Wild Cat* (1980), *Spellbound* (1981) e *Crazy Nights* (1982). Com *Ritual* (2019) e *Bloodlines* (2023), por exemplo, os tigres continuam rugindo e mantendo vivo o legado da NWOBHM, preservando a autenticidade do hard n'heavy encorpado que tornou a banda uma lenda do gênero. Ao longo dos anos, a formação passou por diversas mudanças. Porém, o guitarrista Robb Weir, único membro original atualmente, tem feito escolhas acertadas ao reunir um talentoso time ao seu lado, que hoje traz Jacopo "Jack" Meille (vocal), Francesco Marras (guitarra), Huw Holding (baixo) e Craig Ellis (bateria). Claro, não há como deixar de mencionar os talentos do passado, como os vocalistas Jess Cox e Jonathan Deverill; o guitarrista John Sykes, que ficou mundialmente famoso depois com Thin Lizzy, Whitesnake e Blue Murder, além de produtores de renome como Peter Collins, Phil Harding e o saudoso Chris Tsangarides.

Craig Ellis, Robb Weir, Jacopo «Jack» Meille, Francesco Marras e Huw Holding

IMPERDÍVEIS

SPELLBOUND (1981)

Apesar de enfrentar críticas por parte de alguns fãs, a troca do vocalista Jess Cox por Jonathan Deverill provou ser uma mudança positiva para o Tygers em *Spellbound*, que é considerado seu trabalho mais icônico e reverenciado, desde a arte da capa até a última ranhura do sulco do vinil. Para além da marcante performance de Deverill, o sucessor de *Wildcat* apresentou uma profusão de riffs sofisticados e impactantes. "Ele é um dos grandes criadores de riffs de todos os tempos, e posso afirmar que aprendi muito com ele", declarou o guitarrista Robb Weir a este repórter em relação à parceria com o então novato John Sykes. Produzido pelo saudoso Chris Tsangarides nos estúdios londrinos da Morgan, o disco saiu em abril de 1981 e agradou de imediato com *Gangland*, *Hellbound*, *Mirror, Silver and Gold* e *Tyger Boy*. Estas faixas se tornaram verdadeiros exemplares da grandiosidade que a New Wave Of British Heavy Metal proporcionava. Algumas bandas tinham uma inclinação mais voltada para o rock'n'roll e para o hard rock, enquanto outras iam para algo mais agressivo. No entanto, o Tygers se destacava pela abordagem refinada, equilibrando com maestria a melodia e a agressividade, como se pode notar em *Take It, Don't Stop By*, *Blackjack* e *The Story So Far*. Além de Deverill, Weir e Sykes, o grupo contava com Richard "Rocky" Laws (baixo) e Brian Dick (bateria).

RITUAL (2019)

Envolvente e versátil, *Ritual* cativa pela mescla do puro metal tradicional com elementos melódicos de hard rock. Não só isso, mas também pelo excelente desempenho de Jacopo Meille ao lado de Robb Weir e Michael McCrystal (guitarras), Gav Gray (baixo) e Craig Ellis (bateria). Desde que se juntou à banda, em 2004, o vocalista italiano tem sido um componente vital. "*Ritual* é a evolução lógica de *Tygers Of Pan Tang* (2016). Queríamos produzir um álbum com um som mais pesado, mas ainda melódico", declarou Meille à ROADIE CREW. Em *Ritual*, as composições são vencedoras e o vocalista abrilhanta ainda mais as criações, como em *Destiny*, que vem com um senso melódico apurado e classudo e a hard'n'heavy *White Lines*, que saiu como single e videoclipe promocional. Já *Raise Some Hell* vem na linha de *Bury the Hatchet*, de *Animal Instinct*, com uma pegada Saxon e Dio. Destaques ainda para a versátil *Soil On* (que solo é esse de McCrystal?!), *Spoils of War*, *Rescue Me*, *Damn You!* e *Love Will Find a Way*. O material bem produzido foi gravado no Trinity Heights, estúdio do ex-integrante, Fred Purser. "Ainda adoro ouvir *White Lines* e *Destiny*, assim como *Soil On*, que escrevi sonhando em poder gravá-la como um dueto com Jon Deverill. É uma pena que a COVID e a decisão de Micky de deixar a banda não nos permitiram promover o álbum como planejado", concluiu Meille.

EXCELENTES

THE CAGE (1982)

Quem escuta *Wild Cat*, *Spellbound* e *Crazy Nights* sente que *The Cage* tem outra abordagem, pois o hard rock domina o repertório. Mas, quer saber, o grupo inglês se saiu bem nesta esfera mais acessível. Produzido por Peter Collins, *The Cage* vendeu 200 mil cópias. Um exemplo de hard é *Rendezvous*, cover do RPM – não o de Paulo Ricardo e do agora saudoso Luiz Schiavon, mas uma banda americana de hard/AOR. Outra demonstração do poder do hard é encontrada em *Lonely at the Top*, uma das faixas compostas por Steve Thompson. O produtor, compositor, músico e agente da Neat Records, que havia trabalhado com o Tygers no primeiro single, *Don't Touch Me There* (1979), assina *Letter from L.A.* com Jon Deverill. *Paris by Air*, outra de Thompson, mostra que, apesar da saída de Sykes, Robb Weir formou uma boa dupla com Fred Purser, também responsável pelos teclados. Mesmo assim, Sykes ainda gravou o instigante cover de *Love Potion No.9* (The Clovers) e *Danger in Paradise*, de John Parr. O repertório ainda destaca *You Always See what You Want*, mas o relançamento em CD traz de bônus a energética *Life of Crime*, *Love's a Lie*, *What You Sayin'* e um remix de *Making Tracks*.

ANIMAL INSTINCT (2008)

Após *Noises from the Cathouse* (2004), o Tygers ressurgiu em grande estilo com *Animal Instinct*. "Entre 2004 e 2007, a banda teve poucas atividades e nesse meio você é esquecido rapidamente. Assim, encaramos tudo como um recomeço", afirmou Robb Weir, na época acompanhado por Jacopo Meille (vocal), Dean "Deano" Robertson (guitarra), Brian West (baixo) e Craig Ellis (bateria). Logo na abertura veio a certeza de que a agitada *Rock Candy* rivalizaria com clássicos do passado, assim como *Cry Sweet Freedom*, outra acelerada e nos moldes da NWOBHM. A performance de Meille é um dos pontos altos do repertório, que destaca *Live for the Day*, que havia saído no EP *Back & Beyond* (2007) e abre caminho para *Let it Burn*, um heavy/rock veloz. O hard rock, por sua vez, surge em *If You See Kay*, mas o rock n'roll *Hot Blooded* empolga, assim como *Bury the Hatchet*, na linha Saxon e Dio. "Gosto de pensar que grande parte do Animal Instinct poderia estar em qualquer um dos três primeiros álbuns do Tygers que, para mim, são clássicos. Espero que um dia *Animal Instinct* consiga ser visto desta forma", declarou Robb Weir. É, a previsão se concretizou.

AMBUSH (2012)

Segundo Robb Weir, o título tem dois significados: criar uma emboscada e surpreender com um ataque ou o coletivo de tigres ("a ambush of tigers"). "Nós somos um grupo de pessoas que ama música e apenas quer compor e tocar nossas canções. Também queremos que o disco surpreenda os que comprarem, então o título tem as conexões certas". Seja como for, *Ambush* voltou a ter a parceria da banda com o saudoso produtor Chris Tsangarides. O sucessor de *Animal Instinct* não se impõe pela agressividade, pois as guitarras de Weir e Dean Robertson seguem alternando riffs de rock'n'roll como em *One of a Kind* e *Man on Fire*; de metal tradicional em *Keeping Me Alive*; e de hard rock em *She*, *These Eyes* e na sacana *Hey Suzie*. O ouvinte ainda sentirá alguns toques de Aerosmith e AC/DC em *Rock & Roll Dream*, *Play to Win* e *Mr. Indispensable*, com aquele tipo de riff e andamento de *Symphony of Destruction* (Megadeth). Já *Speed* apresenta uma estrutura à la *Ballroom Blitz* (Sweet), enquanto o lado mais melódico aparece com *Burning Desire*. Novamente, o destaque individual é Jacopo Meille, que soube explorar bem seu timbre com a voz limpa, melódica.

BONS

WILD CAT (1980)

Algumas das bandas mais influentes da NWOBHM estrearam em 1980, casos de Angel Witch, Iron Maiden, Def Leppard, Girlschool, Witchfynde e, claro, Tygers of Pan Tang. Em *Wild Cat*, o conteúdo apresentado por Jess Cox (vocal), Robb Weir (guitarra), Richard "Rocky" Laws (baixo) e Brian Dick (bateria) se assemelha às garras de um tigre pronto para o ataque, se preparando para agarrar e dilacerar a presa. Já a capa impressiona pela imagem de um tigre mostrando os dentes afiados e a mandíbula, com força suficiente para quebrar ossos e sufocar a vítima. Analogias à parte, a estreia do Tygers pela MCA Records até poderia ser tímida devido à crueza instrumental e à produção desta vez mediana de Chris Tsangarides no renomado Morgan Studios. Porém, o disco alcançou a 18ª posição nas paradas e muito disso pelas faixas *Euthanasia*, *Slaves to Freedom*, *Killers*, *Suzie Smiled*, *Money*, *Insanity* e *Don't Touch Me There*. A reedição em CD pela Edgy Records, em 1997, traz oito bônus, incluindo um cover de *Tush* (ZZ Top). Além disso, em 2010, a banda regravou algumas faixas no EP *The Wildcat Sessions*.

CRAZY NIGHTS (1981)

Criticado pela produção mediana, o sucessor de *Spellbound* traz alguns destaques em seu repertório, como *Do it Good*, *Never Satisfied*, *Lonely Man*, *Crazy Nights*, *Running out of Time*, *Make a Stand*, *Raised on Rock* e *Down and Out*. "Se ele tivesse uma boa produção, as coisas seriam diferentes. *Crazy Nights* tinha potencial para ser outro *Spellbound* facilmente. Se tivesse sido feito com mais paciência, cuidado e com Chris Tsangarides atrás da mesa, certamente teria sido outra história", avalia Rob Weirr sobre a produção do renomado Dennis MacKay e as gravações no Trident e no Rock City Studios. "A gravadora (MCA) nos deu um mês para compor e, com toda aquela pressão, acho que as músicas ficaram incríveis. Até quis que o álbum fosse todo remixado na época, mas a gravadora não aceitou porque estava com muita pressa e queria aproveitar o sucesso que fizemos com *Spellbound*", acrescentou o guitarrista. Por sinal, Weirr conseguiu efetivamente realizar seu sonho em produzir novamente as músicas de *Crazy Nights* com o lançamento das mil cópias do EP *The Crazy Nights Sessions (30th Anniversary Special Edition)*, em 2014.

CUIDADO

NOISES FROM THE CATHOUSE (2004)

Quem não é tão chegado a um hard rock incluiria *The Wreck-Age* (1985) nesta categoria "Cuidado". Outros já não tão próximos do melodic rock e do AOR certamente colocariam *Burning in the Shade* (1987). Porém, pela fraca produção, pela promoção tétrica e pela inconstância do repertório de treze faixas gravado por Richie Wicks (vocal), Dean Robertson e Robb Weir (guitarras), Brian West (baixo) e Craig Ellis (bateria), *Noises from the Cathouse* precisa ter estampado o selo "Cuidado". Como algumas faixas soam tão ruins que parecem piores que as gravadas no debut, *Wild Cat*, em termos de sonoridade e pegada, você até pode estranhar quando se der conta de que o material é de 2004. Se tivesse o real dedo de um produtor e não apenas de quem "levantou o som" e apertou o "rec", além de um maior cuidado, músicas com certas "ousadias" para os padrões do Tygers sairiam vencedoras. *Highspeed Highway Superman*, *Bad Bad Kitty* e *Three in a Bed* teriam solução. Por outro lado, *Godspeak* e *Cybernation* não têm salvação. Enfim, um disco desencontrado e que ninguém lembra que existe.

OUTROS: Quem é chegado ao hard precisa ouvir os citados *The Wreck-Age* (1985) e *Burning in the Shade* (1987). De estúdio, a discografia conta ainda com *Mystical* (2001), além dos nada dispensáveis da era Jacopo Meille: *Tygers of Pan Tang* (2016) e *Bloodlines* (2023). De EPs, vale conferir os de regravações: *The Wildcat Sessions* (2010), *The Spellbound Sessions* (2011) e *The Crazy Nights Sessions* (2014). De coletâneas, não perca *First Kill* (1986), registro da formação original que vale pela quantidade de raridades; e *Big Game Hunting (The Rarities)*, de 2005. De trabalhos ao vivo, *BBC in Concert* (1981) é da fase inicial, enquanto outros dois sairam em 2001 – *Live at Wacken* e *Live at Nottingham Rock City* –, além de *Live in the Roar* (2003), *Leg of the Boot: Live in Holland* (2005) e *Hellbound. Spellbound Live 1981* (2018).

Divulgação

Maurizio Iacono, Jean-François Dagenais, James Payne e Stéphane Barbe mantêm a máquina canadense ativa com o novo álbum de estúdio

KATAKLYSM

TRUNFO DA FORÇA E DA VONTADE IMPARÁVEL

Mantendo solidez e regularidade impressionante, Maurizio Iacono e comparsas avançam com a lenda canadense

Por Valtemir Amler

Há alguns anos, lá pelos idos do início dos anos 90, é correto dizer que o Kataklysm ajudou a moldar um novo estilo musical. Claro que a base de sua música era o death metal, mas aquilo que os então companheiros Sylvain Houde (vocal), Jean-François Dagenais (guitarra), Maurizio Iacono (baixo) e Max Duhamel (bateria) fizeram em seus primeiros registros era tão pueril e violento que mereceu ser batizado com um novo nome: northern hyperblast metal. Com o passar dos anos, vieram as mudanças e elas foram muitas e chamativas. Houde e Duhamel, cada um ao seu tempo, deixaram a banda e Maurizio assumiu os vocais. Mais do que as mudanças de formação, foram as transformações musicais que deixaram alguns fãs à beira de um colapso nervoso. Afinal, aquele death metal brutal, técnico e absolutamente intenso dos tempos de *Sorcery* (1995) e *Temple of Knowledge (Kataklysm Part III)* (1996) saía definitivamente de cena, dando lugar a um estilo muito mais acessível – ainda extremo, mas muito mais focado no groove. Enquanto alguns fãs se afastavam e outros chegavam, a banda seguiu adiante, lançando novos álbuns com regularidade exemplar e promovendo algumas das apresentações ao vivo mais intensas de todo o cenário metal. Absolutamente focado em seu trabalho, Maurizio não parece ter tempo para colecionar as críticas daqueles que ainda não conseguiram superar a ausência do seu antecessor e mantém o Kataklysm vivo e produtivo, como você confere nesta conversa.

Nesse ritmo que você vem trabalhando, parece que a nossa conversa nunca termina.

Maurizio Iacono: É verdade. É até engraçado, parece que conversei com você ainda ontem (N.R.: ele arremata rindo muito, já que de fato havíamos conversado no dia anterior sobre o disco de estreia de uma de suas outras bandas, o Invictus). Mas, quando a conversa é agradável a gente sempre quer mais, certo? E o que poderia ser melhor do que falar sobre música pesada com quem aprecia isso?

Tenho que concordar. E gosto do ritmo que você impõe, afinal, temos pelo menos um novo álbum por ano com o seu nome.

Maurizio: É assim que gosto de viver, esse é o único jeito que sei trabalhar. Simplesmente não consigo ficar parado, é impossível. Não estou exagerando, é literalmente assim, não consigo me sentir confortável quando estou 'fazendo nada'. E mais, acho que esse é um sentimento realmente perigoso, sabe? Quando você se acostuma com a sensação de fazer nada, acaba querendo fazer nada para sempre. Sua criatividade se esvai, sua motivação evapora e no fim não sobra nada, apenas você sentado e vazio. Bem, eu não quero ser esse cara que simplesmente segue uma rotina sem variações, preciso me sentir criativo e envolvido com as minhas ideias, preciso colocá-las em movimento e acompanhar seu desenvolvimento, é só assim que me sinto bem. A sensação de descansar após fazer tudo o que planejava ter feito é incrível, já a sensação de estar cansado de tanto descansar é terrível (risos). Ou seja, parece que estou fazendo muitas coisas, mas a verdade é que estou apenas seguindo o meu ritmo (risos).

Sempre foi assim, desde o início dos anos 90?

Maurizio: Acho que sim. Quer dizer, ba-

sicamente era a mesma coisa, mas era uma época muito diferente. Tudo era diferente nos anos 90. A cena era outra e nós éramos uma banda iniciante, que estava ainda buscando um lugar no cenário, então, acho que era o mesmo volume de trabalho, talvez até mais, mas com muito menos reconhecimento, pois quase ninguém havia ouvido falar de nós. Não estou reclamando, acho que assim com todas as bandas, você sabe, as coisas são assim. Mas nós tocávamos sempre que podíamos, ensaiávamos, carregávamos nossas próprias tralhas nas costas (risos), compúnhamos e tentávamos refinar essas composições tão bem quanto podíamos, então, era um nível bastante grande de trabalho, e algo que fizemos em uma época em que ninguém ainda prestava atenção na gente. Bons tempos (risos).

De fato, foi muito trabalho, e vocês acabaram creditados como criadores de um novo estilo.

Maurizio: Aquilo foi bem legal (risos). O caso é que éramos extremos demais para algumas pessoas, então até mesmo alguns fãs de death metal evitavam nossa música... Era até engraçado, então começamos a dizer que tocávamos 'northern hyperblast metal', uma referência ao Canadá e à nossa sonoridade ao mesmo tempo. Somos os criadores e a única banda que existe nesse estilo (risos).

Essa coisa do death metal técnico e extremo sempre funcionou com bandas canadenses...

Maurizio: Pois é, eu não lembro o quão bem aceito isso foi naquela época, mas a verdade é que com o passar dos anos muitas pessoas acabaram se acostumando tanto com isso que meio que virou um padrão do death metal canadense. Não acho que nós ou os outros caras estávamos totalmente cientes dos rumos que nossa música estava tomando, mas Kataklysm, Gorguts, Cryptopsy e tantos outros trilharam esse mesmo caminho, criando um certo mito em torno do nosso cenário.

Um mito que tem se renovado com bandas como Archspire, First Fragment e Beyond Creation, por exemplo.

Maurizio: Ah sim, é verdade! E são ótimas bandas, não são? É até incrível pensar que temos tantas boas bandas por aqui, se você me dissesse há trinta anos que algo assim aconteceria, eu jamais iria acreditar! Hoje seria absolutamente possível criar uma turnê incrível só com bandas canadenses de technical death metal, o que é absolutamente sensacional!

Que tal colocar essa ideia em prática?

Maurizio: Que tal? Eu compraria o ingresso, pode ter certeza, já que não acho que estaríamos inclusos nessa turnê (risos gerais).

Pois é, o Kataklysm passou por algumas transformações musicais ao longo dos anos. E todas elas começaram quando você assumiu os vocais, então imagino que tenha vivido dias difíceis no começo.

Maurizio: Ah cara, você nem imagina (risos gerais). É o que eu estava te dizendo, nos anos 90 o cenário era totalmente diferente. Hoje você muda toda a formação da banda, vai do death metal para a sinfonia clássica e todo mundo aplaude, as pessoas te dão uma coroa de rei como reconhecimento pela sua 'evolução' e 'criatividade'. Mas nos anos 90 você fazia uma mudança, mesmo que sutil – às vezes coisa como uma produção melhor ou um novo contrato com

GOLIATH
Nuclear Blast - Imp.

uma gravadora – e o mundo caía à sua volta, você era odiado (risos gerais).

É, eu lembro disso...

Maurizio: Pois é, e nós não éramos imunes a isso (risos). E, convenhamos, nossas mudanças não foram tão discretas assim, também. Para começar, o Sylvain era uma espécie de herói para uma grande parte de nossos fãs. Ele estava se transformando em um tipo de 'profeta do death metal', como mostra a capa do nosso álbum *Temple of Knowledge*. As pessoas o amavam e de repente ele estava fora e lá estava eu, empunhando o microfone no lugar dele. Cara, não vou mentir, aquele foi um momento difícil para mim. Lembro de alguns shows em que a banda começava a tocar e assim que eu abria a boca para cantar coisas começavam a voar em direção ao palco (risos). Algumas pessoas me viam como o cara que entrou na banda para substituir Sylvain, mas eu já estava lá, era o baixista antes! (risos) Foi um tempo bem difícil, mas insistimos na ideia e com o tempo as coisas foram melhorando. Hoje muitas pessoas nem sabem que tivemos uma outra 'fase', elas já entendem o Kataklysm como a banda que somos hoje.

O que é ótimo, afinal, já são mais de vinte anos nesse 'novo' caminho.

Maurizio: Exatamente. Temos orgulho do nosso passado e de tudo o que vivemos e fizemos lá, não estaríamos aqui sem isso. Mas julgar nosso trabalho atual contra algo que fizemos no início da carreira seria injusto e até infantil, existe lugar para apreciar as duas coisas sem eliminar nada.

E qual foi a chave para esse triunfo?

Maurizio: Não ter jogado tudo para o alto quando as pessoas fizeram de tudo para que fizéssemos isso! O segredo para estarmos aqui hoje é não termos desistido quando isso era o que todos queriam. Esta banda é triunfo da nossa força e da nossa vontade imparável, essa é a verdade!

Pensando dessa forma, nada mais justo do que terem lançado um álbum intitulado *Unconquered* em 2020, um ano em que tanta tragédia e medo envolveram o mundo.

Maurizio: Exato, cara, essa era a ideia! A parte engraçada é que o álbum já estava completamente finalizado em dezembro de 2019, ele já tinha este título e tudo, estava literalmente pronto para ser lançado, então foi curioso o rumo que as coisas tomaram. Quer dizer, de repente o mundo entrou em 'lockdown', tínhamos um novo álbum e nenhuma possibilidade de ir para a estrada, os discos de todos os artistas passaram a atrasar por conta da pandemia. A gravadora foi jogando o lançamento para frente: setembro e depois outubro de 2020, e nós esperando para ver o que acontecia. Chegou o dia em que eles disseram: 'Caras, ainda não sabemos como serão as coisas, e esse álbum é muito forte, vamos deixar para 2021.' Na hora eu pensei: 'Isso não vai acontecer, de forma alguma, não vou permitir isso.' Somos uma banda de metal, são tempos sombrios, é um momento em que acho que a música é necessária e edificante. É terapêutico e ajuda as pessoas a superarem os momentos ruins que vivem, eu mesmo ouço música para melhorar, tenho uma trilha sonora para cada momento difícil que superei na vida! De forma alguma nos acovardaríamos em um momento como aquele, então, acabou sendo um álbum gigantesco para nós enquanto banda!

CLUBE DE METAL

DESOLATION ANGELS

ORIGEM:
Inglaterra

ÉPOCA:
Anos 80

ESTILO:
NWOBHM

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Dave Wall (vocal), Keith Sharp e Robin Brancher (guitarras), Joe Larner (baixo) e Brett Robertson (bateria)

DISCOGRAFIA:
Desolation Angels (1986), While the Flame Still Burns (1990), King (2017) e Burning Black (2022)

Por Ricardo Batalha

Na era da NWOBHM, alguns grupos abraçaram uma estética sinistra e sombria, incorporando a figura do ceifador em sua identidade visual. Nomes como Grim Reaper, Crucifixion e Desolation Angels surgiram como expoentes dessa tendência. A concepção do nome da banda, formada no começo da década de 80 em Londres, veio de muita pesquisa. "Descobrimos um artista chamado Chris Achilleos. Foi de uma de suas obras de arte que decidimos nosso logotipo. Em seguida, encontramos um texto descrevendo os Quatro Cavaleiros do Apocalipse com mais detalhes, especialmente uma parte que relacionava um deles como o 'Anjo Exilado' (Lúcifer), e, portanto, todos os Quatro Cavaleiros do Apocalipse juntos eram conhecidos como os Desolation Angels", explicou o guitarrista Robin Brancher.

Keith Sharp, Richie Yeates, Paul Taylor, Clive Pearson e Chris Takka

Divulgação

CLUBE DE REVISTAS

Um anúncio foi publicado na revista Melody Maker em busca de um vocalista, e a formação foi completada quando Dave Wall fez um teste. Assim, por volta de 1981, Wall, Keith Sharp e Robin Brancher (guitarras), Joe Larner (baixo) e John Graham (bateria) gravaram uma demo no Legend Studios. Porém, os músicos tinham como foco principal os shows e rapidamente o grupo conquistou uma boa reputação no circuito de pubs e clubes.

No ano seguinte, a formação se consolidou com a entrada do baterista Brett Robertson, que estreou no single *Valhalla/Boadicea* (1982). Em 1984, a banda assinou com a Bullit Records para gravar o debut no Thameside Studios. A situação, no entanto, foi caótica. Além da falta de experiência, a Bullit faliu enquanto a banda estava no estúdio. Eles queriam cancelar o projeto, mas estavam contratualmente obrigados a finalizar o disco. A gravação com Jerry Tilley não agradou, o que levou à saída de Brett, que não foi creditado no encarte. No final, o disco, originalmente previsto para ser lançado em 1984, só saiu dois anos depois. Destacando faixas como *Evil Possessor*, *Unsung Hero*, *Death Machine* e *Angry Rain*, o álbum homônimo chegou a sair no Brasil em 1987 pela Rock Brigade Records.

Depois de tentativas frustradas, foi Adam Palfrey quem assumiu a bateria. Tudo certo? Não. Agora o baixista Joe Larner foi substituído por Dave Scutt, que estreou em uma demo de cinco músicas gravadas no Impulse Studios e participou de turnês pelo Reino Unido. Um desses shows aproximou a banda do promotor John Feely, que os convenceu a ir para os EUA, onde fixaram residência em Los Angeles. "Passamos a maior parte do tempo construindo uma base de fãs e fazendo shows na Sunset Strip. Depois, tocamos em alguns estados vizinhos e gravamos em vários estúdios", recordou Keith Sharp. Uma destas gravações ocorreu no Silvercloud Studios, em Burbank, na Califórnia, originando *While the Flame Still Burns*. "Durante esse período, o estresse começou a afetar a banda e Adam acabou saindo. Recrutamos um jovem baterista americano chamado Sam Wilmore", contou Sharp. "Então, embarcamos em nossa última turnê pelo sul dos EUA. Esperávamos conseguir um grande contrato, mas não foi possível", disse.

Desolation Angels (1986)

Burning Black (2022)

Em 1992, metade da banda retornou à Inglaterra. "Substituímos Dave Wall por Lee Addison, e optamos por regravar o álbum. Nos separamos de Feely e nos baseamos novamente na Inglaterra, mas mesmo o retorno de Scutt não nos impediu de seguir em diferentes direções musicais, e finalmente nos separamos em maio de 1994", detalhou o guitarrista.

O nome ficou esquecido até que, em 2008, saiu *Feels Like Thunder*, um box com 4 CDs incluindo demos, músicas inéditas, ensaios e gravações de shows. Anos depois, em 2014, saiu o EP *Sweeter the Meat*, seguido do álbum *King* (2017), com Keith Sharp e Robin Brancher ao lado de Paul Taylor (vocal, Midnight Messiah, ex-Elixir e Midas), Clive Pearson (baixo) e Chris Takka (bateria). O material foi produzido e mixado por Chris Tsangarides, mas a gravação não arranca suspiros.

O mais recente lançamento é *Burning Black*, que saiu em 2022 e foi produzido por Corin Myatt. A formação traz Paul Taylor (vocal), Keith Sharp e Richie Yeates (guitarras), Clive Pearson (baixo) e Chris Takka (bateria).

DISPONÍVEL
NOVO VIDEOCLIPE
EMPTY FEELINGS
YouTube
@PARADISEINFLAMES

Novo EP já disponível em streaming e download

Spotify DEEZER Download on the App Store TIDAL Google play

@PARADISEINFLAMESBAND www.paradiseinflames.com /PARADISEINFLAMESBAND

ENGL HEADRUSH SE STAY EMG Fishman Seymour BSP KEMPER

www.planetadesign.com

Tia Toyoke

Ruud Jolie, Stefan Helleblad, Martijn Spierenburg, Sharon den Adel, Jeroen van Veen e Mike Coolen sedimentam o caminho do novo álbum com vários singles

WITHIN TEMPTATION

CONECTADO AOS NOVOS TEMPOS

Uma grande mudança de rumos, e a banda holandesa mantém-se atual e relevante no novo cenário metal

Por Valtemir Amler

Já se foi muito tempo, afinal, lá se vão quase trinta anos desde que o Within Temptation deu seus primeiros passos, em Waddinxveen (HOL). Se antes eles eram apenas uma espécie de 'prata da casa' nos bares e clubes locais, começaram a dar indicações da banda que seriam no futuro já quando lançaram o primeiro disco, *Enter*, em 1997. A acolhida positiva na imprensa especializada de todo o mundo preparou o caminho para o passo seguinte, *Mother Earth* (2000), álbum que cravou definitivamente o nome do grupo ao redor do globo, incluindo-se aí uma grande exposição no Brasil e em toda a América Latina. Desde então, muito mudou no universo musical da banda, mas o núcleo criativo permanece o mesmo desde os primeiros dias, com Robert Westerholt (guitarra), Jeroen van Veen (baixo) e Sharon den Adel (vocal), prova sólida de que não é preciso reformar todo o time para apostar na mudança. E essa foi a palavra de ordem para o septeto (completado com os guitarristas Ruud Jolie e Stefan Helleblad, o tecladista Martijn Spierenburg e o baterista Mike Coolen), que tem evoluído constantemente desde os primeiros dias, algo que inclusive se reflete na postura crítica de muitos de seus antigos fãs, especialmente em relação aos novos trabalhos. Tal fato não é estranho para a vocalista, que mais uma vez conversou conosco e novamente demonstrou a certeza de quem sabe o caminho que escolheu trilhar.

É interessante olhar para o catálogo do Within Temptation e perceber que, a despeito das várias mudanças de formação e caminhos musicais, vocês sempre gostaram de criar letras introspectivas, que provocam e aguçam o pensamento dos fãs. Da maneira como vejo, esse parece ser um aspecto muito importante da sua música, certo?

Sharon den Adel: Sim, pessoalmente posso afirmar que tem sido uma das partes mais importantes do nosso processo criativo desde os primeiros dias, mas ainda assim não tenho a ilusão de que todas as pessoas prestem real atenção às nossas letras quando ouvem nossa música. Quer dizer, existem pessoas de todos os tipos, há aqueles que só dão atenção ao aspecto musical, que querem perceber e analisar a habilidade de execução da banda; existem aqueles que realmente valorizam as letras e que têm um profundo interesse na poesia contida nela, e ainda há aqueles que simplesmente querem se divertir, e não se importam se a banda é particularmente competente nas letras ou no instrumental (risos). Eu nunca diria que alguém está certo ou errado, mas pessoalmente valorizo muito as letras, é uma maneira que tenho de tocar em certos temas e alcançar certas pessoas. Então, por mais que muita gente nem ligue, ainda é algo a que sempre dedicarei toda a minha atenção.

Sim, lembro que da última vez que conversamos você havia dito que não ligava se as pessoas davam atenção real às letras, uma vez que a música estava lá, mas acredito que existe toda uma nova dimensão se abrindo diante do fã quando ele realmente faz a conexão entre os diferentes elementos.

Sharon: Sim, conforme os anos foram passando e fomos ganhando mais habilidade na elaboração e execução de nossas ideias, fomos implementando novas coisas, fomos trabalhando todos os elementos que cercam a nossa música de maneira

a manter tudo conectado, como que seguindo um roteiro. A música, as letras, os vídeos, nossa performance ao vivo, tudo está conectado e tudo tem um significado, e concordo com você que a experiência se torna algo muito maior quando você começa a perceber isso e mentalmente tenta fazer as conexões. Claro que é um desafio pensar nisso tudo e executar da melhor maneira possível, então eu adoraria que todos percebessem todas as nuances, mas ainda assim não podemos exigir que todos estejam dispostos a dar toda essa atenção ao que fazemos, a vida às vezes é muito atribulada e muito dura. Não podemos deixar de pensar que muitas vezes tudo o que o fã quer é colocar uma música para se divertir e esquecer dos problemas, e isso também é muito importante. Então, espero que estejamos conseguindo ser bem-sucedidos nas duas missões. Se nossa música estiver fazendo bem para as pessoas de alguma forma, isso me deixa muito satisfeita.

Desde que isso não seja um fator limitador da sua criatividade, certo?

Sharon: Exatamente, nós criamos a mensagem de qualquer forma, então quando as pessoas estiverem abertas o suficiente para recebê-la, ela estará lá. Seria bem diferente se pensássemos: 'Ah, as pessoas não têm tempo para isso agora, então vamos fazer de qualquer jeito.' Isso não funcionaria para nós. Precisamos pensar na música como um todo: a música inspira as letras, as letras inspiram as músicas, que inspiram os clipes, que inspiram os shows e vice-versa, é assim sempre para nós. Existe muito para descobrir se você realmente estiver disposto a prestar atenção nas nossas letras e nos nossos vídeos, coisas que podem ajudar em certos momentos específicos da vida. Enfim, é algo grande e que sempre estará lá, esperando pelos fãs.

Sim, e isso é algo que percebemos muito claramente quando colocamos lado a lado álbuns como *Mother Earth* (2000) e *Resist* (2019). Musical e liricamente são muito diferentes, mas a mensagem está lá.

Sharon: Sim, obrigado por perceber isso. Bem, quando fizemos *Mother Earth* estávamos muito preocupados com uma questão que vem acontecendo desde os primeiros dias da industrialização desenfreada, este novo estilo de vida consumista que tem meio que quebrado o vínculo do ser humano com o meio ambiente, com o mundo que o cerca. Em que momento começamos a ver a Terra mais como algo a ser explorado do que como nosso lar? É claro que precisamos obter dela os recursos necessários para viver, mas a maneira agressiva e predatória como fazemos isso rompe todo o equilíbrio, e isso é algo que preocupa qualquer pessoa que pare para pensar. Em *Resist*, diria que as circunstâncias e eventos que vivemos especialmente nessa última década nos levaram a escrever aquele tipo de letras. Vivemos em um mundo moderno, mas ao mesmo tempo retrógrado, onde falamos de liberdade, mas tentamos impedir que as pessoas sejam livres. O disco fala sobre resistência, luta, mas fazemos isso como uma mensagem, não como pregação. Você não precisa concordar conosco, não estamos tentando converter ninguém.

Como dissemos antes, com o passar dos anos o Within Temptation passou por várias transformações, e isso não apenas na formação. Musicalmente, a banda nunca pareceu lançar o mesmo

W|RELESS
Spinefarm - Imp.

álbum duas vezes, mas as diferenças ficaram bem mais evidentes desde *The Unforgiving* (2011).

Sharon: Sim, é verdade. Veja, ficar estáticos nunca foi o nosso objetivo como banda. Nunca quisemos ter um grupo que fosse capaz de fazer um único tipo de música, sempre quisemos ser abrangentes e fazer tudo aquilo de que gostássemos, desde que julgássemos correto e tivéssemos o momento e a ocasião certos para fazer algo diferente. Com isso quero dizer que nunca tentamos forçar nada, apenas também nunca quisemos reprimir, entende?

Claro.

Sharon: Então, foi basicamente assim que aconteceu ao longo dos anos. Eu sinto de verdade que alguns fãs ficaram um tanto chocados com as nossas mudanças musicais, foi algo que realmente pegou-os desprevenidos, foi totalmente inesperado. Mas, para nós essa mudança parecia algo muito mais óbvio e até inevitável. Sinto que estávamos rumando por um caminho e que não seguir até lá seria como 'forçar' algo. Isso nunca me agradou. Hoje, somos uma banda diferente daquela que gravou *Enter, Mother Earth, The Silent Force* (2004) ou *The Heart of Everything* (2007), mas ao mesmo tempo somos a mesma banda, não nos afastamos completamente daquilo, pois também é uma parte de nós. Precisávamos de uma mudança tanto para expandir os nossos horizontes quanto para manter as coisas interessantes para nós, então simplesmente seguimos em frente sem medo, pois é isso que significa ter uma banda na minha opinião.

É justo. Bem, o Within Temptation tem muitos fãs no Brasil, mas ainda assim é um público menor do que a banda dispõe em outros países da América Latina, onde são gigantes. Você consegue ver um motivo para ser assim?

Sharon: Essa não é uma pergunta simples de responder. Acho que pode ser verdade, realmente parece que temos um público menor no Brasil do que em alguns dos seus vizinhos, mas isso não quer dizer que os brasileiros sejam menos apaixonados. Nossos shows por aí são sempre intensos, recebemos sempre muitas mensagens de apoio e pedidos para voltar para o Brasil, então é um bom território para nós, no geral. Tem sido desde os primeiros dias, na verdade, desde os tempos de *Mother Earth* sempre recebemos muito amor do Brasil, e sou muito grata por isso. Não sei, talvez nossa mudança sonora tenha mudado a forma como algumas pessoas nos veem por aí, não sei de fato como essas coisas são encaradas por aí, mas uma coisa eu digo: sempre recebemos muito amor dos brasileiros, e isso nos faz muito bem!

Para encerrar, recentemente vocês têm investido no lançamento de muitos singles, depois reunidos em EPs. Essa estratégia é algo que deverá continuar daqui para a frente?

Sharon: Lançar novos singles tem sido uma maneira muito prática de mostrar que a banda está ativa e o que estamos produzindo no momento, então é algo que tem nos ajudado muito. Então, sim, é algo que devemos continuar fazendo, mas não se preocupem, deveremos ter um novo álbum do Within Temptation em breve, a estratégia não é deixar de produzir álbuns! Vamos ver, talvez ainda em 2023 tenhamos um novo álbum, e aí vamos marcar para atualizar essa conversa!

EDIÇÃO DE REVISTA

CRYPTA

SHADES OF SORROW
NAPALM/SHINIGAMI - NAC.

9,5

Por razões óbvias, o barulho proporcionado por *Echoes of the Soul* (2021) fez todo sentido, mas, acredite, é com *Shades of Sorrow* que a Crypta realmente mostra a que veio. Das letras - que dão uma cara conceitual ao trabalho - ao instrumental - bastante complexo, mas totalmente inteligível -, Fernanda Lira (baixo e vocal), Tainá Bergamaschi e Jéssica di Falchi (guitarras) e Luana Dametto (bateria) entregam uma obra mais bem trabalhada, amplificada por uma produção orgânica de encher os ouvidos (o som do baixo está bonito demais), e também mais bem amarrada. Observe como a introdução *The Aftermath*, o interlúdio *The Limbo* e o outro *The Closure*, todas instrumentais ao piano, conversam perfeitamente com o conteúdo lírico e entregam o seu clima. E desta vez o primeiro single, *Lord of Ruins*, realmente deu a dimensão exata do álbum, com elementos e particularidades que se espalham por toda a audição. Da diversidade vocal da Fernanda (*The Outsider* e *Lift the Blindfold*) à destruição promovida pela Luana (*Dark Clouds* e *The Outsider* e *Agents of Chaos*), há o trabalho magnífico de Tainá e Jéssica (*Poisonous Apathy*, *Stronghold*, *Trial of Traitors* e *Lift the Blindfold*). E as músicas entre os parênteses são somente para dar nome a exemplos individuais, porque estes reforçam a excelência do coletivo em faixas como *The Outsider*, *Stronghold*, *Agents of Chaos* e *Lift the Blindfold*, as quatro com instrumental de cair o queixo; *The Other Side of Anger*, que mete o pé no acelerador para ser a mais death metal do disco; e *Lullaby for the Forsaken*, cujo solfejo de canção de ninar abre caminho para uma das músicas mais nervosas do disco, fora o melhor de todos os refrãos. Agora, resta a Fernanda, Luana, Tainá e Jéssica o agradável "problema" de ir além do que apresentaram no segundo álbum.

Daniel Dutra

DEGREED

PUBLIC ADDRESS
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,5

Não é de hoje que o Degreed vem merecendo mais destaque no cenário do hard rock. Com seu sétimo álbum, *Public Address*, Robin Eriksson (vocal e baixo), Daniel Johansson (guitarra), Mats Eriksson (bateria) e Mikael Blanc (teclado) entregam mais uma obra que vai de encontro à boa fase vivida pelos suecos, começando pelos singles que anteciparam o lançamento oficial: a energética *Big Plans* e *Ride Along*, pegajosa e com um riff groovado. Já a hard'n'heavy *Who Are You (To Say)* vem com andamento acelerado enquanto que *The Way of The World* mantém a pegada hard'n'heavy e traz toques de AOR, como sempre bem explora o Degreed. O lado 80s pop com alma melodic rock entra em *This is Love*. Destaques ainda para as melódicas e radiofônicas *Free Again*, *Resist The Urge*, além da versátil *Pressure* e *No One* e *For You*, uma das melhores do repertório. Faça um favor a si mesmo e "favorite" o Degreed, pois você não vai se arrepender.

Ricardo Batalha

WINGER

SEVEN
FRONTIERS/SHINIGAMI - NAC.

10

Indo direto ao ponto: nove anos depois de *Better Days Comin'*, o quinteto formado por Kip Winger (baixo, teclados e vocal), Reb Beach e John Roth (guitarras), Rod Morgenstein (bateria) e Paul Taylor (teclados e guitarra), de volta ao estúdio com a banda pela primeira vez desde *In the Heart of the Young* (1990), nos deram a audição de um dos melhores discos de 2023. E era pule de dez a firmar algo assim depois dos dois primeiros singles e videoclipes lançados, a começar por *Proud Desperado*, que mostrou o Winger de volta ao lado mais pesado do espetacular *Pull* (1993), com riff, melodias vocais e refrãos de mão cheia; e então veio *It All Comes Back Around*, a grande e épica obra-prima de *Seven*, para ratificar a genialidade de Kip Winger, autor de música e letra e dono de uma performance vocal brilhante, deixando espaço para um solo magistral de Beach. E é impossível não encher esta resenha de predicados e superlativos, além de bater numa tecla necessária: o que Kip Winger canta é qualquer coisa fora do comum, e *Tears of Blood*, *Do or Die* e a belíssima *Broken Glass* são o melhor exemplo disso. Musical e tecnicamente, não tem o que tirar nem colocar em *Seven*, um trabalho recheado de refrãos e melodias vocais impecáveis norteando riffs e levadas para lá de empolgantes, tudo isso traduzido em *It's Okay*, *Stick the Knife and Twist* e *One Light to Burn*, que mostram força exatamente por aparecem na segunda metade de um CD que nunca cansa. Enquanto *Voodoo Fire* e *Time Bomb* têm o clima do já citado *Pull*; *Heaven's Falling* e *Resurrect Me* (qualquer semelhança com o Scorpions não deve ser acidental) são puro suco da década de 1980 adoçado com hard rock de arena dos anos 2020; e *Tears of Blood* (cujo início remete ao, acredite, W.A.S.P.) é a síntese de um disco que pode ser chamado de perfeito.

Daniel Dutra

KORVAK

II – WORLD'S DUALITY
THRASH OR DEATH - NAC.

10

Fãs de bandas como Gorguts, Sadus, Death, Coroner sabem que é possível fazer música incrivelmente técnica sem precisar necessariamente aborrecer o ouvinte até a morte. E o segredo para isso parece ser evidente: basta mergulhar toda essa referência técnica e progressiva no mais profundo lodaçal da música extrema. Bem mais jovem do que as formações citadas, a paraibana Korvak conhece bem esses fundamentos, algo que já havia mostrado em seu autointitulado álbum de estreia de 2019, e que evidencia ainda mais nesse segundo registro. A coisa aqui é absolutamente genial (e esquizofrênica), como você confere tanto na bestialidade de *March To Death*, como no equilíbrio sereno de *The Dream About a Trip Around the Fifth Sun of a Distant Galaxy*, muito mais do que um mero 'interlúdio prog'. Com canções que parecem ir dos salões brilhantes da MPB até os porões sujos e mal iluminados do death metal (com direito a muita viagem na naftalina dos velhos clássicos do prog), este álbum é obrigatório, seja você fã do thrash esmagador dos primeiros anos do Kreator, seja fã do inevitável novo death metal do Blood Incantation.

Valtemir Amler

METAL CHURCH

CONGREGATION OF ANNIHILATION
RAT PAK/HELLION - NAC.

5,0

É especialmente significativo quando uma de suas bandas favoritas se recupera de um grande trauma e segue em frente. No caso do Metal Church, a trágica morte de Mike Howe em 2021 reforçou um sentimento comum depois do pior momento do luto: o carinho por quem fica. E a torcida pela recuperação foi recompensada com *Congregation of Annihilation*, o 13º álbum de inéditas da banda de Kurdt Vanderhoof e Rick Van Zandt (guitarras), Steve Unger (baixo), Stet Howland (bateria) e o recém-chegado Marc Lopes. Recompensada pela continuidade, não necessariamente pela nova obra, porque o que se escutou em *Pick a God and Pray*, o primeiro single, é mesmo o teor de quase todo o CD. E não necessariamente pela abordagem mais próxima às raízes thrash metal do grupo - que, diga-se, nunca foi realmente thrash metal -, com uma sonoridade muito próxima à do Annihilator (sem trocadilho com o título do disco). É assim que também soa a faixa-título, por exemplo, mas a banda de Jeff Waters não poderia nunca ser o problema, que, na verdade, reside em Lopes. Bastaria a primeira música, *Another Judgment Day*, para perceber que o vocalista, com uma abordagem mais parecida com a do igualmente saudoso

David Wayne, puxaria todo o trabalho para trás. Ou para baixo, como queiram. Seus maneirismos e trejeitos vocais tanto são enjoativos quanto soam completamente forçados, quase sempre jogando por terra canções realmente boas, como *Children of the Lie* e *Me the Nothing*, mas especialmente as quatro últimas, *These Violent Thrills*, *All That We Destroy*, *My Favorite Sin* e *Salvation*, que eu poderia apostar terem sido compostas antes de Howe infelizmente nos deixar.

Daniel Dutra

RAY ALDER

II

INSIDEOUT - IMP.

8,5

Há vozes que são um bálsamo para os ouvidos, e Ray Alder é uma delas. Especialmente depois de o próprio vocalista ter dado uma das piores notícias do mundo da música em 2023, a de que Jim Matheos não tem mais interesse em compor para o Fates Warning. Assim, o sucessor do ótimo *What the Water Wants* (2019) ganhou contornos ainda mais importantes, e o melhor é que *II* não decepciona. Acompanhado de Mike Abdow e Tony Hernando, que gravaram guitarras e baixos, e do batera Craig Anderson, Alder adicionou ao seu novo disco solo elementos que havia apresentado com o Engine, projeto que teve no fim dos anos 1990 e início dos anos 2000. Ou seja, mais peso e toques contemporâneos, modernos mesmo, o que fica evidente logo na faixa de abertura, *This Hollow Shell*, e segue em canções como *Silence the Enemy*, *Waiting for Some Sun*, *Those Words I Bled* e *Changes*, esta com uma interpretação cheia de sentimento que faz a voz de Alder brilhar ainda mais. Você não encontra o alto grau de complexidade do Fates Warning, mas também não fica sem as belas melodias e passagens tiradas do mundo do prog metal. E ainda há espaço para três destaques absolutos: *My Oblivion*, mais palatável e quase pop; *Hands of Time*, com um refrão que é muito mais do que grudento: é bonito demais; e a linda balada *Keep Wandering*, enriquecida por ótimo trabalho de guitarra rítmico e solo, que esbanja feeling.

Daniel Dutra

HEAVENS EDGE

GET IT RIGHT

FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,5

Tudo bem, até era esperado que o retorno do Heavens Edge com seu primeiro álbum de estúdio desde 1998 gerasse grande expectativa. A banda, originária da Filadélfia, se reuniu há uma década, mas quando tive a oportunidade de vê-la ao vivo em 2020 no MORC, senti que havia potencial para algo especial, pois o show mantinha a energia e malícia das performances típicas da era do glam metal. Ou seja, se você olhou para a arte de capa e pensou na performance da banda, é do vocalista Mark Evans, na clássica *Skin To Skin* ou em *Rock Steady*, com as "pernadas hard", acertou. Portanto, quando Mark Evans, Reggie Wu e Steve Parry (guitarras), Jaron Gulino (baixo) e David Rath (bateria) definiram que iriam compor material novo, aumentaram as expectativas de que algo positivo estava por vir. Então, quando soltaram o single da pesada *Hod Enough* e a melódica *What Could've Been*, abriu-se o horizonte e a previsão se concretizou. O nível da produção de *Get It Right* chama a atenção e o repertório traz outras faixas de impacto, como *Gone, Gone, Gone*; o belo groove de *Nothing Left But Goodbye*; a balada *When The Lights Go Down*; *Raise 'Em Up*, com belas viradas de David Rath; a acelerada e energética *9 Lives (My Immortal Life)*; um quê de Scorpions em *Dirty Little Secrets*; a hardona *Beautiful Disguise* e a pesada *I'm Not The One*. Um retorno inspirado!

Ricardo Batalha

MOTÖRHEAD

LIVE AT MONTREUX JAZZ FESTIVAL '07

BMG - NAC.

9,0

Lemmy martela o baixo distorcido e no volume 12, dá uma parada, cumprimenta a galera em francês, italiano e inglês, e depois lembra que estava no Festival de Jazz de Montreux, na Suíça (por isso a saudação em italiano e francês, duas das línguas oficiais do país). Em seguida, vocifera "we are Motörhead and we play rock'n'roll!" e aí o mundo desaba na sua cabeça. Quem já foi a um show da banda sabe a força que isso tem! E esta apresentação só confirma isso: a música do Motörhead era/é uma verdadeira usina de força que jamais poderá ser esquecida. Gravado em 7 de julho de 2007, durante a tour de divulgação de *Kiss of Death* (2006), o disco conta com a última formação da banda, com Lemmy, Phil Campbell e Mikkey Dee, time que se mostrou de uma eficiência única e que na época deste show estava no auge da forma. Assim, diante de uma galera que certamente não estava ali pra ouvir jazz, o trio foi desfilando seus clássicos com a fúria habitual: *Stay Clean*, *Going to Brazil*, *Iron Fist*, *Killed by Death*, *Ace of Spades* e *Overkill* são apenas alguns dentre os 19 temas apresentados no show. No fim das contas, a audição do disco dá até certa tristeza por sabermos que jamais vamos ver Lemmy ao vivo novamente. Mas sua arte está aí, pra gente se deleitar quando quiser. Então, vai aquela recomendação manjada, mas que aqui funciona perfeita mente: ouça alto!!!

Antonio Carlos Monteiro

ELECTRIC BOYS

GRAND EXPLOSIVOS

MIGHTY MUSIC - IMP.

9,5

O Electric Boys está de volta e trazendo do funky'n'roll para esse mundo caótico. Quem tiver menos de 40 anos talvez nunca tenha ouvido falar nesses suecos, mas o fato é que no início dos anos 90 existiu uma onda chamada funk'o metal, que eles surfaram e ficaram conhecidos com a ajuda da MTV, que exibia seus clipes contagiantes de *All Lips 'n' Hips*, *Psychedelic Eyes* e *Mary in the Mystery World*. Passado tanto tempo e somando oito álbuns, o grupo nos presenteia agora com um dos melhores lançamentos do ano. Não bastasse os singles de *I've Got a Feelin'*, com o fundador Conny Bloom cantando ao melhor estilo Iggy Pop, e de *Domestic Blitz*, *Grand Explosivos* (que sai em setembro) convida o ouvinte a dançar com as funkeadas *When Life Treats You Funky*, *Better Safe than Sober*, *Learjet*, *Cozmic Jagger* e *The Great Believer*. O classic rock setentista também sempre foi referência para os garotos elétricos e isso você perceberá tanto em *And the Band Played On – Part 1*, *Karma's Gonna Get You* e *Domestic Blitz*, como no vocal de Bloom, que é muito David Coverdale da fase Purple e do início do Whitesnake. Se você tem curiosidade em saber mais sobre a mistura de rock'n'roll e funk anos 70, *Grand Explosivos* lhe ensina!

Leandro Nogueira Coppi

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

FABRÍCIO MALEFICARUM

(BLASFEMADOR)

Iron Maiden - *Piece of Mind*
Sarcófago - *The Laws of Scourge*
Possessed - *Seven Churches*
Danzig - *Danzig*
Grim Reaper - *Rock you to Hell*

RODOLFO PAES

(CHUMBO)

Mercyful Fate - *Melissa*
Motörhead - *On Parole*
Uriah Heep - *The Magician's Birthday*
Exciter - *Long Live The Loud*
Iron Maiden - *Killers*

PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW

RELEASES

VIRGIN STEELE

THE PASSION OF DIONYSUS
STEAMHAMMER/SPV - IMP.

2,0

A narrativa na mitologia grega, lidando com o conceito da dualidade e tendo Dionísio como ponto central, e o discurso de David DeFeis são interessantes e poderiam ser realmente críveis, mas *The Passion of Dionysus* carece de senso crítico no sentido da abordagem da gravação. Ninguém em sã consciência vai entender o motivo pelo qual este nome de respeito do metal mundial soltou um material pretensamente épico, sinfônico e grandioso com um resultado tão pífio. O sucessor de *Nocturnes Of Hellfire & Damnation* (2015) falha miseravelmente em todos os aspectos e, sem nenhuma ponta de dúvida, tem que ser apontado como o pior disco do veterano grupo americano. Exceto pela vergonhosa e acelerada *Black Earth & Blood*, que saiu como single e tem pouco mais de 2 minutos, e *A Song of Possession*, com seus 5'51", todas as outras têm mais de 7 minutos de duração. Fuja!

Ricardo Batalha

CAVALERA

BESTIAL DEVASTATION
NUCLEAR BLAST - IMP.

7,0

Assim que Max (vocais e guitarra) e Igor (bateria) – os antigos Max "Possessed" e Igor "Skullcrusher" –, por meio do Cavalera, anunciaram para julho o lançamento das regravações dos dois primeiros álbuns do Sepultura, o EP *Bestial Devastation* (de 1985 e parte do split com *Século XX*, do Overdose) e o full *Morbid Visions* (1986), a velha discussão de "mexer no sagrado" (ou seria no "profano"?) veio à baila. Assim como questionamentos por uma (grande) parcela da comunidade metal: será que os irmãos Cavalera só o fizeram para surfar na onda do The Troops of Doom, banda do também ex-Sepultura Jairo Guedz, que tem uma proposta original e bem diferente, trazendo novas e excelentes composições, com a "cara" da década de 80? Com todas essas discussões e comparações, vamos ao resultado. Primeiro, de *Bestial*... Vale dizer que a sonoridade do Cavalera prioriza (óbvio) a qualidade de produção, assinada pelos irmãos Cavalera, engenharia de som, de John Aquilino, e mixagem e masterização, de Arthur Rizk, o que torna para lá de interessante a audição de pérolas como *Bestial Devastation*, *Antichrist* e *Necromancer*, além de *Sexta-Feira 13*, novidade da vez e cantada em português, mas composta naquela época em meados da década de 80. Porém, aquele feeling e aquela charmosa "tosqueira" das cinco faixas de outrora não marcam presença.

Thiago Prata

CAVALERA

MORBID VISIONS
NUCLEAR BLAST - IMP.

7,0

Assim como *Bestial Devastation*, o full *Morbid Visions*, lançado originalmente em 1986 e último registro de estúdio de Jairo Guedz (guitarra, The Troops of Doom) no Sepultura (embora Jairo "Tormentor" ainda tenha participado do processo de composição de *Schizophrenia*, de 1987, disco de estreia de Andreas Kisser na banda), ganhou uma versão repaginada pelos Cavalera. E, assim como o EP, conta com produção mais "limpa", sob autoria dos irmãos, mixagem e masterização de Arthur Rizk, engenharia de som de John Aquilino e arte da capa de Eliran Kantor (Helloween, Kreator, Testament). Se você conhece bem o clássico do grupo mineiro, sabe que o primeiro de seus oito atos é a faixa-título, que aqui mantém aquela agressividade em seu instrumental, embora não o mesmo feeling. Isso não quer dizer, no entanto, que Max e Iggor não esbanjem sentimento no "novo" play. Não se trata disso! Até porque os irmãos destilam uma baita química. E, diga-se de passagem, aquela parte mais cadenciada pouco depois da metade da música ficou muito (mas muito) legal. Resultado semelhante se faz presente em *Mayhem*, *War e Funeral Rites*, entre outras. Mas os principais destaques vão para a imortal *Troops of Doom*, com Max mandando ver naquele grito inicial, e na curta *Burn the Dead*, composta nos idos da banda e incluída nesta regravação. Ao vivo, o duo deve contar com Igor, filho de Max, no baixo, e Travis Stone (Pig Destroyer) na outra guitarra. A ver!

Thiago Prata

PARAGONIA II

COLETÂNEA
DISTRO ROCK - NAC.

9,5

Quando o assunto são coletâneas brasileiras com bandas de metal, é impossível não vir à mente as clássicas *SP Metal I* (1984) e *II* (1985), da Baratos Afins, e *Warfare Noise I* (1986), da Cogumelo, importantíssimas propagadoras do estilo no país. Quase quatro décadas depois, seguimos sendo premiados com ótimas antologias. É o caso dessa segunda coletânea *Paragonia*, que, dez anos depois do lançamento da primeira, reúne bandas old school e emergentes do rico cenário paraense. E que registro foda! Tem para vários gostos: death metal (Able to Return, Mandíbula e Nocturnal Bleed), thrash (Attack Kamikaze e Kaliban), heavy (Soledad), heavy/thrash (Jolly Joker), prog (Reghia), deathcore (A Red Nightmare) e stoner/doom (Dead Level). Cada banda tem sua qualidade, e seria desrespeitoso citar uma ou duas como destaques em uma coletânea que visa também ser uma curadoria. Então, não perca tempo e confira este petardo, que conta com uma "ajudinha" mineira: membros do Drowned, Fernando Lima (vocais) fez a arte da capa (com o curupira presente), e Marcos Amorim (guitarra) assina masterização e mixagem.

Thiago Prata

CHUMBO

CHUMBO
DISTRO ROCK/CLASSIC METAL - NAC.

8,0

A banda nasceu em 2016, e este registro, com uma formação diferente da atual, foi gravado em 2017, lançado em K7 em 2021 e agora ganha uma versão em CD. Pela capa, você pode imaginar que o grupo paulistano – hoje composto por Rodolfo Paes (vocal), Gustavo Durães (guitarra), Igor Lourenço (baixo) e Breno Bastos (bateria) – tem seu som calcado no heavy metal oitentista. Se você assim supôe, está coberto de razão. Com ritmo alucinante, guitarras ferozes e acenando para a NWOBHM e o metal tradicional de outras partes da Europa, o Chumbo também investe em temas intrínsecos à quela época, como ode ao metal, cerveja, inferno, Satã, drogas, sexo e mitologia – *Honra e Glória* e *Chumbo* são boas amostras para alguns desses tópicos. Mas não é só isso. Em *Trabalhador*, por exemplo, despeja críticas à realidade vivida por grande parte da sociedade brasileira. Deixe o álbum rolar e aprecie um bom heavy metal tradicional. Pois, parafraseando o poeta: "Quem não gosta de heavy metal, bom sujeito não é".

Thiago Prata

VOIVOD

MORGÖTH TALES
CENTURY MEDIA - IMP.

9,0

A fábrica Voivod continua sua produção incessante e, após o lançamento do 15° de estúdio, *Synchro Anarchy* (2022), surge o álbum comemorativo dos 40 anos de atividades, *Morgöth Tales*, que não é um caça-níquel barato e oportunista. O repertó-

rio apresenta novas versões das primeiras composições da trajetória dos canadenses, abrindo com a regravação de *Condemned to the Gallows*, originalmente presente na coletânea *Metal Massacre V* (Metal Blade). Interessante ouvir Denis "Snake" Belanger novamente cantando rasgado como nos velhos tempos. O restante do instrumental gravado por Daniel "Chewy" Mongrain (guitarra), Dominic "Rocky" Laroche (baixo) e Michel "Away" Langevin (bateria) obviamente está milhões de vezes mais bem gravado que as versões originais. Todas as faixas não só empolgarão como surpreenderão os fãs justamente pela nova roupagem, como *Thrashing Rage*, de *Rrrööööarrr* (1986); a faixa-título do álbum de 1987, *Killing Technology*; *Macrosolutions To Megaproblems*, de *Dimension Hatröss* (1988); além da inédita que é justamente *Morgöth Tales* e do excelente cover para a clássica *Home* do PiL (Public Image Ltd.). O material produzido por Francis Perron ainda traz a presença dos ex-integrantes Eric "E-Force" Forrest em *Rise* e Jason "Jasonic" Newsted em *Rebel Robot*. Fiquei recapitulando momentos da minha vida ao som de Voivod e lembrei-me de André "Pomba" Cagni e Sabah El Hage, dois amigos já falecidos que eram fãs de Voivod. Assim como eu, eles certamente também iriam aprovar esta celebração.

Ricardo Batalha

THE 69 EYES

DEATH OF DARKNESS

ATOMIC FIRE/SHINIGAMI - NAC.

8,0

O EP *Drive* dava indícios de que algo bom teríamos dos vampiros de Helsinque. E... Bingo! A total gothic e melódica faixa-título abre o repertório, que aumenta a energia com *Drive* e depois vai totalmente para os anos 80 com a pegada Human League de *Gotta Rock*. A velha amiga da banda e cantora Katherine von D, tatuadora conhecida no reality show Miami Ink, aparece em *This Murder Takes Two*. A conhecida e ótima *California* segue as homenagens dos finlandeses para os EUA, já que o maior sonho deles era ter vivido na Sunset Strip de Los Angeles na década de 80 (só deles?). Já *Call Me Snake* é um "tributo" ao The Sisters of Mercy com um riff xerocado de *Vision Thing*. Destaques ainda para a agitada *Something Real* e para *Dying In The Night*, daquelas que combina na madruga do Madame. O Goth'n'roll? Sim, vocais graves de Jyrki 69 mantendo a linha Billy Idol, Iggy Pop e Andrew Eldritch com os riffs marcantes e pesados de Bazie e Timo-Timo, sempre amparados no peso do baixão bem timbrado de Archzie e na batera precisa de Jussi 69. Mais uma bela obra dramática destes seres noturnos que personificam a essência do gothic e o temperam com glam, hard, pós-punk e pop.

Ricardo Batalha

IMMORTAL

WAR AGAINST ALL

NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,0

Se apresentando como one man band, contanto com o baterista Kevin Kvâle como contratado, Demonaz apresenta um novo disco do Immortal, cinco anos após *Northern Chaos Gods*. Apesar de muitos fãs ainda torcerem por uma volta de Abbath à frente da banda, que segue fazendo gracinhas afora, agora também no TikTok, é fato dizer que o ex-frontman não faz a menor falta. *War Against All* apenas reafirma o quanto Demonaz sempre foi o cara da coisa toda e nos traz o melhor disco da banda desde *Sons of Northen Darkness* (2002). A abertura com a metralhada da faixa-título, seguida de *Thunders of Darkness* é pura agressão com todo o clima gélido do black metal norueguês. *Wargod* já desacelera com um som 'midtempo' e dos poucos momentos do disco no qual o baixo tem presença mais relevante. *No Sun* segue pelo caminho sem velocidade e traz um dos melhores refrãos do disco. Já *Return to Cold* é dona de um dos momentos mais melódicos e melancólicos, incluindo uma passagem dedilhada viajante no meio de arrepiar. *Nordlandihr* é uma bela instrumental com absoluto destaque às guitarras, mas que dificilmente merece ser ouvida mais vezes, afinal, mais de 7 minutos sem vocais e seguindo praticamente sem mudanças de andamentos, cansam. O fechamento vem com *Immortal*, fazendo jus ao nome da banda com suas diferentes velocidades, e *Blashyrkh My Throne*, também dona de momentos mais melodiosos e depressivos em meio aos riffs e vocais rasgados.

Heverton Souza

KING DIAMOND

ABIGAIL

Já falei em edições anteriores sobre o fantástico artista sueco Thomas Holm, do estúdio Dzyan, que, ao lado de seu sócio, Thorbjörn Jorgenson, foi responsável por muitas capas clássicas do heavy metal. Entre elas, as famosas artes criadas para Mercyful Fate e King Diamond, ilustrando discos eternos como *Melissa*, *Don't Break the Oath*, *Fatal Portrait* e *Them*, este último já abordado nesta seção.

Thomas Holm tem outros clássicos em seu portfólio, mas desta vez vou falar sobre o icônico *Abigail*, segundo álbum e primeiro conceitual do King Diamond, lançado em 1987 pela Roadrunner Records. Em resumo, *Abigail* conta a história de Miriam e Jonathan La Fey, um casal que habita uma velha mansão assombrada por fantasmas, que prenunciam o retorno da alma da bebê Abigail. E são os cavaleiros negros "Black Horsemen" que agem como os principais mensageiros, portanto ganhando a capa deste conto sombrio. A história é na realidade muito mais complexa, então sugiro que ouça o disco e leia as letras para descobrir mais detalhes.

De fato, é uma obra-prima do metal e ainda não sei como não virou um filme de terror! Inclusive, é o disco favorito de Andy LaRocque em sua carreira com o King Diamond e o último que conta com o guitarrista Michael Denner e o baixista Timi Hansen, falecido em 2019. A arte foi encomendada especificamente para o disco. Thomas Holm leu a história e as letras, e a capa foi nascendo.

A carruagem puxada pelos cavalos veio da cabeça de Holm, e King Diamond achou uma ideia muito legal, já que *Black Horsemen*, última do repertório, é uma das músicas principais da história. King Diamond disse que foram feitas pouquíssimas mudanças antes de começarem a pintura, porque eles conseguiram visualizar a história de uma maneira muito vívida, tanto que chegava a dar arrepios nas primeiras pessoas que tiveram oportunidade de ver e ouvir as músicas.

A capa traz aquela sensação de terror clássica e assustadora, com uma paleta de cores frias, que parece ter saído de algum comic antigo do Drácula, ambientando perfeitamente as músicas e, sem dúvida, contribuindo muito para todo o conceito do álbum fazer ainda mais sentido. Uma combinação matadora, que se tornou patrimônio do heavy metal e inspira novos artistas e capas até os dias de hoje.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

RELEASES

EXTREME

SIX

EARMUSIC/SOUND CITY/SHINGAMI - NAC.

8,0

O que esperar do novo disco de uma banda 15 anos depois do último trabalho? Com *Six*, o Extreme mostra que Gary Cherone (vocal), Nuno Bettencourt (guitarra e vocal), Pat Badger (baixo) e Kevin Figueiredo (bateria) não são as mesmas pessoas que eram em 2008 - reforçando uma máxima que só não é uma verdade absoluta na música porque AC/DC, Motörhead e Ramones assim provaram. Mas o que isso significa? Bom, temos aqui ska e reggae em *Beautiful Girls*, e aí você pode lembrar que a banda meteu um rockabilly no álbum anterior, *Saudades de Rock*, com *Take Us Alive*. Tudo bem, mas o que dizer de *Thicker Than Blood*? Se colocar mais peso e reforçar os efeitos, ela vira um industrial à la Rammstein. Trata-se da música mais diferente da carreira do Extreme, o que permitiu a Bettencourt até mesmo soltar seu lado Tom Morello (Rage Against the Machine) no solo. E olha que ainda tem *X Out*, com sintetizadores dando um tom até mais eletrônico do que industrial a uma música mais voltada ao alternativo, tanto que, à exceção do solo, a guitarra fica em segundo plano. Mas é só isso? Não, e provavelmente você escutou *Rise* antes de qualquer coisa. Sim, aquela música com o solo autoindulgente mais badalado dos últimos muitos meses - e completamente fora do propósito da canção -, e que já mostrava novos ares no quarteto de Boston. Assim como *Rise*, o restante de *Six* é tanto Extreme repaginado quanto Extreme raiz. Na primeira categoria, você encaixa *#Rebel* (com um riff que lembra muito a pegada de Jake E. Lee), *Banshee* (com uma passagem que remete a *Same Ol' Situation*, do Mötley Crüe), *The Mask* e *Save Me*; e na segunda, *Other Side of the Rainbow*, *Small Town Beautiful*, *Hurricane* e *Here's to the Losers*. Uma coisa, no entanto, segue intacta: o talento dessa banda para escrever maravilhosas melodias vocais, enriquecidas pelas vozes de Cherone, Bettencourt e Badger.

Daniel Dutra

MYTHRA

TEMPLES OF MADNESS

CLASSIC METAL - NAC.

6,5

Contando atualmente com Kev Mcguire (vocal), John Roach e Alex Perry (guitarras), Maurice Bates (baixo) e Phil Davies (bateria), a banda inglesa Mythra, que integrou a fase inicial da NWOBHM, apresenta o sucessor de *Still Burning* (2017). Tendo um estilo que mescla a fase inicial do Iron Maiden, Saxon, UFO e Tokyo Blade, mas com o vocal estreante Mcguire soando meio Blaze Bayley, o repertório traz faixas energéticas, como *Stir The Echoes*, *Failure of Fortune*, *Dangerous*, *Vertigo* e *The Reaper*, e outras mais cadenciadas, como *Light In The Sky*. A produção é bem mediana, mas o clima 'rehearsal' poderá fazer com que o ouvinte se transporte para o começo dos anos 80. Bem, alguns chamarão de tosco e outros de true, mas todos estarão certos, porque esse disco é true e tosco mesmo.

Ricardo Batalha

HAMMURABI

LET THE SINOS

RIVER VALLEY ABLAZE

INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Já se passaram dezessete anos desde que o vocalista e guitarrista Daniel Lugondi fundou o Hammurabi em Minas Gerais, e desde então dois intensos registros completos foram lançados: *The Extinction Root* (2010) e *L.A.W.* (2018). Com uma agenda de shows sempre movimentada, era natural (embora não planejado), que em algum momento saísse um registro ao vivo como esse. Gravado em 25 de março no Ablaze Metal Fest, em Novo Hamburgo (RS), ele eterniza esta apresentação não apenas na memória de Lugondi, Gabriel Kaspar (baixo), Yuri Alexander (bateria) e Guilherme Goto (guitarra), mas de todo fã de death/thrash que se preze. A qualidade de som é boa o suficiente para permitir perceber todo o peso de músicas como *The Emperor Returns To The Front*, *Kings of Babylon*, *Followers of Black* e *Wrath Against the Dying of the Light*. Com as turbinas já devidamente aquecidas, quem sabe possamos começar a nos preparar para um novo álbum completo de estúdio. Afinal de contas, ninguém iria reclamar de um novo massacre thrash preparado por Lugondi, que tem aquele DNA do bom metal das Minas Gerais.

Valtemir Amler

KHORIUM

A PLENOS PULMÕES

INDEPENDENTE - NAC.

8,5

Uma das armas do Khorium é a liberdade de expressão com temas políticos, sociais e religiosos, dissertando sobre exploração, violência, manipulação etc. Quem conhece a banda de Volta Redonda/RJ desde o primeiro EP, *Manual Prático do Brasil* (2018), e o full-length *Idiocracia Tropical Contemporânea* (2019), não se assustou com *Forças Opostas* (2021). Do mesmo modo, *A Plenos Pulmões* funciona como se fosse a terceira parte de uma trilogia. Não que a banda concorde com tal afirmação, mas é que os tópicos citados são tão presentes nestes três álbuns que suas narrativas dariam uma série de TV. No entanto, o que o Khorium relata em suas músicas não tem nada de ficção. Habitualmente, a banda chama amigos da cena para gravarem em seus lançamentos. Neste novo álbum, você ouve a participação de Clemente Tadeu (Inocentes, Plebe Rude) em *Imunidade Tributária*. Se estiver a fim de ouvir Body Count, Rage Against the Machine, Cypress Hill e Beastie Boys, coloque o Khorium na playlist e não irá se arrepender.

Leonardo M. Brauna

CLASH BULLDOG'S

BARK POWER

HELL YEAH! - NAC.

9,0

Marcelo Braune (vocal e guitarra), Alex Saippa (guitarra), Bruno Eller (baixo) e Mauricio Tarrago (bateria) são de Nova Friburgo/RJ, montaram o Clash Bulldog's em 2020 e misturam heavy, hard e stoner com muito peso. De cara, o que mais chama a atenção em *Bark Power* é a qualidade da gravação. Thiago Bianchi, o produtor, conseguiu extrair uma sonoridade poucas vezes ouvida em uma banda brasileira, especialmente da voz e da guitarra. Já o grupo cumpre sua missão com louvor enfileirando riffs bacanas, arranjos eficientes e velocidade na medida certa. Pra deixar o negócio ainda mais bacana, três convidados participam de *Bark Power*: Henrique Fogaça em *Tears of Blood*, Mike Orlando em *Sharp Teeth* e Blaze Bayley em *Anger Grows*, que recebeu um vídeo e é uma das melhores, só perdendo para a grooveada *Don't Mess with the Bulldog's*. Agora é esperar pela tour porque quem já viu a banda ao vivo, com este que vos fala, sabe que é energia pura!

Antonio Carlos Monteiro

SWEET DANGER / BITER

DANGER AT FIRST BITE

CLASSIC METAL - NAC.

7,0

Danger at First Bite é um Split-CD com duas bandas brasileiras que resgatam a sonoridade, a postura e o visual da New Wave of British Heavy Metal. As cinco primeiras faixas são do Sweet Danger, que conta com Adriano Conde (vocal), Marcelo Araújo e Felipe Sotnas (guitarras), Allan Brasil

(baixo) e Bruno Morais (bateria). A banda, que tem um nome em homenagem ao Angel Witch, estreou em 2016 com o álbum *Women, Leather and Hell*. Seu som é metal tradicional com vocais rasgados e bons solos. A faixa *Permanent Rebellion* vem com uma pegada mais Accept e Running Wild, mas é *Metal To The Bones* que resume o espírito da banda. Já o Biter, que estreou em 2017 com *The Eyes of the Biter*, conta com Brian Adriano (vocal e baixo), Diego Alcon (vocal e guitarra), Jimmy Walcker (guitarra) e Anderson Bregantin (bateria). O seu som é encorpado e vem na mesma toada do metal anos 80, com vocais fortes e rasgados. A faixa *Federal Republic of Metal* estampa a mensagem do grupo de Indaiatuba (SP). Destaque ainda para a arte de capa criada por Allan Brasil e o trabalho gráfico impecável do encarte feito por Diego Alcon.

Ricardo Batalha

SLEEP TOKEN

TAKE ME BACK TO EDEN
SPINEFARM - IMP.

8,0

A banda inglesa Sleep Token teve uma ascensão um tanto meteórica desde sua formação em 2016, com seus figurinos e identidades misteriosas, juntamente com sua mistura de metal alternativo e indie pop, chamando a atenção de muitas pessoas. *Sundowning*, de 2019, foi mais um bom capítulo na carreira, com passagens melancólicas e arranjos sensacionais. Embora *This Place Will Become Your Tomb*, de 2021, tenha se apegado a esse modelo, também viu o Sleep Token rumar para um som mais comercial. Já o novo álbum, *Take Me Back to Eden* (que conclui a trilogia conceitual), é o mais variado de todos. É muito bem produzido e tem muitas músicas boas, e outras que podem ser esquecidas. A abertura, *Chokehold*, tem declarações melancólicas construídas sobre arranjos artisticamente envolventes. A percussão programada, bateria, notas de piano, cantos de fundo assustadores, arpejos de violão e riffs pesados dão força a composição. É certamente uma das músicas mais poderosas da banda até hoje. *The Summoning* é a evidência mais óbvia do poder da banda, já que o vocalista anônimo Vessel e seus amigos apresentam uma faixa repleta de riffs potentes que são cativantes e apocalípticos em igual medida. O uso do piano adiciona uma finesse para as músicas, seja complementando as guitarras e os vocais suaves de *Aqua Regia* ou conduzindo o belo clímax na faixa *Euclid*. É uma mistura de estilos e sentimentos! *Vore* é um blackgaze ótimo e *Rain* um metalcore de respeito. Não é um álbum de fácil audição, mas ele pode ir crescendo a cada uma delas. Se você se permitir avançar no mundo do Sleep Token, as recompensas sonoras são fartas.

Claudio Vicentin

JAG PANZER

THE HALLOWED
ATOMIC FIRE - IMP.

9,5

É uma injustiça o Jag Panzer não estar entre os melhores do metal mundial. Dito isso, é com um sorriso imenso que tenho em mãos *The Hallowed*, 11º trabalho da banda americana que quebra o silêncio de cinco anos após *The Deviant Chord* (2017). Harry "The Tyrant" Conklin (vocal), Mark Briody (guitarra) e Jhon Tetley (baixo), da formação original, Rikard Stjernquist (na bateria desde 1987) e Ken Rodarte (guitarra solo), oficializado em 2022, mas que já tocava nas tours desde 2018, continuam a trama conceitual iniciada pelo quinteto em uma HQ de mesmo título lançada ano passado. Não vou desperdiçar espaço explicando a história. Não por ser insignificante, mas é que este é o melhor álbum do grupo desde o fabuloso *Tane To The Throne* (2000). Vá direto na quase thrash metal *Bound As One*, na pesada *Prey* e na rápida *Stronger Than You Know*. *Ties That Bind* e *Weather The Storm* são as típicas faixas cadenciadas do grupo, onde as lições de Priest e Maiden são muito bem executadas. Mas atente ainda para *Last Rites*, onde o subestimado Conklin dá um show à parte. Estas e as demais só ampliam o sonho de ver o Jag Panzer ao vivo no Brasil.

Alessandro Bonassoli

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

DEF LEPPARD
PYROMANIA

Trabalhar de forma extenuante e atender as sugestões do produtor. Não fossem a determinação e o foco, o grupo inglês Def Leppard teria sucumbido nas gravações de seu terceiro disco. Durante as sessões ao lado do exigente Robert John "Mutt" Lange, o guitarrista Pete Willis foi demitido e, em seu lugar, entrou o ex-Girl, Phil Collen, que registrou alguns solos e se entrosou bem com o saudoso Steve Clark.

Ainda que rompendo laços com a NWOBHM e tendendo para o hard rock para vingar no mercado americano, palhetadas abafadas deram as caras. A coesa seção rítmica, com Rick Savage (baixo) e Rick Allen (bateria), trabalhou sem exageros. Já o vocalista Joe Elliott se esforçou ao limite para criar coros marcantes e linhas melódicas criativas, que casaram bem com seu vocal rasgado e característico, como visto em *High'n'Dry* (1981).

Nada disso seria válido se o repertório não fosse consistente. E aí *Pyromania* mostra por que se tornou referência, pois traz os hits *Photograph*, *Foolin'* e *Rock of Ages*, além das empolgantes *Rock! Rock! (Till You Drop)*, *Stagefright*, *Too Late for Love*, *Die Hard the Hunter*, *Comin' Under Fire*, *Action! Not Words* e *Billy's Got a Gun*. Dez milhões de cópias vendidas até hoje está bom para você?

Alessandro Bonassoli (colaborador): **10**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **8,5**
Claudio Vicentin (editor): **9,0**
Daniel Dutra (redator): **5,0**
Ecio Souza Diniz (colaborador): **8,0**
Guilherme Spiazzi (redator): **9,0**
Gustavo Maiato (colaborador): **8,0**
Heverton Souza (colaborador): **9,0**
Ivanei Salgado (colaborador): **10**
João Messias Jr. (colaborador): **9,0**
Leandro de Oliveira (diretor de arte): **8,0**
Leandro Nogueira Coppi (redator): **8,5**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **7,0**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **9,5**
Luiz Tosi (editor online): **9,5**
Maicon Leite (colaborador): **8,0**
Matheus Vieira (colaborador): **8,0**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **9,0**
Thiago Prata (redator): **3,0**
Valtemir Amier (redator): **7,0**

MÉDIA FINAL:

8,1

VIPER

TIMELESS

WIKIMETAL - NAC.

9,5

Motivado não somente pelas mudanças na formação ao longo de sua trajetória, o Viper sempre foi um camaleão musical no metal nacional – e um precursor, não esqueçamos disso. Portanto, era um tanto quanto esperado, e até mesmo louvável, que a banda mostrasse essa inquietude tanto depois do linear *All My Life* (2007). Claro, gostar ou não fica a gosto do ouvinte, mas em *Timeless*, seu sétimo álbum de estúdio, o quinteto hoje formado por Leandro Caçoilo (vocal), Felipe Machado e Kiko Shred (guitarras), Pit Passarell (baixo e vocal) e Guilherme Martin (bateria) acertou em cheio no passeio por sua história e legado, incluindo também o rol de convidados: Yves Passarell, Hugo Mariutti, Nando Machado, Daniel Matos, Fábio Ribeiro e Natacha Cerosimo. E o resultado da união dessa família Viper vai muito além da clássica *Under the Sun*, porque *Timeless* é um álbum que vai do primeiro single – lançado há mais de um ano e que já virou presença obrigatória nos shows – ao mais recente, a insana *The Android*, com Pit nos vocais e uma influência mais latente de punk rock. Aqui temos um Viper que vai de *Soldiers of Sunrise* (1987) e *Theatre of Fate* (1989) a *Evolution* (1992) e *Coma Rage* (1995) com óbvia propriedade, e é assim que canções como a faixa-título e *Light in the Dark*, esta com uma baita performance de Leandro, convivem em harmonia com *Freedom of Speech*, *Echos in the Mirror* e *Vit Rights*. E temos, também, um Viper olhando para frente, com canções que podem furar a bolha – a hard pop *Thais*, com melodias vocais que remetem aos Beatles; e *Angel Heart*, que ganharia o mundo nas mãos do Foo Fighters – e uma obra que resume a banda: a genial *The War*, na qual você encontra ecos do passado (atente para o coro de *Prelude to Oblivion*); a união ideal de estilos diferentes nas guitarras de Felipe e Kiko; e um quê de esquisitice numa embalagem moderna sem perder as características. Atemporal, de fato.

Daniel Dutra

PHRENESY

FEARS APOCALYPSE

WORMHOLEDEATH - IMP.

8,5

Representando com orgulho o thrash metal do Distrito Federal desde 2003, a Phrenesy sempre esteve mais interessada em ganhar o ouvinte pelo ritmo abrasivo de suas canções e a rispidez de sua música do que por malabarismos instrumentais excêntricos, algo que condiz com a proposta crossover thrash de sua música. Mantendo o bom humor que lhes é característico desde os tempos da demo *Do You Like Mocotó???* (2005), eles finalmente chegam ao seu segundo álbum completo (o anterior, *The Power Comes From The Beer*, saiu no longínquo 2014), mas mantém intacta a sua fórmula brutal e viciosa, como mostram de cara os riffs certeiros da faixa-título. *Bring It On* têm ótimos vocais, passagens brutais de bateria e talvez o melhor "breakdown" do álbum, ganhando a cara perfeita para ouvir ao vivo. Destaque obrigatório ainda para as pedradas *Vultures*, *Lost Generation*, *War For Beer* e *My Hate Is Gonna Speak For Me*, que é bem mais brutal do que o seu início indica. Para apreciadores de riffs thrash cheios de atitude punk, esse álbum é um prato cheio!

Valtemir Amler

VERMIIS

REPUGNANT STATE

MAXIMUM VIOLENCE - NAC.

8,5

O time reunido é de causar inveja: Jhoni Rodrigues (bateria, ex-Infested Blood), Barroso Serra (guitarra, Sysyphus), Cláudio Slayer (baixo, Open The Coffin e Expose Your Hate) e Alcides Burn (voz, ex-Inner Demons Rise). Só pelos nomes citados, você já percebeu que se trata de podreira, certo? Sem chance de engano, *Negacionista* abre esse EP de estreia de forma aterradora, uma pedrada viciosa de pouco mais de três minutos, vocais em português e um acento punk soberbo, que combinou perfeitamente com a proposta death metal do quarteto. A curta e brutal *Bizarre Chaos Triangle* mergulha fundo no velho grindcore e arrancará sorrisos daqueles que veneram os clássicos de Terrorizer e Defecation. Mais focada no death metal, *The Disgusting Path of Humanity* é também a mais longa do EP (pouco mais de quatro minutos) e mantém o clima para mais uma pedrada grind que vem na sequência, *Idolatrous*, que fecha o álbum. Se você é daqueles que conhece mais o nome Alcides Burn das artes de milhares de bandas do underground, precisa conferir como ele se esgoela aqui. Saldo totalmente positivo!

Valtemir Amler

UNCLE ACID & THE DEADBEATS

SLAUGHTER ON FIRST AVENUE

RISE ABOVE - IMP.

9,0

Primeiro, vamos situar as coisas. Uncle Acid é Kevin R. Starrs, vocalista, guitarrista, compositor e dono do negócio. Já a banda, em seus quinze anos de estrada, lançou cinco discos de estúdio. Segundo Uncle Acid, "o público pedia um disco ao vivo e de vez em quando é legal dar o que nos pedem." O resultado é este *Slaughter on First Avenue*, que foi gravado em dois shows realizados na casa First Avenue, em Minneapolis, um em 2019 e outro em 2022 – nada como uma pandemia para tornar tudo estranho, não é mesmo? E pode ter certeza que o povo gostou! Pelo menos, a galera que acompanhou as apresentações fez um barulho infernal junto com a banda. E não é pra menos. Uncle Acid & The Deadbeats é realmente empolgante, sobretudo pra quem curte o chamado rock clássico e os primórdios do metal. O fato de a banda alegar não ter feito nenhum tipo de overdub ajuda no resultado bastante orgânico que se ouve no álbum. Os temas são longos, não raro chegando aos sete minutos, e atendem por títulos singelos, como *Waiting for Blood*, *Slow Death*, *Ritual Knife* e *I'll Cut You Down*. Se as bases são simples, quase minimalistas, isso se compensa nas linhas vocais elaboradas (Uncle Acid tem um timbre raro), nos arranjos interessantes e nos solos de guitarra, muitos deles dobrados entre Uncle Acid e Vaughn Stokes. Pesado, denso, mas nem por isso menos divertido. Isso é Uncle Acid & The Deadbeats.

Antonio Carlos Monteiro

PHIL CAMPBELL AND THE BASTARD SONS

KINGS OF THE ASYLUM

NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

9,0

Depois da morte Lemmy, Phil Campbell esperou passar o luto e montou um novo projeto com seus filhos Todd Campbell (guitarra), Tyla Campbell (baixo) e Dane Campbell (bateria), além do vocalista Neil Starr. E o que seria um projeto até certo ponto sem maiores pretensões acabou dando mais do que certo, tanto que de lá para cá já saíram um EP, três discos de estúdio e um ao vivo. O mais novo álbum de inéditas traz uma troca nos vocais, com Joel Peters assumindo a função. Mas isso não significou grandes mudanças na sonoridade, já que o que sobressai são o estilão clássico e veloz de Campbell e os temas que vão muito na linha Motörhead - em alguns deles você escuta a introdução e espera Lemmy entrar rosnando a letra... Ou seja, é tudo rápido, direto e urgente. Ouça por exemplo *The Hunt*, com baixo distorcido e menos de três minutos de duração. Ou então *Maniac*, que é quase uma releitura da clássica *Going to Brazil*. Por sua vez, se Motörhead cruzasse com AC/DC o resultado seria *Strike the Match*, uma das melhores do disco. Phil Campbell criou direitinho a prole e o resultado é um disco mais que divertido e que, principalmente, mantém o legado do Motörhead.

Antonio Carlos Monteiro

NARNIA

GHOST TOWN
MUSIK/VOICE MUSIC - NAC.

8,0

Com 27 anos de estrada, não deixa de ser curioso que o Narnia tenha de mostrar com seu nono álbum de estúdio que não é simplesmente uma banda de power metal no sentido mais melódico e batido do termo. Afinal, é somente da última faixa, *Wake Up Call*, que o quinteto sueco de fato se aproxima do gênero, e olha que ainda há passagens mais pesadas e cadenciadas, além de o refrão passar ao largo da alegria. O que Christian Liljgren (vocal), CJ Grimmark (guitarra), Jonatan Samuelsson (baixo), Martin Härenstam (teclados) e Andreas Johansson (bateria) apresentam em *Ghost Town* é um apanhado das influências que marcam a trajetória do grupo, e todas entregues com muita competência. Comecemos pela faixa-título, que entrega algo de gótico dos anos 1980 (à la The Cult), e passemos para o single *Hold on*, com elementos do hard rock daquele mesmo período, com um quê de Yngwie Malmsteen fase *Odyssey*. Se não for o suficiente para você, a veia do rock progressivo pulsa bonito em *Descension* e *Out of the Silence* (um salve para o Pink Floyd), e o trabalho de CJ e Härenstam é impecável - só para lembrar que o Narnia vai além do ótimo Liljgren. Por fim, se você torce o nariz para a mensagem cristã da banda, lembre-se que essa não machuca, muito menos é ofensiva ou criminosa.

Daniel Dutra

NOTURNALL

COSMIC REDEMPTION
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Após uma reformulação total na banda, da qual sobrou apenas o vocalista Thiago Bianchi, o Noturnall lança seu mais novo disco, o primeiro full-length em seis anos. Agora contando com Saulo Xacol (baixo), Henrique Pucci (bateria) e o exuberante guitarrista americano Mike Orlando, o que chama a atenção antes de mais nada é o fato de a banda não contar mais com um tecladista. Isso não significa que o instrumento foi abolido do agora quarteto, mas suas aparições passam a ser mais pontuais, o que, aliado ao estilo de Orlando, gera muito mais peso à música do Noturnall. Se há alguma dúvida a respeito, vá direto na primeira faixa, *Try Harder*, que mostra o prog/power da banda provida de muito mais peso. O disco ainda tem convidados de respeito, como Mike Portnoy, David Ellefson, Michael Romeo e até um improvável Ney Matogrosso, que fez um dueto com Thiago numa versão de *O Tempo Não Para* (Cazuza). Mas é nos temas mais pesados que moram os destaques. E eles são vários. A ritmada e de vocal agressivo *Lie to You* é um bom exemplo, assim como a faixa seguinte, *Shallow Grave*, com suas mudanças de andamento ou ainda *Scream!! For!! Me!!*, que além de tudo ganhou um clipe cheio de ação. *Cosmic Redemption* consagra em definitivo o Noturnall como uma das forças do metal nacional. Aguardemos os próximos capítulos.

Antonio Carlos Monteiro

SWEET & LYNCH

HEART & SACRIFICE
FRONTIERS MUSIC - IMP.

7,0

Embora muitos projetos musicais fiquem apenas no primeiro disco, a parceria Sweet & Lynch, de Michael Sweet (Stryper, Iconic, ex-Boston) e George Lynch (Lynch Mob, Dirty Shirley, The End Machine, ex-Dokken), é das mais consistentes da atualidade. *Heart & Sacrifice* é o terceiro álbum da dupla e nele a sonoridade hard'n'heavy dos dois primeiros discos está intacta. Essa é a prova cabal de que a intenção dos dois músicos não é fazer desse projeto algo experimental, que mude de perfil a cada lançamento, mas compor a música que gostam e que agrada os fãs. Entretanto, *Heart & Sacrifice* não é tão contagiante quanto seus antecessores, *Only to Rise* (2015) e *Unified* (2017), mas tem requisitos de sobra para manter o Sweet & Lynch conectado com sua base de fãs. Nele, a banda é completada por Jelly Cardarelli (bateria) e Alessandro Del Vecchio, que tocou baixo e coproduziu o disco com Sweet. Particularmente, não curti a acelerada e homônima faixa de abertura, por ela não ser diferente do que o Stryper já vem mostrando nos últimos anos. Porém, em meio a outros altos e baixos, *Miracle*, *You'll Never Be Alone*, a arrastada *After All Is Said and Done*, a pesada *It's Time to Believe* e *Every Day* valem a aquisição.

Leandro Nogueira Coppi

STEVE LUKATHER

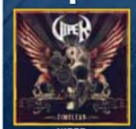
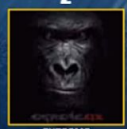
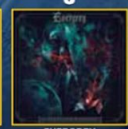
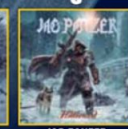
BRIDGES
MASCOT - IMP.

8,0

Antes de qualquer coisa, é bom esclarecer: desde que a esposa do falecido baterista Jeff Porcaro resolveu processar o Toto por conta de direitos supostamente não pagos, o guitarrista, vocalista, compositor e fundador da banda Steve Lukather já deixou claro que não haverá outro disco do grupo enquanto a situação não for resolvida. Assim, não há problema algum em entender *Bridges* como um trabalho do Toto - que Steve entende como "uma ponte" (sacou, sacou?) entre suas carreiras solo e na banda. Tanto que, não por acaso, os também integrantes do Toto Joseph Williams e David Paich (ambos tecladistas) participam ativamente do álbum como instrumentistas e compositores. E colocando-o pra rodar de fato fica difícil dissociá-lo do que acostumamos a ouvir no Toto. O que se tem aqui é aquele rock pop extremamente bem gravado, com arranjos instrumentais e vocais meticulosamente estudados e que resultam em faixas como *Far from Over*, que abre o disco e mostra exatamente o que você vai ouvir no seu desenrolar. A única faixa que foge um pouco dessa fórmula é o blues *Take My Love*, em que Lukather mostra todo seu talento vocal. Se você gosta de rock e não importa que ele receba influências do pop (ou vice-versa), pode ir sem medo.

Antonio Carlos Monteiro

ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
				
VIPER TIMELESS	**EXTREME** SIX	**EVERGREY** A HEARTLESS PORTRAIT	**IMMORTAL** WAR AGAINST ALL	**JAG PANZER** THE HALLOWED

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

Martin Härenstam, Andreas Johansson, Christian Liljgren, Jonatan Samuelsson e CJ Grimmark: carregando a bandeira cristã no metal

Divulgação

narnia

MÚSICA E LETRAS

Christian Liljgren fala sobre o nono disco, a iminente turnê no Brasil e a mensagem cristã, além de um desejo envolvendo o futebol pentacampeão mundial

Por Daniel Dutra

Com o novo álbum, *Ghost Town*, no streaming e em lojas físicas e on-line, o Narnia prepara as malas para retornar ao Brasil em setembro, numa turnê ao lado de Rob Rock (Impellitteri, ex-Axel Rudi Pell e M.A.R.S.) que passará por Belo Horizonte (22), São Paulo (23), Rio de Janeiro (24), Curitiba (26), Goiânia (27), Fortaleza (29) e Recife (30). Para saber a quantas anda o quinteto sueco – formado Christian Liljgren (vocal), Carl Johan "CJ" Grimmark (guitarra), Jonatan Samuelsson (baixo), Martin Härenstam (teclados) e Andreas "Habo" Johansson (bateria) –, batemos um papo com Christian, que falou sobre passado, presente e um futuro que incluiu a vontade de realizar um sonho no futebol. Confira!

Agora que a OMS anunciou o fim do estado de emergência, como você resumiria o período mais grave da pandemia para você?

Christian Liljgren: Foi um período difícil, especialmente do ponto de vista de turnês, mas tentamos fazer o nosso melhor. Trabalhei bastante em músicas e ideias que eu já tinha, e também trabalhamos duro no novo álbum do Narnia, com o CJ como produtor, e o resultado está aí: *Ghost Town*. Usamos o tempo extra para realmente termos um bom progresso nas músicas, então voltamos com a banda mais forte do que nunca. Acredito que este seja o nosso melhor disco até agora, e o estilo está melhor se comparado com material antigo, porque inserimos alguns elementos novos. Além disso, lancei o *Melodic Passion* (N.R.: terceiro CD solo, de 2021), gravei com o Flames of Fire e o The Waymaker e fiz mais algumas coisas minhas, assim tenho muita música para ser lançada. Como você pode ver, tenho estado bastante ocupado desde o início da pandemia!

Muitas bandas lançaram discos enquanto não podiam sair em turnê, mas o Narnia tomou outro caminho, e *Ghost Town* saiu quando já havia uma vida normal. Foi intencional?

Christian: A diferença foi que trabalhamos juntos neste disco, realmente como uma equipe. Eu, CJ e Jonatan mergulhamos nas letras e nas melodias vocais, tentando encontrar coisas legais, e levou tempo até realmente acharmos todos os elementos de heavy metal que queríamos usar, para encaixá-los nos lugares certos. Precisávamos desse tempo extra e o usamos da melhor forma possível, e valeu a pena. Quando ouço o *Ghost Town* agora, fico imensamente satisfeito e feliz com o resultado. Particularmente, acredito que nunca cantei tão bem, porque o CJ realmente me levou a explorar áreas diferentes, cantando suave, cantando pesado, usando minha voz de maneiras mais diversas. Estou com 52 anos, mas minha voz ainda funciona muito bem, então procuro exercitá-la diariamente. Como um grupo, nós quisemos mostrar uma gama maior de influências nas músicas, mas ainda há uma linha diretriz no novo álbum, e é isso que você ouve nele.

Interessante você dizer isso, porque, 27 anos depois, algumas pessoas ainda pensam no Narnia como uma banda de metal melódico, e este é um estilo que se tornou um limitador...

Christian: Eu vejo o Narnia como uma banda melódica de hard rock e heavy metal clássicos. Quando formei o grupo, falei com o CJ a respeito disso, e minhas visão e missão eram fazer algo num estilo como Europe, Stryper, Yngwie Malmsteen e Rainbow, ou seja, hard rock clássico com uma forte mensagem cristã e um apelo dramático. Começamos assim com o *Awakening* (1998) e ainda temos esses elementos, mas somos uma banda com faces diferentes dentro do hard e do metal, embora não sejamos uma típica banda de hard rock ou de metal. Existem muitas coisas legais que o CJ fez nas guitarras no novo disco, variações entre progressivo, metal, sinfônico, melódico e AOR. Há toda uma mistura de estilos, e o mesmo acontece com as vozes e as melodias vocais, então digo que o Narnia é hard rock melódico e heavy metal. E, claro, uma banda cristã, também.

Você reforça esse lado do Narnia, mas há uma preocupação na hora de passar a mensagem cristã e não alienar o público que não é necessariamente religioso?

Christian: Boa pergunta. Permita-me colocar da seguinte maneira: somos mensageiros do Reino de Deus, e Ele nos dá a sabedoria sobre como falar, escrever as letras, expressar o que acreditamos ser o amor de Deus, e é isso que tentamos fazer. Queremos alcançar o maior número de pessoas possível porque acreditamos que Deus ama a todos, mas sabemos que não podemos alcançar todo mundo, mesmo porque música é uma questão de gosto pessoal. Porém, sempre quisemos ser uma banda que mostra seu amor por Deus dentro e fora dos palcos. Não é só uma questão de imagem ou de um disco. Nós vivemos dessa forma, e é importante que isso seja dito. Por exemplo: para mim, é um privilégio poder falar com você, porque vejo isso como uma oportunidade, então sou muito agradecido. Estou com 52 anos e tenho feito isso há 35 anos com a mesma paixão, e se eu alcançar uma pessoa que se sinta melhor por meio das nossas músicas ou um de nossos álbuns, já serei grato. Somos mesmo uma banda cristã, e nossa missão é levar uma mensagem de esperança especialmente nesses tempos sombrios. Falando de agora, acredito que tivemos êxito com *Ghost Town*, porque as pessoas gostaram do disco, somente algumas pessoas comentaram nossas letras, o fato de falarmos muito sobre Jesus, mas eu acredito em Deus, e Ele influencia minhas letras. Ficamos muito felizes por alcançar tantas pessoas com o Narnia, e a música também fala mais alto.

Você e CJ formaram o Narnia em 1996 e ainda estão juntos fazendo música. Como você explicaria essa química profissional e pessoal?

Christian: Somos amigos há muitos anos, e parte dessa química se deve ao fato de que extraímos o melhor um do outro. É isso que faz a banda brilhar, mas também faz parte dessa relação o respeito mútuo. Claro, houve um tempo em que precisei me ausentar da banda por questões pessoais, e nós dois gostamos de coisas diferentes, mas sempre tivemos um imenso respeito um pelo outro. Sempre encontramos a melhor forma de escolher o que é o melhor para o Narnia e, como uma equipe, agora com Jonatan, Andreas, Martin e o nosso engenheiro de

GHOST TOWN
Musik Records/Voice Music - Nac.

som, Viktor, estamos ainda mais fortes. O futuro do Narnia será muito animador devido à conexão que eu e CJ temos, porque nós nos encorajamos a fazer nosso melhor! Eu não sei tocar guitarra, mas sei como expressar minhas ideias para que ele siga na direção que acho interessante, e ele faz o mesmo comigo. A mais recente prova disso é *Ghost Town*.

Quando você se ausentou em 2008, Germán Pascual assumiu os vocais, mas a banda encerrou as atividades dois anos depois. Isso mostra como não existe Narnia sem a dupla Christian e Carl Johan?

Christian: Curiosamente, nós chegamos a falar sobre isso. Às vezes, as coisas acontecem assim mesmo. À época, nós aprendemos muito, e terminada aquela fase, passamos a cuidar bem mais uns dos outros, entendemos a forma como queremos fazer as coisas e como deveríamos planejamos o futuro, porque queremos dar continuidade ao Narnia. Todo mundo pode passar por diferentes situações, e eu estava num momento na vida em que precisei passar muito mais tempo com a minha família, mas dei à banda minha bênção, e ela fez um grande disco com o Germán Pascual, o *Course of a Generation* (2009). Devo dizer ao fãs: fiquei bastante impressionado com German. Nós temos um contato muito bom e até gravamos um álbum juntos com a Divinefire (*Eye of the Storm*, de 2011). É interessante notar como, no *Ghost Town*, eu me envolvi mais em algumas canções e sou muito contente pelo fato de o Narnia ainda existir. Eu e CJ somos os integrantes originais, formamos o grupo juntos e criamos uma marca registrada, e essa marca está mais forte do que nunca! A banda de *Ghost Town* é o Narnia, e somos felizes por continuar com ela como mensageiros desse tipo de música.

O Narnia volta ao Brasil em setembro, e num ótimo pacote com Rob Rock. Quais são as expectativas?

Christian: Será uma turnê única! Poder tocar junto com o Rob, um vocalista incrível... Sabe, ele é um dos meus vocalistas favoritos, além de uma pessoa maravilhosa. Amo o trabalho dele com M.A.R.S., aquela banda sensacional com Tony MacAlpine, Tommy Aldridge e Rudy Sarzo (N.R.: que lançou o álbum *Project Driver* em 1986), e também no Impellitteri. Olha, os fãs brasileiros poderão conferir um grande setlist todas as noites. Realmente, mal posso esperar para estar no palco com ele, um dos melhores vocalistas do mundo e um cara sensacional!

Obrigado pelo papo, Christian, e o espaço final é todo seu.

Christian: É mesmo um prazer para nós poder voltar ao Brasil! Não sei se será a temporada certa, mas adoraria assistir a um jogo de futebol no seu país, porque está na minha lista de desejos ver um time brasileiro jogando em casa, então espero que a produção possa conseguir isso! E, claro, faremos grandes shows com as novas músicas. Ainda tem muita coisa pela frente para o Narnia. Muito obrigado, e que Deus abençoe todos vocês!

O Campeonato Brasileiro ainda está a todo vapor em setembro, então há boas chances de as agendas encaixarem..

Christian: (empolgado) Sério? Então, vou levar comigo a minha camisa da seleção brasileira! Cara, eu já joguei futebol, era centroavante. Em 1981, quando tinha 10 anos, fui o artilheiro do meu time!

CLUBE DA LETRA

Wolves in the Throne Room

UM NOVO INCÊNDIO NO PALÁCIO DA LUA

Trio americano encontra o balanço perfeito entre música atmosférica e black metal em *Primordial Arcana*

Por Valtemir Amler

A gênese do black metal nos Estados Unidos teve uma história completamente única, tão excêntrica e especial que, por vários anos, suas bandas eram vistas como uma espécie de piada no mundo do metal negro. A despeito disso, a qualidade estava lá, apenas em estado tão bruto que poucos se aventuravam a lapidar. Com o passar dos anos, a experiência daqueles mesmos músicos e a entrada de toda uma nova geração no jogo veio para mudar os rumos do chamado USBM, hoje uma das principais cenas do mundo, apoiada por aquele que hoje é um dos principais mercados consumidores do gênero. Nascidos em 2002 e contando sempre com os irmãos multi-instrumentistas Aaron Weaver e Nathan Weaver, a Wolves in the Throne Room muito rapidamente conquistou um público fiel com seu debut *Diadem of 12 Stars* (2006), ampliou suas bases com *Two Hunters* (2007) e se tornou uma presença constante no underground mundial com *Celestial Lineage*, seu quarto álbum completo, lançado em 2011. A mistura de música atmosférica e black metal já não era novidade nesses dias, mas o equilíbrio rebuscado e a habilidade dos músicos chamavam a atenção, ao passo que os elementos da natureza (principais fontes de inspiração da dupla) ganhavam uma vividez tão rebuscada que cativavam até o ouvinte mais incidental. Em seu sétimo álbum, *Primordial Arcana*, a dupla (desde 2017 acompanhada pelo guitarrista Kody Keyworth) mais uma vez reafirma seus princípios musicais, como Aaron nos conta nesta entrevista.

São vinte anos de banda e este já é o sétimo álbum completo da carreira de vocês. Com tudo isso na mesa, imagino que exista uma grande transformação ocorrendo interna e externamente na banda.

Aaron Weaver: Sim, sem dúvida todos nos transformamos com o passar dos anos. Evoluímos como pessoas, aprendemos novas coisas, temos muitos novos pensamentos e ideias que nem poderíamos conceber, sei lá, vinte anos atrás. Quer dizer, se colocarmos a nossa vida em uma linha do tempo, vamos perceber que tudo o que somos hoje é resultado direto do que fizemos ou deixamos de fazer antes, então se hoje eu tenho uma ideia que acho brilhante, é porque um dia me propus a pensar sobre isso, entende? Com isso quero dizer que sim, muita coisa mudou ao longo dos anos, mas como reflexo natural das nossas experiências no passado. As ideias foram evoluindo, nosso pensamento foi evoluindo, acho que nunca houve uma mudança brusca para nós, algo grande o suficiente para fazer com que as pessoas que antes nos amavam agora passem nos odiar. Ao menos é nisso que quero acreditar (risos gerais). Você sabe, somos pessoas diferentes daquelas que éramos, mas a nossa atitude com a música e nossa paixão continuam sendo as mesmas.

Comecei com essa pergunta porque, pelo que ouvi, este foi o primeiro trabalho em que assumiram todas as funções criativas incluindo a produção, além de ser também o primeiro álbum totalmente registrado no estúdio de vocês. Essa costuma ser a atitude de uma banda já bastante confiante, afinal o volume de trabalho é imenso, e se algo der errado não há ninguém para culpar além de si mesmo.

Aaron: Isso é bem verdade. Mas, veja, acho que é um pequeno preço a pagar em troca de uma liberdade artística sem precedentes, então é tudo uma questão de pesar os prós e os contras e ver o balanço final. Da maneira que vejo as coisas, sempre é importante tentar, e se tudo der errado, o que faremos em seguida seria um 'desculpa aí pessoal, ferramos tudo dessa vez, mas vamos seguir em frente'. E então você aprende com os erros e segue em frente. Não é como se fossemos sempre precisar gravar dessa maneira daqui para a frente, então era uma experiência muito válida, algo que sentíamos que precisávamos fazer.

E como você se sente com o resultado obtido?

Aaron: Ah, cara, sinto-me absolutamente incrível, não tenho do que reclamar! Quer dizer, posso mudar de ideia já no próximo álbum e voltar a gravar em algum outro lugar, mas hoje simplesmente não consigo mais imaginar gastar todo aquele dinheiro para conseguir agendar as gravações no estúdio de outras pessoas e então ficar contando cada clique do relógio, esperando pelo momento em que teremos que escolher entre pagar mais ou ser expulsos dali (risos). E isso ainda levando em consideração que, ao gravar no estúdio de alguém, você grava quando eles têm espaço para você, e não quando você acha que é o melhor momento. Existe a agenda, e para bandas do underground é sempre você quem tem que se ajustar, é simplesmente assim.

É verdade, e isso já basta para mostrar as vantagens desse método.

Aaron: Isso mesmo. O tempo é muito importante para nossa banda e nossa música, e até agora nunca havíamos tido o suficiente. Quando você está pagando pelo tempo de estúdio, você está sempre trabalhando contra o relógio. Esse tipo de crise de tempo pode adicionar ou diminuir o processo criativo. E para nossa banda, acho que prejudica mais do que ajuda. Não somos bons em simplesmente jogar qualquer ideia na mesa e ficar satisfeitos com isso, simplesmente não consigo imaginar o Wolves in the Throne Room trabalhando assim. Precisamos pensar no que fazemos, verificar texturas, adicionar tons e elementos. Nossa música precisa ser construída, e esse é um processo que demanda tempo.

Quando começaram a pensar em ter seu próprio espaço?

Aaron: Já faz um bocado de tempo, de verdade. Estamos construindo e juntando nosso equipamento no Owl Lodge desde que gravamos *Celestial Lineage* em 2011, então finalmente temos um arsenal digno de confiança, estou realmente feliz com o que conseguimos reunir aqui. Nes-

te ponto, podemos criar qualquer som ou tom que desejamos para o Wolves in the Throne Room, e acho que esse é o sonho de qualquer banda.

Quando ao equipamento que juntaram no Owl Lodge, investiram em algo mais moderno e tecnológico ou algo mais vintage?

Aaron: Ah cara, foi o mais vintage que conseguimos (risos). Quando decidimos mixar o álbum nós mesmos, investimos em algumas unidades de rack antigas, coisas do início dos anos 90, você sabe, da Lexicon e Eventide. Você deve se lembrar, aquelas unidades com a tela LCD preto e verde, algo que parece resumir a qualidade sonora mágica que elas podem produzir. Era isso que queríamos já tínhamos uma sonoridade muito clara na nossa cabeça antes de começar o processo, e também já sabíamos mais ou menos como chegar nela. Jamais nos aventuraríamos sem ter um mínimo de noção do que fazer, então estudamos bastante ao longo dos anos, pesquisamos, testamos equipamentos em busca do que seria bom para nossa música. Até tentei algumas mixagens iniciais usando mais plug-ins e menos hardware, mas simplesmente não soava bem aos nossos ouvidos. Precisamos de equipamentos eletrônicos obscuros e antigos na mixagem, é o único jeito de soar correto.

Confesso que teria sido uma surpresa se você tivesse respondido algo diferente disso.

Aaron: É, eu imagino (risos). Ficaria um tanto estranho, a banda tem uma postura na música que escreve diferente daquela que adota no estúdio, e isso seria um problema. Somos pessoas um tanto antiquadas nesse quesito, eu diria. Ou então, diria que sabemos muito bem daquilo que gostamos (risos).

Certo, falamos bastante sobre a produção, mas como funcionou a criação das músicas para este *Primordial Arcana*?

Aaron: Eu costumo dizer que todo o processo para a elaboração de uma peça costuma ser difícil, complicado. Não importa de que tipo de arte estejamos falando, se música, literatura, escultura, nomeie o que você quiser, o artista sempre vai precisar mergulhar muito profundamente em si mesmo para conseguir trazer à tona aquilo que deseja, da forma que deseja. Esse mergulho costuma ser doloroso no sentido que você precisa mergulhar profundamente na escuridão e na solidão da sua própria alma, conversar com seus fantasmas, e então emergir de lá com algo nas mãos. Você acaba voltando transformado de lá todas as vezes, acho que é por isso que bons artistas evoluem, pois estão sempre criando e se transformando. Em *Primordial Arcana* realmente nos concentramos na composição. Queríamos que as músicas fossem nítidas e precisas, então não nos permitimos nenhum desvio. Queríamos que os riffs fossem bem fortes e que os arranjos fossem bem firmes, sem nenhuma gordura extra. Às vezes gostamos de realmente expandir e deixar uma música se tornar esse espaço aberto e psicodélico que se desenvolve muito lentamente. Essa é uma abordagem que apreciamos e à qual sempre voltaremos, mas este álbum foi controlado de forma muito consciente e mais focado.

É o caso de *Masters of Rain and Storm*, certo?

Aaron: Sim, exatamente, é disso que estou falando! A composição deste álbum é tão focada que as músicas saíram muito mais curtas do que antes. *Masters of Rain and Storm* era uma música que queria se expandir e ocupar muito mais espaço. De certa forma, é a mais épica e grandiosa das canções deste disco, o que faz sentido porque fala muito sobre as montanhas e os espíritos das montanhas, que são espíritos grandiosos e poderosos. Tínhamos como objetivo dar corpo À sensação de estar no topo de uma colina, quando a tempestade e os trovões tocam o chão, é algo muito poderoso e que poderíamos musicar por muitos minutos, mas escolhemos manter algo mais enxuto e conciso, o que também funcionou muito bem.

Kody Keyworth, Nathan Weaver e Aaron Weaver, black metal em perfeito equilíbrio com a natureza

LUZ, CÂMERA... E MONSTROS

Inspirado por clássicos de terror, *Screem Writers Guild* é divertido e inteligente na medida certa

Por Gustavo Maiato

Os finlandeses do Lordi nunca esconderam o amor por monstros, tanto que se vestem como eles nos shows. Agora com o novo álbum de estúdio, influências diversas que vão do hard rock ao pop retrô ajudaram a construir um tracklist com espaço para entreter e contar histórias sinistras, como a da noiva do Monstro de "Frankenstein". Na entrevista a seguir, o vocalista Mr. Lordi detalha o conceito por trás do disco.

O título *Screem Writers Guild* é parecido com o de uma associação de escritores dos EUA que realmente existiu. Como surgiu a ideia para batizar o álbum?

Mr. Lordi: Bom, na verdade, isso é engraçado porque a última coisa que pensei no processo inteiro do disco foi o nome dele. Precisava ter um título que soasse como algo relacionado com filmes de terror antigos de Hollywood. Eu gosto dessa coisa de usar trocadilhos nos nomes dos álbuns e músicas do Lordi. Precisava achar algo que servisse. Poderia ser 'Screem Actor' ou 'Screem Play', mas acabei escolhendo *Screem Writers Guild*. Não tem nada a ver com a associação que realmente existiu! (risos) Foi algo que surgiu sem querer, mas não tem nada com essa associação. Simplesmente soa como algo vintage e relacionado com Hollywood.

Todo o disco traz essa atmosfera cinematográfica. Ele pode ser considerado conceitual ou as letras funcionam de maneira independente?

Mr. Lordi: Não considero conceitual. Diria que existe algum tipo de conceito por trás, mas as letras não estão conectadas como uma história. Já fizemos discos dessa forma uns anos atrás. Por exemplo, *The Masterbeast from the Moon* é conceitual. Usualmente, trabalho com alguns temas nos discos. Em *Sexocirsm*, existe uma temática por trás, ainda que vaga. Dessa vez, as músicas foram inspiradas por filmes de terror antigos de maneira geral e também nos seus personagens. Isso é o que conecta as canções. Você pode pensar nisso como um tema vago que as une e já fizemos isso outras vezes. Tentamos deixar tudo na mesma pegada conceitual. Trabalho sempre compondo primeiro as músicas e as letras surgem depois. Já fiz muitos álbuns de estúdio e precisei me perguntar: 'O que nunca fiz antes? Qual ângulo escolher?' Então, pensei em ir para os monstros. No próximo álbum, precisarei pensar outra coisa inédita de novo. (risos)

Por falar em monstros, *The Bride* fala sobre 'Frankenstein'...

Mr. Lordi: Sim! É como se fosse o Monstro de 'Frankenstein' cantando para sua noiva. Na história original e também no filme ele não teve muito tempo para se aproximar da garota. Se você observar bem, ele queria muito ter uma noiva ou uma companheira. Isso daria paz para ele. Muitas pessoas se esquecem que o Monstro de 'Frankenstein' não é necessariamente malvado. Ele não é uma entidade maligna, só quer viver sua vida e ser aceito pelos outros. Ele quer ser de alguma forma tratado como igual. Essa foi a premissa da música. Minha relação com a história é antiga. Amo o livro e meu quadrinho favorito é 'O Incrível Hulk', que foi baseado no Monstro de 'Frankenstein'. Stan Lee, da Marvel, disse que seu objetivo era ter um personagem desse tipo em um quadrinho. É basicamente o mesmo personagem e a ideia é a mesma. Hulk também não é malvado, mas é constantemente maltratado. Amo a história do Frankenstein, que foi escrita originalmente pela Mary Shelley. Também adoro o filme dos anos 90 com o Robert De Niro. Essa é uma das releituras mais precisas. Existem outras adaptações que se afastaram demais do conceito original. Esse filme é o que para mim funciona melhor e mostra todos os lados do Monstro. O monstro real é Victor Frankenstein, que foi o cara que concebeu a criatura.

***Scarecrow* é uma das mais inspiradas e tem uma pegada retrô. Você é muito influenciado por essa estética?**

Mr. Lordi: Essa música começou com um sentimento tipo Earth, Wind & Fire, não tinha muito a ver com hard rock. Queria fazer algo meio anos 80, com muita melodia. Acabou que a música ganhou vida própria. Para mim, parece um pouco Duran Duran. É uma coisa meio pop.

Tem uma história interessante aí. Nossa tecladista Hella ouviu essa canção ainda como demo e nesse momento eu ainda não estava seguro de incluí-la no álbum. Pensei que poderia ser melhor deixar de fora. Ela que falou que seria melhor mantê-la. Nós mexemos muito no arranjo ao longo da composição. Não considero uma música muito orientada para a guitarra, é uma coisa mais pop. A letra funcionou diferente dessa vez, porque a ideia partiu de Tracy Lipp, que está sempre comigo nas composições. Ele teve a ideia de compor sobre um espantalho e acabou sendo a mente por trás dessa canção.

***Já Dead Again Jayne* ganhou um videoclipe dirigido por você! Muitos não sabem da sua relação com a indústria do cinema.**

Mr. Lordi: Você pode fazer um clipe tentando de alguma forma que a história faça com que a letra ganhe vida. Ou então você vai por um caminho que não tem nada a ver com a letra. Por exemplo, na música *The Riff*, que saiu dez anos atrás, as cenas não têm relação nenhuma com o que canto nos versos. Precisamos sempre pensar em qual caminho escolher. Também dá para apenas mostrar a banda tocando e nada mais, só que isso é chato demais. Nesse caso, a inspiração foi a atriz americana Jayne Mansfield. Pensamos nessa estética de horror: como seria a banda tocando em um programa de terror que passasse na TV? Todo o processo foi divertido. Fiquei muito feliz porque nos últimos dez anos me decepcionei muito com nossos videoclipes. Decidi fazer tudo por conta própria e dirigir. Os fãs adoraram isso e não pretendo deixar outra pessoa fazer esse trabalho. Essa sempre foi minha outra profissão, costumava atuar na indústria cinematográfica. Adoro demais estar envolvido nisso e fiquei realmente muito satisfeito com o resultado. Desta vez, escrevi, editei e dirigi o clipe.

Recentemente, a Netflix trouxe o gênero do terror para o mainstream com a série 'Stranger Things'. Você chegou a assistir algum episódio?

Mr. Lordi: Eu não tenho Netflix, mas as pessoas ficavam me falando: 'Essa série foi feita para você. Você vai adorar! Tem aquela coisa dos anos 80!' Todos sabem que meus filmes favoritos são os anos 80, né? Então, resolvi assistir o começo da primeira temporada e fiquei tipo: 'É sério isso?' Não fiquei impressionado. Sim, realmente se passa nos anos 80, só que isso não faz com que ela automaticamente seja considerada boa pelo meu cérebro. Achei a série OK até, mas não compreendi porque toda essa comoção em torno dela. Por alguma razão, não embarquei nessa história. Só assisti a primeira temporada. Muitas vezes, as pessoas me recomendam séries ou filmes que são grandes sucessos internacionais. Aconteceu a mesma coisa com 'Game of Thrones'. Tentei assistir a primeira temporada. Uma emissora finlandesa passou tudo de uma vez e fui conferir. Meu queixo ficou caído: 'É isso que as pessoas amam tanto? Cadê os dragões que tanto falam?' Bom, comecei a segunda temporada e vi que nada ia para lugar nenhum. Fiquei entediado e não entendi nada. Muitas pessoas acham que vou gostar de algo. Para mim, o que realmente gosto são as histórias. Se a história não funcionar, não me interesso. De alguma forma isso não chama minha atenção.

A Finlândia é muito forte no metal em todos os subgêneros. Qual sua relação com as outras bandas finlandesas de sucesso?

SCREEM WRITERS GUILD
Atomic Fire/Shinigami - Nac.

Mr. Lordi: Minha relação é muito boa com elas. Não posso dizer que conheço todas, (risos) Mantemos contato e sou um grande amigo de bandas como Sonata Arctica e The 69 Eyes. Sempre rola muita amizade. É tipo aquela sensação de irmandade quando nos encontramos em festivais. Acho que quando as bandas surgem dentro de um mesmo país elas acabam desenvolvendo essa irmandade. Agora, não conheço profundamente a cena do metal finlandês. Sei que hoje em dia existem diversos subgêneros sobre os quais sou completamente ignorante. Não tenho nem ideia. São muitas bandas! Não consigo acompanhar tudo.

No site Setlist.FM podemos ver que a música mais tocada ao vivo pelo Lordi é *Would You Love a Monsterman?* com mais de 460 execuções. Qual a história desse verdadeiro hino?

Mr. Lordi: Lembro bem da época que a escrevi, que foi quando estávamos tentando conseguir o primeiro contrato com uma gravadora. Nosso empresário começou a nos dar algumas dicas e disse: 'Escreva músicas que você realmente curta.' Ou seja, nessa pegada dos anos 80 e do hard rock melódico. Pensei que essa música poderia ser como um hino. Lembro que estava andando pela noite e ela veio na minha cabeça. Comecei a pensar em acordes para aquele sentimento. Fiquei nesse processo até que no final mudou bastante. Achei que estava funcionando e quando fizemos nossa fita demo foi justamente quando ouviu essa música que o pessoal da gravadora curtiu e nos contratou! Na Finlândia, foi para as cabeças logo que saiu. Acho que não passamos um único show do Lordi sem tocar esse single e ainda nos divertimos tocando. É o nosso *Rock And Roll All Nite*, nosso hino maior que resume a essência da banda. Você ama monstros? Então venha nos assistir! Sabe o que é engraçado? Muitas meninas com o passar dos anos começaram a achar que se tratava de uma música romântica. Preciso dizer que não tem nada disso aí! É tudo sobre sexo, sabe? Os versos que dizem: 'Eu faria tudo por você e você faria tudo por mim?' na verdade não significa tipo morrer por você, sabe? Significa algo sexual mesmo. Você está disposta a abrir todos os seus buracos para mim e fazer o que eu quiser? (risos) Para mentes românticas isso pode ter outro significado! Tudo bem, não me importo.

Quais são os cinco discos mais importantes para você e que mais contribuíram para sua carreira na música?

Mr. Lordi: Isso é fácil. *Destroyer*, do Kiss. Esse foi o primeiro que comprei e tem a *God of Thunder*, que é minha música favorita de todos os tempos. Ainda é nossa introdução dos shows do Lordi. *Thrash*, do Alice Cooper, que é um daqueles discos que fiquei impressionado. O álbum *Come out and Play*, do Twisted Sister. Esse realmente definiu meu modo de pensar musicalmente. É maravilhoso. U.D.O., com *Faceless World*, que ainda acho um dos melhores dele. Sou grande fã do trabalho da banda. Nos primeiros anos do Lordi, sempre levei comigo nos estúdios e mostrei para nossos engenheiros de som dizendo: 'Quero soar como esse disco aqui.' Por último, poderia pensar vários. Provavelmente coloco Rob Zombie com *Hellbilly Deluxe*. Mas posso mudar isso depois desta entrevista! (risos) Todos os discos do King Diamond são muito importantes para mim também.

CLUBE ROADIE

BLIND EAR

Por Ricardo Batalha • Fotos: Laura Gonzalez dos Anjos

JEFF SCOTT SOTO

Just as Long as We're Together
PRINCE
FOR YOU

"(R.C.: Como você já participou do 'Blind Ear', vamos fazer a seção só com músicas que não são de rock/metal, OK?) É começou bem, com Prince. Essa é do primeiro disco, a *Just as Long as We're Together*. Curioso revisitar essas músicas do passado dele, porque claramente ele estava fazendo o que todos faziam na época, usando falsete e com uma pegada disco music. Ele ainda não era tão original quanto ficou do terceiro álbum, *Dirty Mind* (1980), em diante. Prince é o melhor artista para mim em diversos aspectos, seja como produtor, compositor, executor... Muitos citam Michael Jackson, que era muito bom, mas Prince era um pouco melhor. Ele produzia, mixava, tocava guitarra, piano, baixo, bateria..."

Bad Girls
DONNA SUMMER
BAD GIRLS

"Donna Summer, *Bad Girls*. Ela era da gravadora Casablanca, de Neil Bogart, que tinha o Kiss. (R.C.: Parliament, Village People e outros). Legal que tem um filme sobre a Casblanca que está para sair, Spinning Gold (N.R.: escrito e dirigido pelo filho de Neil Bogart). *Bad Girls* também faço no Boogie Knights que, por sinal, tem várias que eram com mulheres no vocal original. (N.R.: colocamos outra música). Essa é *MacArthur Park*? (R.C.: Sim, é um cover, mas ficou famosa na foz da Donna Summer na época da disco music). Ela tem vários hits e trabalhou com Giorgio Moroder, muito influente nos sintetizadores. (R.C.: Muitos hits mesmo, como *Last Dance*, *Hot Stuff*, *Love to Love You Baby*, *I Feel Love* e outros)."

Supermodel Sandwich
TERENCE TRENT D'ARBY
VIBRATOR

"Hummm, certamente eu deveria saber essa. (R.C.: Você gosta e vai acertar). Ah, claro, é o Terence Trent D'Arby. Gosto muito, mesmo! E essa música se chama *Supermodel Sandwich*. Não reconheci de primeira por causa da introdução, mas escutei tanto esse álbum que seria impossível errar (risos). Terence exerce muita influência em mim no jeito de cantar e pela própria voz dele. O estilo dele vem daquele soul dos anos 60 e início dos 70, e ele estava fazendo isso nos anos 80 e começo dos 90. Escutei muito mesmo esse disco, *Vibrator*, bem como outros dele. (R.C.: E hoje ele usa o nome artístico Sananda Maitreya). É verdade!"

Dance Across the Floor
JIMMY "BO" HORNE
DANCE ACROSS THE FLOOR

"Minha nossa, não sei o que é, mas estou gostando disso! Olha, soa como Earth, Wind & Fire, mas eu sei que não é. Você me pegou nessa. Não sei o que é, mas adorei! Deixe-me ouvir mais um pouco. Porra, conheço essa voz! (N.R.: Jeff demora para arriscar um palpite). Desisto... (R.C.: Vou colocar outro sucesso dele). Meu Deus, também estou gostando desta que colocou, mas não sei quem é. (N.R.: Jeff escuta *You Get Me Hot*). A produção é muito boa, também. Às vezes soa como Rick James, mas não é ele. É, não tem como mesmo, pode me falar quem é. (R.C.: Jimmy "Bo" Horne e quem compôs e produziu a primeira música que coloquei foi Harry Wayne Casey, do KC and the Sunshine Band). Incrível como não conhecia!"

Blame It On The Boogie
THE JACKSONS
DESTINY

"Michael Jackson... Ops, não é Michael e nem o The Jackson 5, porque aqui é o The Jacksons! (N.R.: Soto fica cantando a música). *Blame it on the Boogie*, clássica! (R.C.: Exatamente, e esse disco, *Destiny*, ainda tem outro single de sucesso, *Shake Your Body (Down to the Ground)*). Sim, eles eram demais! Bem, claro que também acho fantástica a carreira solo do Michael Jackson. Uma coisa que estraga o legado é que todo mundo fica só apontando as coisas negativas da vida dele. Veja, quando se fala em Michael Jackson hoje em dia, as pessoas pensam nas coisas ruins e não nas grandes músicas e na obra musical em geral que ele esteve envolvido."

Everybody Dance
CHIC
CHIC

"(R.C.: Esta banda é uma das minhas preferidas). Vamos lá. Hummm, claro que eu conheço isso! (N.R.: Jeff canta a melodia e o refrão). Porra, quem é mesmo?! Olha, eu obviamente sei que música é, que fez sucesso e tal, mas não está vindo o nome da banda! (R.C.: Vou colocar outra música que fez muito sucesso). Ah, agora sim, é o Chic. Essa, *Le Freak*, e *Good Times* fizeram mais sucesso que a primeira que colocou. (R.C.: *Everybody Dance* é a que tinha colocado). Ah, sim! E quem não gosta de Nile Rodgers e Bernard Edwards? Eles são demais! Lembro que Nile Rodgers trabalhou no segundo disco do Dan Reed Network (N.R.: *Slam*, de 1989)".

Brick House
COMMODORES
COMMODORES

"Essa é fácil, *Brick House*, do Commodores. Muito boa! Claro, faço essa sempre com o Boogie Knights (R.C.: Sim, lembro do show, o segundo, que fez com o Boogie Knights na finada casa Wild Horse). Sim, e nesse mais recente no Stones Music Bar tivemos o medley do Boogie Knights e a *Brick House* estava nele. (R.C.: Ela é do quinto disco do Commodores, que também tem a balada *Easy*, com Lionel Richie no vocal e que teve um cover gravado pelo Faith No More). Sim, igualmente famosa!"

Ladies' Night
KOOL & THE GANG
"LADIES' NIGHT"

"Ah, Kool & The Gang, claro... *Ladies' Night*. Só pela arrastada do começo já deu para saber (risos). (N.R.: Jeff fica cantando a música). Gosto bastante! Tem várias que gosto. Por sinal, curto até mais a banda antes da entrada de James Taylor, que não é aquele cantor de folk, de músicas como *Jungle Boogie* e *Hollywood Swinging*. (R.C.: *Ladies' Night* já é com James "J.T." Taylor e foi produzida pelo brasileiro Eumir Deodato). Isso mesmo. Antes do J.T. a coisa era mais crua, tinha até mais energia, mas com ele já era mais bem produzida e ele era um cantor de verdade. No geral, curto muito a obra do Kool & The Gang."

That's the Way (I Like It)
KC AND THE SUNSHINE BAND
KC AND THE SUNSHINE BAND

"*That's the Way (I Like It)*, KC and the Sunshine Band! Essa também foi fácil (risos). E é outra banda repleta de sucessos que eu gosto muito. Aqui a minha infância fala mais alto, porque era isso que eu ouvia, já que hard rock e heavy metal eu comecei a ouvir com 16 anos de idade. (R.C.: Isso lembra a minha infância também, porque antes de entrar no mundo do heavy metal era isso que eu escutava e curtia). Vamos ouvir outra. (N.R.: colocamos *Get Down Tonight*). Ah, fácil demais, essa é a *Get Down Tonight*. (R.C.: Sim, e a banda tem vários hits mesmo, como *(Shake, Shake, Shake) Shake Your Booty*, *Keep it Comin' Love*, *Give It Up*, *I'm Your Boogie Man*, além da balada *Please Don't Go*). Muito bom!"

You Make Me Feel (Mighty Real)
SYLVESTER
STEP II

"Sylvester, com *You Make Me Feel (Mighty Real)*. (R.C.: Isso mesmo!). Podem chamar de "one hit wonder"? (R.C.: Não, porque tinha também a *Dance (Disco Heat)* entre os hits dele). Ah, sim. Sylvester era um homem preto gay, proeminente na cena da disco music. (R.C.: Eu tinha esse disco, *Step II*, em vinil). Muito legal! (R.C.: Esta música foi regravada no primeiro disco solo de Jimmy Somerville, que fez parte do Bronski Beat e The Communards). Não sabia dessa!"

ROADIE CREW ONLINE FESTIVAL
Heavy Metal & Classic Rock

O já tradicional evento online, realizado mensalmente, tem a missão de celebrar e promover o trabalho das bandas brasileiras e fortalecer a cena do heavy metal nacional, sempre com transmissão "Streaming-Live" exclusiva pelo canal oficial da Roadie Crew no Youtube.

31ª EDIÇÃO

32ª EDIÇÃO

33ª EDIÇÃO

34ª EDIÇÃO

35ª EDIÇÃO

36ª EDIÇÃO

37ª EDIÇÃO

38ª EDIÇÃO

39ª EDIÇÃO

40ª EDIÇÃO

arte: www.jdsartedesign.com
CURADORIA
SOM DO DARMA

Acesse nosso canal do YouTube e se inscreva. Ative o sininho para receber todas as atualizações.

YouTube.com/RoadieCrewMagTV

BANDAS INTERESSADAS, ENTRAR EM CONTATO PELO INSTAGRAM @ELITONTOMASI

Rogério Fernandes, Biel Astolfi, Ricardo Schevano e Marcelo Schevano: Carro Bomba vive seu melhor momento

Raphael Castelpo

CARRO BOMBA

SEMPRE ACELERANDO

Banda paulistana de heavy metal solta novo disco e celebra momento atual

Por Antonio Carlos Monteiro

Se o ano de 2022 foi marcado pelo lançamento de inúmeros discos nacionais de destaque, um deles sem dúvida foi *Migalhas*, sexto álbum de inéditas do Carro Bomba. Primeiro trabalho completo com Rogério Fernandes (vocal), Marcelo Schevano (guitarra), Ricardo Schevano (baixo) e Biel Astolfi (bateria), *Migalhas* traz uma interessante mudança na sonoridade da banda, que acrescentou elementos setentistas ao heavy metal. Conversamos com Rogério e Marcelo, que falaram sobre o disco e muito mais.

Vocês acabam de lançar um novo disco, *Migalhas*. Quando ele foi composto? Ele é um 'filho da pandemia'?

Marcello Schevano: Ele veio um pouquinho depois, em 2020 ou 2021, não lembro direito. A gente se reuniu algumas vezes e começou a montar o disco. Eu tinha acabado de fazer a produção do Golpe e Estado quando peguei essa produção pra fazer – apesar de que a gente assinou a produção como sendo de toda a banda, porque todo mundo foi muito participativo.

Aproveitando esse gancho, a produção do disco chama a atenção pela qualidade. Mas como se deu essa opção por todos assinarem a produção?

Marcello: A produção de áudio é muito baseada no que a banda é ao vivo. Claro que no estúdio a gente coloca um monte de coisas, este é o primeiro disco do Carro Bomba que tem teclado, por exemplo. A gente se permitiu essa abertura. Mas a gente foi naturalmente criando aquela sonoridade, eu sugeri mais coisas porque tenho mais vivência no ramo. Mas meu irmão (Ricardo), por exemplo, tem o som pronto, eu não tive que dirigir ele. Na bateria, a mesma coisa, não tive que ficar me intrometendo no som dele. Ou seja, foi totalmente natural. A gente estava num clima muito bom, toda sugestão era ouvida. Tudo pelo resultado final.

Rogério Fernandes: Produção é todo mundo trabalhar em prol da mesma coisa. E a gente está em um momento muito legal dentro da banda, sem liderança, todo mundo tem liberdade total de se expressar e isso facilitou. A quando gente foi pra sala gravar, conversava sobre todos os detalhes. E foi muito legal. A gente curte se cruzar, tomar uma juntos, conversar sobre qualquer coisa. A gente é muito amigo. E a gente teve momentos tão ruins com outras pessoas que até brochava. Agora estamos numa felicidade plena.

Muitas das músicas e até algumas letras foram escritas em parceria. Como foi o processo de composição? Vocês se reuniram presencialmente para compor, fazendo aquelas famosas jams nos ensaios ou trocavam arquivos virtuais?

Marcello: Algumas vieram prontas, alguém trazia. O Biel contribuiu com muitos riffs, porque ele também é guitarrista. Achei isso muito interessante porque pra gente soar como uma banda de verdade tem que incorporar as ideias de todo mun-

do, foi algo muito benéfico. Tem muita coisa de guitarra dele, tem coisas minhas, tem coisas que a gente fez juntos. Mas ele trabalhou na parte musical, as letras ficaram com o Rogério e comigo. Quase todo ensaio eu acabo brincando com algum riff, aí vai juntando todo mundo pra ver o que acontece. E aí gravamos aquele trechinho pra quando precisar montar alguma coisa. **Rogério:** Funciona assim: eu munício o Marcello de letras e já dou uma dica de como cada música deve ser. Mas juntar no estúdio não costuma acontecer, sempre vem alguém com alguma coisa mais estruturada.

Por que escolheram a música *Migalhas* para dar nome ao disco?

Rogério: Apesar de ser pesada e ter um refrão forte, essa é uma música acessível. Ela tem uma leveza na hora do refrão, é boa pra cantar junto. Foi uma das primeiras que pintaram nessa leva de composições desse disco. E a gente curtiu o nome, migalha é o que tá sobrando pra nós nesse país em que a gente vive (risos).

***Migalhas* tem algumas faixas que remetem aos primórdios da banda, como *Ninguém mais Ouviu*, que começa acústica, e *Rumos Incertos*, que tem passagens lentas e soa bem sessentista. Por que essa opção?**

Marcello: A verdade é que a gente veio gravando discos de heavy metal há um bom tempo. *Nervoso* (2008), *Carcaça* (2011) e *Pragas Urbanas* (2014) são muito calcados no metal. Quando surgiu a ideia de fazer um novo disco, o Rogério disse que não queria fazer mais um no mesmo estilo. Nossas bandas de coração e de referência são dos anos 60 e 70. O que a gente ouve no dia a dia não é Judas Priest, não é Iron Maiden. Nosso dia a dia é Allman Brothers, Johnny Winter, Crosby, Stills & Nash. A gente pega essa base pra fazer o nosso som. E quando a gente fica gravando só metal não tem nem espaço pra usar isso. Então, resolvemos apostar em músicas que permitissem colocar nelas tudo que a gente ama. Meu irmão tem o mesmo repertório, o Biel é novo, mas o repertório é totalmente esse também. Então, foi algo pensado realmente pela banda essa mudança para uma coisa um pouco mais rock.

Rogério: O thrash é um estilo que não tem muito pra onde correr. Como a gente canta em português, lançar outro disco naquele esquema seria meio repetitivo. Aproveitando o Biel, que toca com uma pegada pesada, mas tem uma cabeça aberta para uma sonoridade diferente, de groove, resolvemos experimentar outras coisas que a gente ama tanto. Eu gosto muito de Bad Company, tanto que quando escrevi *Ninguém mais Ouviu*, pensei em fazer um 'heavy company' (risos).

Falando sobre as letras, a gente percebe que muitas delas falam da sociedade atual, de desigualdade e até de certo desconforto, como *Migalhas*, *Rumos Incertos* e *Paz do Caos*, por exemplo. Essas são questões bastante importantes para a banda, imagino.

Marcello: Basicamente, 100% do que a gente escreve, a gente viveu. Vimos algo na rua, presenciamos algo... Às vezes a gente acha que algumas coisas, principalmente em São Paulo, são levadas como corriqueiras, mas não achamos isso. A gente não vê uma criança comendo lixo na rua como uma coisa normal. E muita gente se identifica com isso. A gente quer parar com a banalização das coisas que estão erradas. E ainda tem o

MIGALHAS
Orra Meu! Discos - Nac.

psicológico que tudo isso gera na mente de todo mundo. Tudo isso tem nas letras. O estresse é uma doença que está na nossa sociedade, é a doença do século. E quando a gente consegue colocar isso pra fora as pessoas se identificam. A gente não toma partido, a gente reporta.

Seriam crônicas urbanas...

Rogério: É por aí. Não tem como a gente não absorver as coisas que acontecem ao nosso redor, a menos que você seja um alienado total. Em qualquer lugar que você vai, você absorve o que há ao seu redor. E aproveitamos pra contar isso e servir de alerta. Eu me preocupo em levar alguma ideia, não consigo escrever falando de balada, de festa... Quando vou ver, virou crônica sobre alguma coisa que está me incomodando, que de alguma forma me tocou e eu vou transformar numa mensagem.

Mas *Nasci pro Rock* é o *Minha Vida É Rock'n'Roll* do metal! (N.R.: referência à faixa-título do álbum lançado pelo Made in Brazil em 1981)

Rogério: Essa é mais festeira, fala do lance de ser músico, de gostar de rock. É um negócio que não está ao nosso redor, a gente está espremido no meio disso! (risos)

Ainda sobre as letras, desde sempre vocês cantam em português. Isso não é um pouco limitador, já que o Carro Bomba poderia muito bem conseguir alguma abertura na Europa, por exemplo?

Marcello: Eu não sei te responder isso.. Mas eu não vejo o Carro Bomba cantando em inglês. Até a temática do que a gente fala está muito vinculada ao Brasil. E não dá pra falar de uma realidade que não é nossa. Eu acho que a gente está fazendo um bom papel cantando em português.

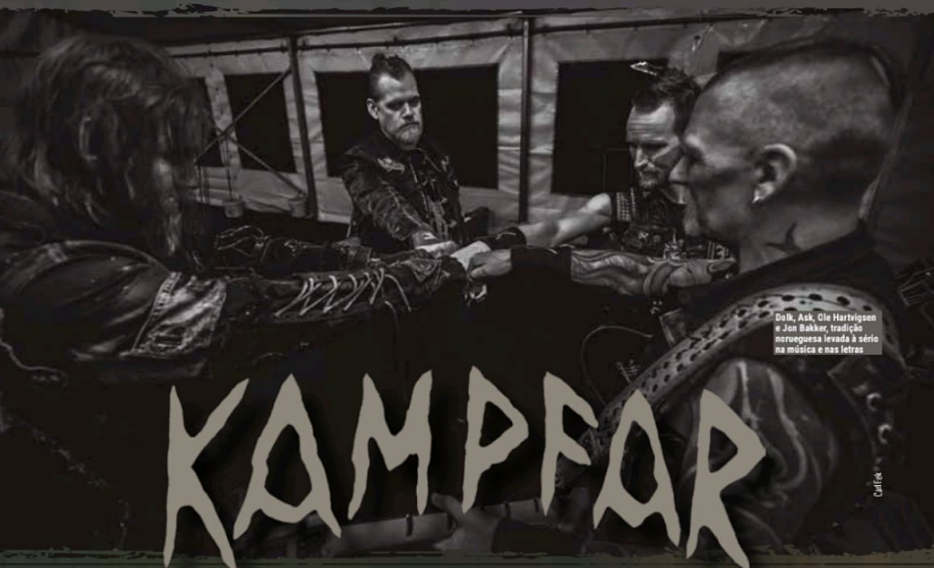
Rogério: Eu não ia conseguir me expressar cantando em inglês. Acho difícil pensar em interpretação sendo só um bom cantor, a coisa que você está cantando tem que ter a ver com você. Isso limita o mercado, talvez, mas é porque o mercado é limitado. Cansei de ouvir que o negócio é tocar fora do Brasil. Pô, eu quero fazer sucesso e ser reconhecido aqui, cara! O mercado é limitado e as pessoas se deixam limitar por causa disso.

Apesar de toda a experiência dos músicos e da trajetória da banda, o Carro Bomba é uma banda underground. Como se planeja o futuro levando isso em conta?

Marcello: O Carro Bomba é underground, ei sei, todo mundo sabe. Mas nosso plano pra esse disco é diferente de tudo que a gente já fez. Das outras vezes, com outras formações, a gente não se entendia, tivemos vários problemas internos que impediram a banda de ter uma projeção melhor. Dessa vez, estamos os quatro com a mesma cabeça e com o mesmo objetivo comum. Vamos lançar mais um clipe, um disco ao vivo este ano. Estamos começando a pensar em um novo álbum. Tocamos no SESC Belenzinho e lotamos o lugar. Na raça! Pra mim essa é uma resposta muito grande. Essa banda pode e deve crescer se for bem administrada. De tudo que a gente passou, este é o melhor momento. Se vamos ser underground até o fim, não sei. Mas tenho um monte de planos e um monte de ideias. Este é o momento.

Rogério: A gente não tem uma produtora que cuida da gente. Sei que já passaram informações sobre a gente na mão de diversos produtores, mas não tiveram interesse. Então, o negócio é trampar e batalhar. Se acontecer algo, maravilha; se não acontecer, vamos continuar. A gente nasceu pro rock (risos).

CLUBE DE ROCK



Dolk, Ask, Ole Hartvigsen e Jon Bakker, tradição norueguesa levada à sério na música e nas letras

DANÇANDO SOB AS ESTRELAS

Prestes a celebrar três décadas de atividades, lenda black metal da Noruega celebra com seu nono álbum de estúdio

Por Valtemir Amler

Noruega, primeira metade dos anos 90. Para muitos fãs de black metal, o cenário e a época perfeitos para o black metal. Por mais que as razões para tal nem sempre fossem musicais, são tantos os bons nomes surgidos por lá naqueles dias que fica difícil discordar. O Kampfar, apesar de nunca ter alcançado o mesmo nível de prestígio de alguns de seus pares, foi parte dessa cena lendária. As origens do Kampfar remontam a 1994, quando seu mentor, o baterista e vocalista Dolk, assistiu o então inevitável fim de um dos nomes primordiais daquele cenário, o Mock. Como a banda havia encerrado atividades sem ao menos lançar um único álbum completo, Dolk almejava alcançar algo maior, e foi com isso em mente que ele lançou o hoje clássico EP de estreia autointitulado em 1995, um abre-alas fulminante para o disco que viria em seguida, *Mellom Skogkledde Aaser* (1997). Conforme os anos passavam, o Kampfar cada vez mais ia perdendo os ares de projeto e ganhando a forma de banda, como aconteceria definitivamente em 2006, ano de lançamento de *Kvass*. Como quarteto (antes eram apenas Dolk e Thomas Andreassen, que viria a deixar a banda em 2010) muitas novas possibilidades foram abertas, e o black metal sempre repleto de elementos da cultura popular e do folclore norueguês alcançaram um novo nível, como ouvimos nos recentes e premiados *Djevelmakt* (2014), *Profan* (2015) e *Ofidians Manifest* (2019). Hoje, prestes a celebrar três décadas de atividade, eles lançam *Til Klovers Takt*, mais um registro obrigatório para os fãs de música extrema. Dolk e o guitarrista Ole Hartvigsen falaram a respeito.

Em primeiro lugar, é ótimo falar com vocês dois. Embora o Kampfar exista desde os anos 90, foi apenas a partir de *Djevelmakt* que vocês dois passaram a trabalhar juntos. Podem nos contar um pouco sobre como essa história aconteceu?

Dolk: É ótimo falar com você também, de verdade. Bem, o Kampfar se trata de uma antiga ideia que eu tive antes de realmente iniciar a banda, pois na época ainda estava envolvido com a banda Mock. Olhando para trás, é até curioso, pois eu tinha essa ideia, mas estava decidido a não dar o próximo passo enquanto o Mock existisse. Então, em 1994 o Mock cessou atividades e na semana seguinte eu estava em estúdio gravando duas músicas para aquilo que seria o Kampfar (risos). O que posso dizer é que desde os primeiros dias nós parecíamos estar seguindo um plano com esta banda, seguindo etapas anteriormente definidas, pois sempre estava pensando no que faria depois. Nesse sentido, foi tudo pensado com calma, sem colocar os pés pelas mãos, dando tempo para que as coisas acontecessem. Então, quando Thomas Andreassen (guitarra) decidiu deixar a banda e Ole entrou, ele acabou se tornando essa nova força, esse impulso para que seguíssemos por um caminho ainda mais alto e novo para a banda.

Imagino que a saída de Thomas tenha sido um momento impactante para você, já que até então sempre haviam trabalhado juntos.

Dolk: Sim, acho que aquele foi o momento mais complicado para mim em toda a trajetória do Kampfar. Durante um tempo, eu via tudo com muito pessimismo. Sendo bastante sincero, eu achei que estava tudo acabado, que era o fim da banda. Mas, naquela época já éramos um

nome bem tradicional no cenário, não queríamos simplesmente desistir. Conhecíamos muita gente da cena norueguesa e foi através da indicação dessas pessoas que chegamos até Ole. Eles nos diziam que ele seria uma adição interessante para o Kampfar, que poderia fazer a diferença, e aqui estamos.

Bem, acho que essa é a sua deixa.

Ole Hartvigsen: Acho que sim (risos). Poxa, essa foi uma ótima introdução, o que eu devo dizer agora? (risos gerais) Bem, eu concordo que os álbuns em que toquei têm algumas diferenças em comparação com os anteriores, mas acho que a diferença é bem mais discreta do que Dolk está fazendo parecer. Eu contribui sim, mas eles já estavam no caminho certo, já estavam subindo o nível.

Dolk: OK, então vou contar uma história: quando esse cara chegou para ensaiar pela primeira vez conosco, estávamos no estúdio, pois tínhamos decidido fazer umas cinco ou seis novas canções para um álbum. Lembro que estávamos pensando algo assim: 'Nós já estamos há uns quinze anos nesse mundo, vamos mostrar para o novato que sabemos como fazer as coisas.' E então ele chegou, plugou a guitarra e nós simplesmente não conseguíamos acompanhá-lo (risos gerais). Essa é quão 'discreta' foi a contribuição dele (risos).

Ole: Certo, a verdade é que muito rapidamente eu aprendi qual seria o meu papel no Kampfar: eles tinham muitas ideias e direcionamentos que queriam alcançar, e eu sabia que poderia ajudá-los a chegar lá. Eu tinha alguma experiência anterior como compositor e as bandas em que toquei talvez fossem um pouco mais rápidas e técnicas que o Kampfar (N.R.: ele tocou com Mistur, Utumno e Emancer). Então, poderia utilizar essa habilidade que tinha em prol da música do Kampfar. Mas, sem as ideias e o direcionamento desses caras, não seríamos a banda que somos, essa é a verdade.

Pelo que os dois estão dizendo, o processo é bem cooperativo na banda.

Ole: Totalmente. E essa é a grande diferença, pois sempre que trabalhamos em novas músicas, elas são resultado daquilo que todos nós pensamos, das ideias de todos nós. Muitas bandas têm um compositor principal e entendo a razão disso, mas aqui é realmente música da banda, e não desse ou daquele integrante. Estamos sempre juntos discutindo, falamos sobre tudo juntos, não é como se alguém batesse o martelo e simplesmente comunicasse os outros de suas decisões.

Pensei que Dolk fosse o cara do martelo.

Dolk: Dou essa impressão, né? (risos gerais). Mas, não, isso não combina comigo. Amo demais a música para ser um cabeça dura que despreza boas ideias em nome do ego, prefiro ter um álbum com boas músicas do que um ego inflado (risos gerais).

No fim das contas, não existe o Grammy Norueguês de melhor ego, certo?

Dolk: Exatamente, não teria nenhuma razão plausível para lutar por um prêmio que não existe (risos).

Isso é ótimo, é sempre melhor ouvir muitas ideias, desde que não percamos o foco.

Ole: Sim, e direção musical não é problema para esses caras. Eles sabem onde querem chegar. E quanto a como chegar

TIL KLOVERS TAKT
Indie Recordings - Imp.

lá, combinamos tudo entre nós. Discutimos, às vezes brigamos, mas sempre respeitamos o outro e suas opiniões, e acredito que essa é uma chave para criamos bons álbuns. Nem todas as bandas têm uma cooperação assim, então, na verdade sou um sortudo por estar aqui. É fácil ser criativo quando você está cercado por pessoas que valorizam suas ideias.

É verdade. E foi legal você explicar que nunca teve a intenção de mudar os rumos da música do Kampfar, pois ao ouvir o novo álbum e seus dois antecessores consigo acessar a mesma energia que ouvia em discos como *Kvass* (2006) e *Mare* (2011). É o mesmo sentimento, mas é um mergulho mais profundo, se entendem o que quero dizer.

Dolk: Quer saber? É ótimo que tenha dito isso, pois você acertou o ponto exato, é isso mesmo! É exatamente essa a sensação que também tenho quando ouço nossos álbuns mais recentes, porque, especialmente comparando com *Mare*, porque com ele foi a primeira vez em que fomos para o estúdio com uma abordagem diferente, sem saber exatamente onde queríamos chegar. E isso aconteceu especificamente porque queríamos expandir os limites, queríamos fazer algo diferente. Já tínhamos em nós a vontade de buscar algo que fosse além do que fazíamos, e com a chegada de Ole, fomos capazes de mergulhar mais fundo na nossa própria música, pois ele conhecia os mecanismos para fazer isso sem nos afastar da nossa identidade musical.

Ole: Sim, também concordo totalmente com isso. *Mare* foi o álbum lançado logo antes de eu entrar na banda, e ele foi extremamente importante porque serviu como um marco, como um ponto inicial para algumas 'novas direções' que o Kampfar estava interessado em mergulhar desde então, e naturalmente eu ouvi aquele álbum com atenção extra quando estava entrando na banda (risos). Eu nunca quis transformar nada, apenas contribuir para que chegassem naquilo que verdadeiramente queriam.

Naturalmente, foi isso também que fizeram agora em *Til Klovers Takt*.

Dolk: Sim, foi isso que tentamos, e agora que falo com você estou certo de que conseguimos. É bom conversar com alguém de fora que entende de verdade a sua música, isso ajuda na hora que precisamos externar o que sentimos quanto à música que criamos. Veja, em *Til Klovers Takt* talvez tenhamos o álbum em que mais longe fomos na busca de novos elementos, sinto que ele é realmente diferente dos seus antecessores, mas ainda assim existe aquilo que você falou: sempre tem algo do velho Kampfar nessas músicas, algo que nos deixa confortáveis e confiantes para apresentá-las para as pessoas que nos seguem desde os anos 90, como você e outros fãs dessa mesma época. E é engraçado pensar que nós não saberíamos dizer ao certo de onde vem essa familiaridade ou como chegamos nesse elemento clássico da nossa música, nem acredito que nenhum de nós saberia dizer. É como se estivéssemos sempre plenamente conscientes dos novos elementos que estamos tentando implementar, mas as partes mais típicas simplesmente transparecem no processo. Não sei, talvez seja apenas o resultado desse grupo de pessoas tocando junto, talvez essa simplesmente seja a nossa energia fluindo naturalmente. Gosto de pensar assim, pois é um pensamento que nos dá confiança.

CLUBE DE REVISTA

HOLY MOSES

Pendurando a Coroa

Pioneira entre mulheres que cantam gutural, Sabina Classen fez história no Holy Moses e fala sobre o disco que encerrará as atividades da banda

Por Gustavo Maiato

Se hoje é comum mulheres se aventurarem no gutural, no início dos anos 80 isso era novidade até mesmo entre os homens. Dessa forma, Sabina Classen, do Holy Moses, imprimiu seu estilo único e construiu sólida carreira ao longo dos últimos 43 anos. Conhecida como "Rainha" ou "Mãe" do thrash, decidiu pendurar a coroa e escrever o capítulo definitivo da banda, que este ano lançou o álbum *Invisible Queen*. Todos os detalhes dessa despedida você confere a seguir.

Por que o Holy Moses decidiu encerrar as atividades?

Sabina Classen: Essa é uma boa pergunta. Decidimos encerrar o Holy Moses enquanto estávamos em alto nível. Alguns músicos dizem que querem morrer no palco, mas decidi que não quero fazer dessa forma. Existe outra vida querendo surgir na minha alma interior. Permaneci no Holy Moses por 43 anos e já tocamos em vários países. Sou muito grata por todo esse período. Começamos como banda de escola e nunca pensei em fazer turnês e gravar tantos álbuns. Tocamos em vários festivais e contribuímos de maneira especial para a cena do heavy metal. Percebi que era a hora certa para realizar essa última turnê e lançar o último álbum, que ganhou o nome de *Invisible Queen*.

Decidiu encerrar com chave de ouro! Como foi o processo de composição desse último álbum?

Sabina: Foi uma época estranha para se compor um álbum. Foi na época do coronavírus e estávamos no lockdown. Já tínhamos alguns riffs antes. Com o confinamento, tivemos que começar a enviar os arquivos com ideias de músicas uns para os outros à distância. Foi um processo novo para nós. De qualquer maneira, fiquei feliz com o que estávamos fazendo. No começo de 2022, as coisas estavam um pouco melhor. Não queria gravar a voz no meu estúdio caseiro e tive a possibilidade de ir a um estúdio em Hamburgo para gravar. Foi muito boa essa experiência, fiz como se fosse nos anos 80. Eu precisava de um produtor me enchendo o saco e falando: 'Canta de novo essa parte!' (risos)

A arte da capa de *Invisible Queen* mostra uma rainha morta, com teias de aranha – é como se ela tivesse sido esquecida ou abandonada...

Sabina: Essa capa me representa no meu processo para me tornar invisível. Se você perceber, meu rosto aparece como se estivesse se transformando em algo mais velho. Temos as teias de aranha e tudo mais. A Sabine está se tornando invisível!

A letra da faixa-título fala sobre o fim da sua carreira. Qual foi a sensação ao compor?

Sabina: Essa música é sobre mim, basicamente. Nosso guitarrista Peter Geltat escreveu a letra. Em certo ponto, refleti: 'Bom, esse é nosso último álbum e vou me fazer invisível'. Aí, Peter falou: 'Mas você é a rainha do thrash. Todos dizem que você foi a primeira mulher a usar vocal gutural'. Só que expliquei que eu não conseguiria escrever uma letra dizendo que sou uma rainha! (risos) Ele falou para eu não me preocupar, porque ele queria passar essa mensagem ao público. Então, Peter escreveu essa letra para mim. A ideia é explicar o que vai acontecer quando eu me tornar invisível.

O novo álbum é duplo e o segundo disco terá as mesmas músicas, só que regravadas com vocalistas especiais convidados. Acho que isso é algo inédito!

Sabina: Primeiro, pensamos em convidar músicos que fizeram parte de nossa história através das décadas para fazer backing vocals. Então, pensamos: por que não convidá-los para cantar uma música inteira? Enviamos para esses vocalistas todas as músicas com minha voz. Nós pedimos para que cada um escolhesse uma música que tivesse curtido e cantasse no seu estilo. Se precisasse mudar algo da letra, não tinha problema. Isso acabou funcionando muito bem. Portanto, é um disco duplo. O primeiro é comigo cantando as doze músicas. No segundo, convidamos vocalistas para interpretar essas mesmas músicas, só que no estilo deles. Acabou ficando com 24 músicas. Chamamos Bobby 'Blitz', do Overkill – que é meu amigo de longa data –, Gerre, do Tankard, Jens Kidman, do Meshuggah, Tom Angelripper, do Sodom. Você é brasileiro, então conhece Diva Satanica, ex-Nervosa. Chamamos ela também! Lembro que encontrei-a uns sete anos atrás. Ela era jovem e tímida. Tocamos na Espanha e ela disse: 'Sabina, você é a mãe do thrash. Quero cantar uma música com você um dia'. Ela me impressionou muito

naquela ocasião. Tem uma voz maravilhosa e autêntica. Também chamamos Chris Staubach, do Corageous, Daniela Karrer, do Headshot e muitos outros. O legal é que todas as garotas convidadas cantam em estilos parecidos com o meu. Elas cantam com a alma e o corpo. Isso foi importante para mim. Sabe o que foi engraçado? Quando enviamos as músicas para eles escolherem, dissemos para selecionarem três músicas a princípio, porque mais de uma pessoa poderia escolher a mesma. No final, cada um dos doze convidados escolheu uma diferente! Nada ficou duplicado! Sou muito agradecida por isso. Acho que ninguém fez isso antes mesmo.

Falando sobre as músicas, *Cult of the Machine* resgata o tema das máquinas abordado no álbum *The New Machine of Liechtenstein*, de 1989. Existe uma relação?

Sabina: Sim! Essa música é a continuação da história que iniciamos no álbum *The New Machine of Liechtenstein*. Criamos a história de uma pessoa que criou uma máquina que ficou fora de controle. Apenas cinco pessoas sobreviveram. Todos os nossos fãs se perguntavam o que tinha acontecido no enredo. Então, em *Cult of the Machine* estamos destruindo aquela máquina! Assim, os seres humanos poderão sair da escuridão. Essa máquina fez o mundo entrar na escuridão. Os humanos podem se libertar desse sentimento negro. Se você pensar bem, pode associar com a depressão. Você precisa matar essa máquina interior da depressão para voltar à vida. Dessa forma, todos poderão ser livres.

No começo dos anos 80, você foi a primeira mulher cantando gutural. Quais foram os comentários das pessoas naquela época? Deve ter sido uma surpresa para todos...

Sabina: As pessoas ficaram muito surpresas mesmo. Rapidamente, todos perceberam que essa minha forma de cantar era autêntica. Era simplesmente minha voz. Fiquei feliz quando percebi que bandas como Venom, Possessed, Bathory e outras estavam cantando nesse estilo. No começo, todos ficaram se perguntando o que era aquilo. Havia sentimentos diversos sobre minha voz. Muitos falaram: 'Que merda é essa?' Tinha gente que achava que o heavy metal tinha que ser naquela pegada de voz mais limpa de Iron Maiden, Helloween e Judas Priest. Aos poucos, muitos passaram a apreciar o thrash metal. No começo, foi um choque ouvir minha voz. Bom, 43 anos depois ainda estou aqui! Podemos dizer que minha voz passou a influenciar a cena do metal. Isso é algo especial. Você cria algo que não havia antes.

O maior clássico do Holy Moses é o hit *Disorder of the Order*, do álbum de mesmo nome de 2002. Quais memórias você tem dessa composição?

Sabina: Ainda amo *Disorder of the Order*! Eu tinha essa vontade de criar uma música mais baseada em linhas melódicas. Nessa época, eu estava muito próxima do pessoal do Helloween aqui em Hamburgo. Eles são grandes amigos meus. Queria algo na pegada deles em alguma música do Holy Moses. Lembro de conversar com os caras do Helloween sobre isso. Comecei a ter ideias e acho que funcionou bem. Nunca rotulamos nossas músicas e não seguimos nenhuma moda, então foi natural misturar essas ideias com o thrash. Adoro essa música. Sempre tocamos nos shows.

Os riffs de guitarra do Holy Moses são bastante técnicos. Como você analisa essa característica?

INVISIBLE QUEEN
Fireflash Records - Imp.

Sabina: No começo, não pensávamos especificamente em nenhuma característica que precisasse estar presente nas nossas músicas. Essas coisas mais técnicas surgiram lá por 1986 quando nosso guitarrista Andy Classen passou a conseguir tocar esse tipo de abordagem na guitarra. Ele estava estudando matemática e gostava de fazer experimentações técnicas nas músicas. Acabou se tornando algo autêntico para nós. Nós do Holy Moses nunca pensamos muito nas coisas que fazemos. Nós fazíamos e víamos o resultado. Essa era a graça da coisa. Lembro do Andy empolgado querendo ensaiar para poder ser tão bom quanto bandas tipo Anthrax. Nosso maior salto técnico para frente foi entre os álbuns *Queen of Siam* e *Finished with the Dogs*.

Outra mulher que fez história no metal é a Doro. Qual sua opinião sobre ela?

Sabina: Ela é uma mulher muito legal. Eu a conheço desde o começo dos anos 80. Ela é adorável e fez história ao longo dos anos. Aqui na Alemanha, existem pessoas que a amam e outras que a odeiam! Ela foi por um caminho vocal diferente do meu, mas cantamos juntas várias vezes. Somos amigas e acho que éramos as únicas no nosso país fazendo esse tipo de música nos anos 80. Precisávamos nos manter sempre unidas.

Poucos sabem, mas você foi aluna do Pelé! Qual foi o sentimento ao saber da sua morte?

Sabina: Quando soube da morte dele, fiquei bastante chocada. Sabia que já circulavam notícias de que ele estava com câncer e que não viveria por muito mais tempo. De qualquer maneira, foi chocante saber. Quando eu tinha 10 anos, comecei a jogar futebol. Com 14 anos, fui para New Jersey, nos EUA, para jogar. Na Alemanha, naquela época, não era tão comum mulheres jogarem futebol. Eu sabia que existia uma escola de futebol do Pelé lá nos EUA, que ele tinha fundado junto com o Franz Beckenbauer. Venci um concurso de futebol na Alemanha e consegui visitar essa escola. Foi uma época maravilhosa! O Pelé era um cara muito legal. Até fiz entrevistas com ele! Ele foi meu técnico de futebol por um tempo. Tenho muitas fotos legais dele comigo. Comprei livros dele e ele autografou para mim. A melhor memória que tenho do Pelé foi uma vez em que ele estava tocando violão e gravei tudo numa fita antiga. Tenho que achar essa fita! Ele era um ótimo músico e cantor, sabia? Naquela noite, todos estavam sentados lá na escola e ele começou a cantar para a garotada. Gravei tudo e tenho essa fita. Isso foi em 1979. Espero que essa fita ainda funcione para que alguém possa fazer uma cópia. Acho que ninguém pode dizer que cantou junto com o Pelé como eu fiz! (risos) Ele foi o melhor jogador de futebol de todos os tempos e ninguém nunca vai ser melhor. Ele fez algo especial para o esporte. Era uma estrela, mas não foi educado dessa forma, do tipo que fica se achando. Trabalhava com as crianças e foi uma pessoa muito legal.

Deixe uma mensagem final para seus fãs no Brasil.

Sabina Muito obrigado a todos do Brasil! Obrigado pelo Pelé! (risos) Obrigado por apoiar o Holy Moses por tanto tempo. Esperamos poder tocar no Brasil em 2023 nessa nossa turnê final. Se não der, quem sabe alguns de vocês possam vir ao Wacken Open Air! Preciso agradecer pelo apoio que vocês sempre me deram.

CLUBE DA REVISTA

Por Antonio Carlos Monteiro

A história da música está cheia de histórias de ascensões e quedas, mas poucas são semelhantes à de Tina Turner por conta dos abusos que sofreu. Nascida em Bownsville, no Tennessee (EUA), Anna Mae Bullock cresceu numa comunidade perto da zona rural. Quando tinha 11 anos, sua mãe abandonou a família para fugir dos abusos que sofria do marido – algo que Tina também experimentaria na pele. Como tantos outros grandes cantores, teve seu primeiro contato com a música cantando na igreja.

Certa noite em 1957, assistiu um show de Ike Turner e ficou encantada: queria cantar naquela banda. Falou com Ike que disse o famoso "pode deixar que a gente te liga". Nunca ligou, óbvio. Mas Tina não desistiu: apareceu em outro show de Ike e, num intervalo, subiu no palco, pegou o microfone e cantou um blues. Foi a vez de Ike ficar encantado. Ficou com a banda no resto do show e saiu de lá contratada.

Sua primeira gravação como vocalista solo foi em 1960 com o single *A Fool in Love*, de autoria de Ike Turner, e a partir de então passou a ser a estrela da banda. Ike também convenceu-a a adotar o nome Tina e seu sobrenome – na verdade, isso foi uma jogada de Ike, que registrou o nome para, caso Tina deixasse a banda, ele pudesse contratar outra cantora e chamá-la pelo mesmo nome.

A partir de então, começou uma carreira de sucesso que rendeu mais de vinte álbuns, lançados entre 1961 e 1980, um Grammy de Melhor Performance Vocal de Grupo por *Proud Mary* em 1972 e a inclusão no Rock and Roll Hall of Fame em 1991.

Porém, em paralelo ao sucesso, Tina sofria toda sorte de abusos por parte de Ike, com quem logo começara um romance e se casara em 1962. "Eu estava a maior parte do tempo infeliz", revelou ela em sua biografia "Eu, Tina" lançada em 1986. "No começo eu o amava, mas ele se tornou completamente imprevisível." E contou mais: "Ele me socava tanto no nariz que eu sentia o sangue escorrendo pela minha garganta quando cantava. (...) Ele chegou a quebrar minha mandíbula. E eu não me lembro de um dia em que não estivesse com um olho roxo." Em 2018 ela lançaria lançou mais um livro autobiográfico, "Tina Turner: My Love Story (Official Autobiography)".

TINA TURNER

✳ 26/11/1939 † 24/05/2023

Até que em 1976 ela resolveu acabar com aquilo. Pediu divórcio e disse que abria mão dos direitos sobre a obra que tinham construído juntos se Ike permitisse que Tina continuasse a usar o sobrenome Turner. Livre dele, foi morar na casa de uma amiga e recomeçou praticamente do zero. Ike morreria em 2007, aos 76 anos de overdose de cocaína.

Orientada pelo estilista Bob Mackie, Tina passou a se valer de uma imagem mais sexy, valorizando as pernas e uma movimentação instigante em cena.

Após um período cantando em clubes e hotéis, e gravando discos de menor repercussão, Tina lançou pela Capitol o single *Let's Stay Together*, de Al Green, que se tornou um sucesso tanto nos EUA como na Europa. Foi o que bastou para a gravadora oferecer a gravação de um álbum completo: *Private Dancer* saiu em 1984 e foi um sucesso estrondoso, sendo certificado Disco de Platina quíntuplo nos EUA e sétuplo no Canadá.

A partir de então, foram mais quatro discos bem sucedidos na carreira da cantora (no total, ela lançou nove trabalhos solo) e embarcou em várias tours mundiais. Em janeiro de 1988 esteve no Brasil para shows em São Paulo (estádio do Pacaembu) e no Rio de Janeiro (Maracanã). Este último entrou no Guinness como o maior público para uma apresentação com um único artista, com 188 mil espectadores.

Em 1993, começou um relacionamento com o executivo da indústria musical Erwin Bach, com quem viveu até seus últimos dias.

Em 2009, Tina fez sua tour de despedida e passou a viver uma vida relativamente comum em Küsnacht, cidade suíça com cerca de 15 mil habitantes. Ia ao mercado, saía para caminhar e pegava sua própria correspondência no correio.

Ao longo dos anos, Tina sofreu vários tipos de problemas de saúde, incluindo uma grave doença diagnosticada em 2013 que resultou num transplante de rim. O órgão foi doado por seu marido Erwin.

Já em 2016 foi diagnosticada com câncer no intestino, doença que acabou por tirar-lhe a vida em maio de 2023.

CLUBE DE REVISTAS

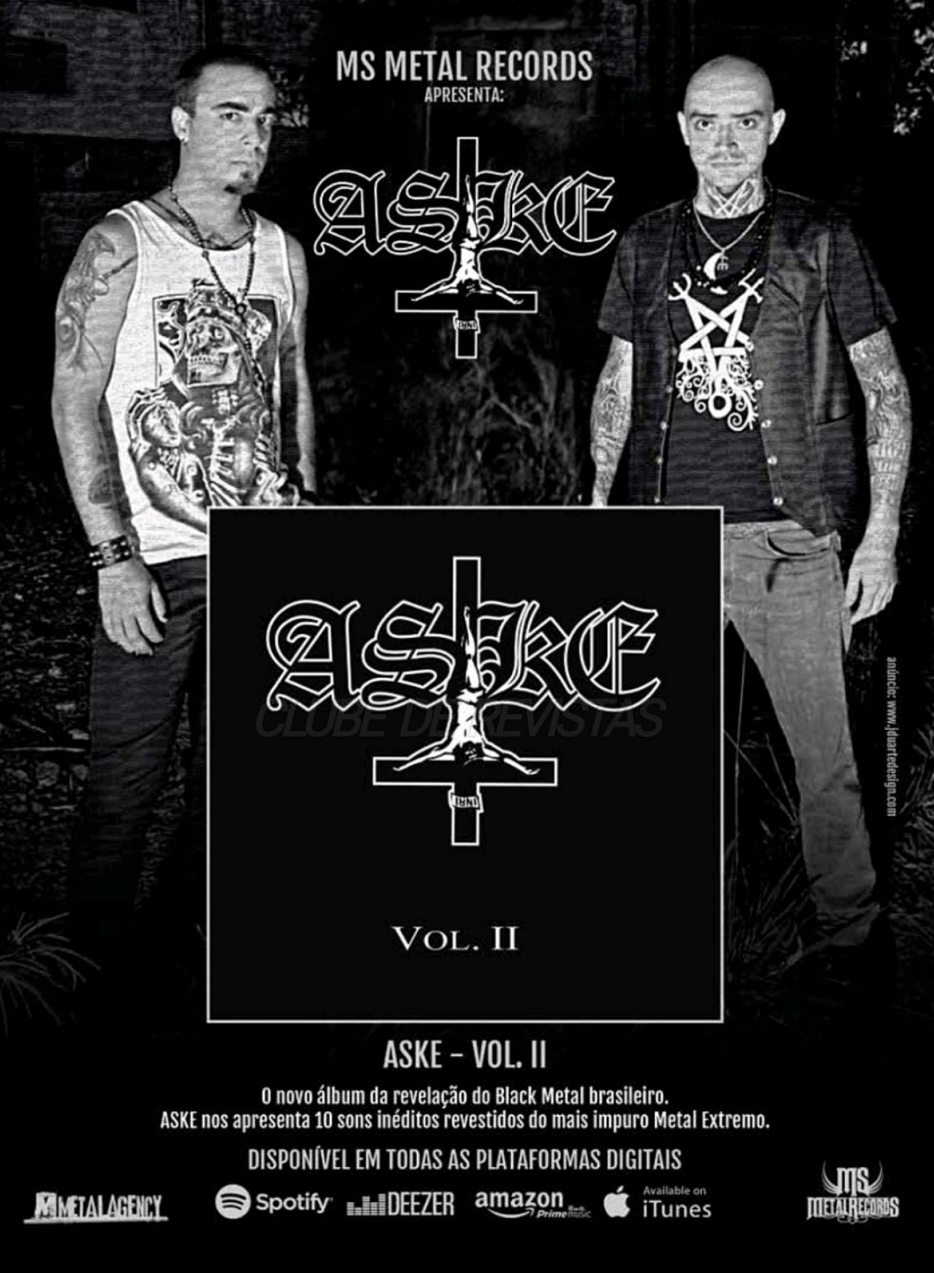
Acid Queen (1975)

Private Dancer (1984)

Foreign Affair (1989)

What's Love Got to Do with It (1993)

Twenty Four Seven (1999)



CLUBE DAS REVISTAS

Claudio Lopes, Carlos Lopes e Braulio Drummond gravaram o até aqui último disco da Dorsal Atlântica, Pandemia

Fotos: Divulgação

PARTE FINAL

O RETORNO TRIUNFAL

Depois de incertezas e um longo hiato, a Dorsal Atlântica voltou com nova abordagem, mas sem economizar no peso

Por Antonio Carlos Monteiro

Em 2012, Carlos Lopes finalmente recolocou a Dorsal Atlântica na ativa, lançando o disco *2012*. Ele comentou que só retomaria as atividades da banda se ela não fosse uma cópia do passado e se atuasse como um instrumento de resistência política. Conversando com a ROADIE CREW para este Background, ele garante que ambos os objetivos foram atingidos. "O maior exemplo disso foi o João Gordo me escrever e dizer que *2012* era um disco do Mustang. Então, eu cumpri a tarefa com louvor!" (risos)

Carlos diz que àquela altura não conseguia ver nenhuma identificação de seu trabalho com a chamada "cena" do metal. E explica: "Antigamente, a gente não gostava de playboy porque eles eram muito seguros e com valores sociais pouco maleáveis. E de repente eu vejo aquele movimento que ajudei a criar ficando igual... O metaleiro típico sempre combateu a religião e religião é dogma. Aí o metal se tornou uma usina de dogmas! Isso me incomodou muito." E vai mais longe: "Se eu passar fome por causa das minhas escolhas, são minhas escolhas!"

Nessa gravação, Dorsal contou com Claudio Lopes no baixo e Hardcore na bateria. Foi um reencontro musical depois de mais de quinze anos. "Ensaiamos durante um mês mais ou menos, fui sentindo o que eles podiam dar e me adaptei às necessidades."

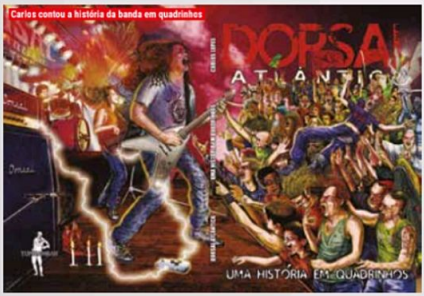
As gravações aconteceram no estúdio Superfuzz, no Rio, e Carlos assumiu a função de produtor, o que, segundo ele, "tornou tudo muito fácil."

Esse foi o primeiro álbum que a Dorsal gravou podendo se valer do recurso "ctrl C + ctrl + V" (que permite que você copie um trecho bem tocado e cole num outro momento em que esse trecho se repete). Carlos sempre detestou esse recurso e só o utiliza em último caso.

Nessa mesma época, começou a ser gravado o documentário "Guerrilha – A Trajetória da Dorsal Atlântica", de Alexander Aguiar e Frederico Neto, este último falecido em 2020. A equipe de filmagem ficava no estúdio registrando as gravações de *2012*, o que "era uma coisa que incomodava." O filme foi lançado apenas em 2017 e Carlos Lopes o define como "um erro". Ele não fala mais a respeito por orientação de sua advogada, já que a questão hoje se encontra na Justiça.

Piada perigosa

Pouco depois, teve início um projeto que acabou sendo abortado. A motivação, obviamente, foi política. "Entre 2013 e 2014, o país vivia o renascimento da direita/extrema direita através dos jovens criados nas redes sociais." Ele comenta que "não se via jovens declarados de direita desde os anos 60. Então, o que mudou? A direita mundial soube como ninguém usar a internet! Ela vende ilusões e não verdades, vende o culto à celebridade e alimenta o ego dos ressentidos, dos que almejam o poder para ficar ricos sem medir as consequências." A isso somam-se episódios como as vaias que a então presidente Dilma Rousseff recebeu durante a Copa do Mundo no Brasil e os adesivos colados nas bocas dos tanques de combustíveis dos carros que retratavam a presidente de pernas abertas. "Tudo isso me enojou", resume ele. Assim, surgiu o projeto *Brazzil*, que seria "de música extrema, black metal/hardcore que só teria letras ofensivas, em inglês mas do mesmo nível que a direita usa para ofender homossexuais, artistas e populações originárias, e



Carlos contou a história da banda em quadrinhos

Claudio Lopes, Carlos Lopes e Américo Mortágua: formação que gravou Canudos

usaria as palavras 'democracia', 'liberdade' e 'ditadura' como a direita usa, que as tomou para si e desvirtuou seus sentidos originais." Ele diz que o projeto teria bateria eletrônica e ele cantaria, tocaria guitarra e baixo. "Já as músicas seriam as mais simples possíveis, repetindo clichês e mais clichês, sem qualquer espaço para a criatividade." Radicalizando ainda mais, os dois "ZZ" de "Brazzil" seriam estilizados como a sigla da SS, organização paramilitar ligada a Adolf Hitler durante a época do nazismo. No fim das contas, o projeto foi abortado: "Vi que seria perigoso demais alimentar isso em um país que se mostrava e ainda se mostra cada vez mais adepto de soluções simplistas e ditatoriais. E, ao mesmo tempo em que abri mão dessa piada perigosa, tomei a decisão de seguir mais fundo na música brasileira, o que gerou *Canudos* e *Pandemia*."

Disco novo

O projeto que saiu do papel em 2014 foi o disco *Imperium*. E ele não foi viabilizado através de crowdfunding, como seu antecessor. "Eu não estava pensando em gravar os discos seguintes a *2012*", confessa ele. "Eles foram acontecendo. No caso de *Imperium*, o dono da Heavy, José Nilton, entrou em contato falando que queria que eu gravasse um novo álbum." Carlos pediu um valor que a Heavy não tinha; na verdade, o total disponível era quase dez vezes menor. "Mas eu gosto pra caralho do Zé – e a gente faz cada coisa por namorada e amigo..." (risos)

Carlos pegou o valor disponível, convocou Claudio e Hardcore, voltou ao Superfuzz e começou a produção do disco. "Mas aí comecei a ter problemas com o Hardcore, que não estava preparado para gravar. Foi gasto muito dinheiro regravando bateria – metade do orçamento foi nisso." No fim das contas, para viabilizar o álbum, o dono do estúdio, Gabriel Zander, disse que ia mixar de graça. "Enfim, *Imperium* é um milagre", define ele.

Em 2015, foi lançado o single *O Retrato de Dorian Gray*, que havia sido gravado em 2012. O disco ainda conta com a faixa *Guerrilha* e com uma entrevista concedida por Carlos a Frederico Neto. De acordo com Carlos, a faixa principal foi a primeira composição escrita para o álbum *2012*, "mas preferi não incluir no álbum porque achei que não tinha a ver." Já a versão de *Guerrilha* foi gravada para ser trilha do filme Brasil Heavy Metal, "mas como não foi paga, não liberei."

Mudança radical

Em agosto de 2017, Carlos Lopes tomou uma decisão radical: abandonou o Rio de Janeiro para passar a viver em Brasília. O motivo foi mais do que justificável: era na Capital Federal que morava seu filho Gael e, como pai, ele queria conviver e acompanhar o desenvolvimento da criança. "Hoje eu trabalho em casa e minha vida é em função do meu filho", garante.

Ainda em 2017, saiu *Canudos*, que novamente foi viabilizado através de crowdfunding. " Esse é o meu disco mais maduro, cada vez que ouço acho que é o melhor disco que eu já gravei na minha carreira." Ele diz que o público também aprovou: "Ninguém que apoiou reclamou do disco."

Carlos afirma que "quando penso num disco, não penso no que vai sair. Todo álbum é um retrato do momento que estou vivendo. Então, tive que passar por *2012* e *Imperium* pra ter certeza absoluta que eu tinha que dar um passo radical." Esse passo foi investir em música brasileira, mas sem abrir mão do peso do heavy metal. Isso se deu através de uma mudança no vocal, em que ele decidiu acentuar um sotaque nordestino, e de uma troca inusitada na parte instrumental: Carlos deixou de lado a guitarra convencional e começou a tocar guitarra baiana, ou "guitarra pequena", como ele define. "Percebi que *2012* e *Imperium* eram discos de metal e eu não queria mais tocar isso daquela forma. Então, dei um passo adiante", resume. E explica melhor: "Se eu só tivesse metaleiro bravo à minha volta a coisa não rolava porque a energia dificulta."

O sol e o agreste

Para desenvolver o som que estava planejando, Carlos teve que lidar com uma dificuldade logo de cara. Ele queria bateria com dois bumbos no disco e Hardcore não tinha o domínio dessa técnica. "O técnico me propôs fazer esses dois bumbos na edição, porque toda banda faz isso, mas eu não topei. Ou o baterista conseguia tocar ou não ia rolar." A solução foi substituir Hardcore. "Ele ficou triste, mas eu disse que ele tinha que entender aquilo como consequência dos seus próprios atos." No fim das contas, a bateria ficou a cargo de Américo Mortágua, que havia participado de discos tanto do Mustang como do Usina LeBlond enquanto Claudio Lopes gravou o baixo. Mais uma vez, as gravações aconteceram no estúdio Superfuzz.

Outra novidade foi que a banda passou a não ensaiar antes de uma gravação. "Antes a gente ensaiava três vezes por semana, mas minha cabeça mudou muito, passei a valorizar mais a espontaneidade do que a decoreba", explica ele. Mais que isso, na época de lançamento do disco Carlos Lopes concedeu entrevista para Frans Dourado, colaborador da ROADIE CREW, e explicou melhor essa decisão: "Eu não poderia contar uma história como a de Canudos, que fala sobre o sertão, o sol e o agreste, ensaiando. Na minha cabeça, como artista, não faria sentido contar uma história dolorida sem você botar a própria cabeça a prêmio, sem correr risco."

A guitarra como opção política

E ele se estende sobre a guitarra baiana. "Nos shows eu tenho feito vários discursos: 'Olha o som que sai disso aqui! Parem de ter preconceito!' E meu sonho é daqui a dez anos ver toda a cena do heavy metal tocando com guitarra baiana." Ele começou pesquisando a história da guitarra elétrica no Brasil e chegou nesse instrumento. "Foi uma opção mais política do que musical, a música vem em segundo plano", garante, surpreendendo um total de zero pessoas. Só que não foi um processo simples. Diferenças de afinação e na própria anatomia do instrumento fizeram com que o músico praticamente reaprendesse a tocar. "Teu cérebro toma uma pancada durante um ano! No começo é um desafio, mas chega num ponto em que ele absorve aquilo e você toca naturalmente." Além disso, tem a questão anatômica. Por ser um instrumento menor, as casas também são

Finalmente de volta aos palcos

menores "e seu dedo tem que se adequar. E quando você tem um braço pequeno a corda não tem a mesma vibração de um instrumento normal. Você tem que readaptar a forma de tocar, é como se fosse recomeçar a tocar do zero. Mas eu queria esse desafio pra me fazer voltar a gostar de tocar guitarra, porque eu tinha enjoado. Parei de tocar guitarra convencional e nem pretendo voltar a tocar; nem tenho mais o instrumento."

Pra completar, por conta das características da guitarra baiana, o som é bem mais agudo do que o de uma guitarra convencional. Ou seja, enquanto muitas bandas baixam a afiação para conseguir um som mais grave e mais pesado, a Dorsal vai no sentido contrário. Enfim, é Carlos Lopes sendo Carlos Lopes...

Tudo isso acabou rendendo uma faixa até certo ponto inusitada em *Canudos*. É um tema instrumental chamado *Carpideiras*, que tem uma guitarra mais lenta, melódica e, por que não dizer?, virtuosa. Carlos dá sua versão: "Hoje eu pego a guitarra baiana e toco que nem o Van Halen. E eu falo que ninguém toca guitarra baiana desse jeito apenas porque ninguém quis."

Decepção com o movimento

E depois de um disco inovador como *Canudos*, mais uma decisão que vai na contramão daquilo que as pessoas comuns tomariam: encerrou sua carreira de músico, passando a atuar como desenhista e escritor. Ele explica: "Eu não reconheço o movimento heavy metal no Brasil como um filho direto meu. Sinto que o movimento fracassou porque não seguiu o que eu acho que devia ser a linha evolutiva dele. E eu senti que ele me disse 'caia fora'." Carlos continua: "As bandas que hoje copiam o que o Sepultura fez não estão preocupadas com a música, estão preocupadas em vencer na vida. Nesse sentido, qual a diferença entre copiar o Sepultura ou ir para o Big Brother? Nenhuma! Só que ninguém quer aceitar isso." E conclui: "Eu entendo o amor que alguns têm pela cena brasileira dos anos 80, mas aquilo acabou. Quem tocar aquilo hoje vai mostrar a superficialidade, não a essência. Você tem que usar o passado como referência para produzir algo novo hoje."

Mesmo assim, em 2019 aconteceram mais dois lançamentos da Dorsal: o cassete *Ultimatum Live* e o compacto *1982*. "Ambos foram financiados pelo nosso fã Cassiano Tofolo", diz ele. *1982* traz a primeira demo registrada pela Dorsal Atlântica, enquanto *Ultimatum Live* contém o famoso show da banda em Lambari/MG, que culminou na saída do baterista Marcos Animal. Carlos confessa que "há milhares de horas gravadas em cassete de todas as fases da banda, ensaios e demos, mas nunca me interessei em digitalizar, o que é um erro. Mas agora, com o tempo,

mofo e degradação, o que eu conseguir salvar será milagre." Ele conta que há intenção de reeditar a biografia "Guerrilha" e que "se acontecer, eu gostaria de encartar a demo do *Straight* em CD, a famosa gravação de quinhentas músicas registradas em poucas horas e que eu adoro." Essa demo, do final de 1995, tem o baixo gravado por Claudio Lopes.

Psicodélico

Também em 2019, saiu "Dorsal Atlântica – Uma História em Quadrinhos", biografia da banda em quadrinhos (ah, vá!) escrita e ilustrada por Carlos. As cores vivas e o traço muito pessoal

valeram um comentário de que Carlos se orgulha muito. Ele veio de Luiz Calanca, da Baratos Afins, que disse que a arte dele era "psicodélica".

O músico ainda criou a revista Tupinambah, que não tem periodicidade fixa e também é em quadrinhos. "Eu criei a revista na época do *Imperium*." Até aqui foram editados dois números, sendo que o segundo saiu na mesma época do lançamento do até aqui último disco da Dorsal, *Pandemia*, e foi enviado como brinde aos apoiadores da campanha de financiamento. Ele explica que "Tupinambah é uma revista sobre política, conectada com os meus discos. Por isso eu coloquei na campanha do *Pandemia*. O nome é uma homenagem à TV Tupi, eu lembro quando o (ex-presidente) Figueiredo mandou lacrar os transmissores da emissora."

Carlos também fala sobre os motivos de a revista ter periodicidade bissexta: "Eu sou um trabalhador brasileiro e tenho contas pra pagar. E estão surgindo muitos trabalhos na área de desenho, mas chegou num ponto que eu tenho que escolher. Então, sem dar detalhes porque o olho gordo é uma merda, eu estou desenhando e pintando para uma editora americana. Cheguei a começar a Tupinambah 3 e estou fazendo uma graphic novel sobre a história do Leblon e do meu condomínio lá, mas não consigo passar de dez páginas porque sempre pinta muito trabalho." E, por mais que os álbuns da Dorsal sejam muito comentado e saudados, não dá pra viver disso: "A média de vendas da Dorsal é de mil cópias por disco."

Por outro lado, ele comenta que a Tupinambah levou-o até um dos seus ídolos: o cineasta Silvio Tendler. "Graças à revista eu comecei a fazer ilustrações para os filmes dele."

Imperium (2014)

O Retrato de Dorian Gray (Single, 2015)

Canudos (2017)

Dorsal Atlântica em ação

Daniel Croce

A aparição

Porém, em se tratando de Carlos o dito "nunca diga nunca" é mais que uma frase feita, mas uma realidade. Em 2021 ele reativou a Dorsal Atlântica e o motivo foi completamente insólito. Quando perguntado sobre os motivos que o levaram a voltar a tocar ele primeiro pergunta para o repórter: "É pra falar a verdade, né?" Depois de ouvir "claro!" ele conta: "Uma manhã, eu estava acordando e vi que tinha uma pessoa do lado da minha cama. Era um homem, era negro e estava pelado. Não era muito velho, obviamente era um escravo. O natural seria que eu pensasse que era um ladrão, mas a pessoa disse: 'Você tem que gravar um disco novo.' Eu já tinha passado por essa situação em centro espírita e em terreiro, eles me cobravam, diziam que eu tinha uma dívida com eles." Eles quem?, foi a pergunta óbvia. "Os escravos. Ele me disse que depois desse disco a dívida acabava. E então, desapareceu."

Assim Carlos Lopes lançou mais uma campanha de financiamento para viabilizar a gravação e o lançamento do que viria a ser o disco *Pandemia*.

Aproveitador de plantão

A ideia inicial era que *Pandemia* fosse gravado em Brasília. Porém, o dono do estúdio escolhido combinou um preço com Carlos, mas, quando viu o resultado da campanha de financiamento, decidiu se aproveitar e triplicou o valor inicialmente combinado. Carlos não se submeteu à chantagem e decidiu gravar no estúdio Sonora, no Rio de Janeiro. Estavam com ele Claudio Lopes, como sempre, e o baterista Bráulio Drummond. Carlos conta que "eu não queria aquele baixo grave do Canudos, então, falei com meu irmão e disse que pretendia botar uma distorção e puxar pro agudo para o disco soar agressivo de outra forma. Pedi autorização e ele disse: 'Tu é gênio, tu faz o que você quiser!'"

Ele diz que *Pandemia* foi baseado em um projeto que não foi adiante, um livro e um disco para crianças contando a história do Brasil usando animais. "Daí vêm o burro presidente, os militares gorilas e o povo cachorro. Eu gravei o disco mas não lancei."

Carlos fala sobre a repercussão do álbum: "Eu só estou tocando hoje por causa do Pandemia. O Sepultura só nos chamou pra tocar por causa do *Pandemia*. Eu só dei entrevista pr'O Globo e apareci na Globonews por causa do Pandemia, não foi por causa de uma carreira de quarenta anos."

De volta aos palcos

E essa acabou sendo uma das grandes novidades em se tratando da Dorsal Atlântica: depois de anos afastado dos palcos, Carlos Lopes finalmente concordou em voltar a se apresentar com a banda. "O grande responsável por isso foi o Braulio. Na metade de 2020, ele me ligou e falou que queria ser meu 'mezzo' empresário. Eu ia ganhar um valor por show e ia ter estrutura pra tocar. Eu falei: 'Não vou acreditar nisso 100%, estou castigado pela vida.' Mas ele garantiu que ia fazer aquilo funcionar e o primeiro show foi com o Sepultura. E aí ele começou a tomar conta das coisas." De lá para cá, a banda tem feito diversos shows, como aquele em que dividiu palco com o Incantation.

Mas se Carlos se mostrou flexível em relação a essa questão, em outras permanece irredutível. Ele conta: "Em 2022 recebi convites para participar com voz de dois discos que vão sair no exterior. Eu não vou dar nomes, dar nome é foda... E isso graças ao *Pandemia*, que gerou um burburinho. Mas os dois produtores queriam que eu cantasse como eu cantava no *Antes do Fim*. Eu disse que seria impossível. Pedi pra me mandarem a música e eu veria a melodia que eu ia colocar. Pensei até numa melodia meio árabe e o cara respondeu que era anticomercial. Eu falei: 'Que lindo ouvir isso!' (risos) Aí ele disse que eu estava dando um tiro no pé, fechando as portas para uma carreira internacional. E eu insisti que não ia aceitar aquilo."

Mais dois lançamentos aconteceram recentemente. O primeiro foi mais uma coletânea, intitulada *Resistiremos*, em que dezesseis bandas interpretam músicas da Dorsal. Carlos chegou a gravar vocais na faixa *Caatinga*, da banda sergipana Tchandala. O lançamento foi da produtora cearense Vertigem Discos. Já a dupla Moda de Rock, composta por Ricardo Vignini e Zé Helder, regravou a música *Liberdade* para o CD *Moda de Rock Brasil*. Carlos se derrete: "Fiquei muito feliz, coisa linda de se ouvir!"

A história escrita e a história a escrever

Depois de tudo isso, Carlos Lopes diz como vê o futuro da Dorsal Atlântica: "Eu não sei... Como eu te disse, não programei os últimos quatro discos. E vou continuar pensando da mesma forma. E tem as questões que a gente combinou: não vou tocar só material velho, vou falar sobre política e espiritualidade. Você tem que se respeitar. Não posso receber pouco porque eu mereço receber por quarenta anos dedicados a isso, não posso fazer concessões porque estaria cuspindo no prato em que comi... Eu não sei qual é o futuro. Eu só me preocupo em produzir. E vou me dedicar a isso."

E dando aquela olhadinha básica e necessária para trás, o que ele vê? "Jamais imaginaria que seria que eu seria quem sou hoje. Não tinha como prever. É uma trajetória muito particular e muito honrada." E finaliza: "Meu objetivo é continuar trabalhando com o que gosto, conseguir pagar as contas, criar meu filho e me desenvolver artisticamente sem esperar reconhecimento do mundo."

Sergio Elito

Claudio, Carlos e Hardcore

Ultimatum Live (2019)

1982 (Compacto, 2019)

Pandemia (2021)

ClassiCrew

1973 URIAH HEEP
Sweet Freedom

O Uriah Heep tinha estreado em disco em 1970, mas em três anos já totalizava nada menos que cinco trabalhos – era como as coisas funcionavam naqueles tempos. E foi com *Sweet Freedom* que a banda começou a dar passos largos para o sucesso – algo que já vinha acontecendo gradativamente com os lançamentos anteriores, mas que agora se consolidava. A formação considerada clássica, com David Byron (vocal), Mick Box (guitarra), Ken Hensley (teclado), Gary Thain (baixo) e Lee Kerslake (bateria), chegava ao seu terceiro e penúltimo disco, sendo que o trio Byron, Box e Hensley era quem realmente dava as cartas por lá, especialmente o tecladista, que se tornou o principal compositor da banda.

A gravação do álbum aconteceu entre junho e julho de 1973 no Château d'Hérouville, construção do século XVIII perto de Paris que havia sido transformada em estúdio anos antes. Para a produção foi recrutado novamente Gerry Bron, que escreveu uma longa história ao lado do Uriah Heep, tendo assinado nada menos que doze discos da banda.

Lançado em 3 de setembro, *Sweet Freedom*, mesmo saindo nos EUA pela Warner, teve resultado nas paradas semelhante ao anterior, *The Magician's Birthday* (1972). Conquistou Disco de Ouro no mercado americano, a exemplo de seus dois antecessores, e pela primeira vez obteve certificação na Grã-Bretanha, chegando a Disco de Prata. Já o single *Stealin'* foi ao topo da parada na Nova Zelândia e se tornou o único da banda a conquistar Disco de Ouro.

Sweet Freedom também é um disco marcado por uma macabra coincidência. A capa traz uma foto da banda e, à exceção de Mick Box, todos os demais já faleceram – e exatamente na mesma ordem em que aparecem na foto: Gary Thain faleceu em 8 de dezembro de 1975, David Byron em 28 de fevereiro de 1985, Lee Kerslake em 19 de setembro de 2020 e Ken Hensley em 4 de novembro de 2020.

Em entrevista concedida ao site eonmusic em 2021, o guitarrista falou a respeito: "Não posso dizer que seja uma situação confortável... Ser o único sobrevivente não é algo que eu imaginei que poderia acontecer e nem estou feliz que tenha sido assim. Mas eu ainda carrego a bandeira e que assim seja. Enquanto tiver saúde estarei lá, mostrando a todos a música que esses grandes músicos trouxeram para a banda."

Antonio Carlos Monteiro

1983 ALCATRAZZ
No Parole From Rock'n'roll

A formação inicial do Alcatrazz trazia um medalhão, surpresas e uma grande revelação: o jovem guitarrista sueco Yngwie Malmsteen, que havia deixado a banda americana Steeler, de Ron Keel. Sob a liderança do ex-vocalista do Rainbow e MSG, o inglês Graham Bonnet, juntamente com o tecladista Jimmy Waldo e o baixista Gary Shea – responsável pelo nome Alcatrazz –, a formação foi completada pelo baterista Jan Uvena, que havia acabado de sair da banda de apoio de Alice Cooper, com quem gravou *Zipper Catches Skin* (1982).

Produzido por Dennis Mackay e o engenheiro de som Willie Harlen, *No Parole from Rock'n'Roll* foi lançado pela Rocshire Records e destacou o single *Island in the Sun*, que evidenciou a influência do Rainbow e recebeu certa exposição na MTV, embora tenha tido pouca execução nas rádios. "*No Parole From Rock'n'Roll* foi mais um teste para ver se era possível soar como o Rainbow", confessou Bonnet à ROADIE CREW, certo de que *Jet to Jet* tem muito de *Spotlight Kid*.

Em 1984, saiu um segundo clipe e a escolhida foi *Hiroshima Mon Amour*, que se tornou popular no Japão. Com título derivado de um filme homônimo francês de 1959, considerado uma obra-prima do nouvelle vague, a letra explora o tema do devastador bombardeio atômico de Hiroshima durante a II Guerra Mundial.

A maioria das composições do debut, que permaneceu dezoito semanas nas paradas da Billboard, alcançando a posição número 128, foi escrita por Bonnet, Malmsteen e Waldo, sendo que outros destaques incluem *General Hospital*, *Kree Nakoorie*, *Too Young to Die*, *Too Drunk to Live*, *Big Foot* e *Starcarr Lane*.

Após shows nos EUA e no Japão, onde foi gravado o ao vivo *Live Sentence* (1984), conflitos entre Bonnet e Malmsteen levaram o guitarrista a ser convidado a sair e, então, seguir em carreira solo. "Tudo parecia não ter como dar errado, mas foi quando o lado pessoal começou a mudar. Naquela época, bebíamos muito e isso faz com que os egos fiquem inflados. Diziam para ele que não precisava da banda, que deveria fazer como Jimi Hendrix e seguir sozinho. Então, demitimos Malmsteen e chamamos Steve Vai", revelou Bonnet. "Ele (Vai) é um guitarrista mais inovador e interessante, assim como tem melhor senso para os arranjos nas músicas. Ele deixa espaço para a voz ao invés de fazer de tudo um grande solo de guitarra", alfinetou em comparação a Malmsteen, que no ano seguinte mudou os rumos da guitarra com *Rising Force*.

Ricardo Batalha

TUBE DE REVISTAS

1993 ARCADE

Arcade

Em 1992, a Kombi do Ratt tinha estacionado e Stephen Pearcy estava tentando curtir uma fase de anonimato. Porém, após receber um telefonema do baterista Fred Coury, que havia deixado o Cinderella, teve a ideia de criar um novo projeto. No ano anterior, Coury e Pearcy, que chegaram a dividir uma residência, haviam feito um projeto de zoeira chamado P.I.G. (Partners in Grime). A esta altura, mesmo sabendo que o momento não era

tão propício para o hard rock, a dupla resolveu arriscar. Desta forma, se juntou aos guitarristas Frankie Wilsey (ex-Sea Hags) e Donny Syracuse (ex-Gypsy Rose) e ao baixista Michael Andrews (ex-9.0) para formar o Arcade – o nome seria Taboo e a formação inicial chegou a contar com Johnny Angel (Talas, Baby Blue e Michael Monroe). Wilsey, que assinava Wilsex, e Andrews foram recomendados pelo presidente da Shrapnel, Mike Varney.

Assim, em junho de 1993 saiu o debut, homônimo, produzido por David Prater e pelo engenheiro de som Doug Oberkircher, que já haviam trabalhado com Firehouse e Dream Theater. "A maioria das baterias foi feita em um take e as guitarras levaram uma semana. Foi tudo feito de forma rápida", declarou o baterista à revista RIP.

Impulsionado pelos singles *Nothin' to Lose* e *Cry No More*, além das encorpadas *Messed up World*, *All Shook Up*, *Dancin' with the Angels*, *Calm Before the Storm* – que originalmente seria o título – e *Screamin' S.O.S.*, o debut alcançou a 133ª posição na Billboard 200 e vendeu mais de cem mil cópias. Nada mau para quem agora habitava um cenário musical diferente. Para melhorar o panorama, várias datas de show em março de 1993 foram ao lado de Bon Jovi, que promovia *Keep the Faith*.

A maior parte das letras descreve momentos pessoais, como a balada *Cry No More*, com letra de Percy que fala sobre a perda de seu pai. Em sua autobiografia, "Sex, Drugs, Ratt & Roll: My Life in Rock" (2013), o vocalista descreve que seu pai faleceu de overdose de heroína quando ele tinha apenas 12 anos.

O repertório ainda traz *So Good... So Bad...*, que impressiona pela semelhança com a melodia de *Kiss from a Rose* (Seal), e a acústica *Mother Blues*, que depois constou na coletânea *Collage*, do Ratt. "Sempre quis fazer um som assim", confessou Pearcy, que buscou inspiração em uma de suas referências, o Led Zeppelin – a outra, escancarada em outros momentos, é o Aerosmith. No Japão, onde o Arcade realizou shows e conquistou boa reputação, o álbum saiu com *Reckless* de bônus.

Ricardo Batalha

2003 DEATHSTARS

Synthetic Generation

Não se tratava simplesmente de um grupo de músicos vindos do metal extremo que buscavam replicar o êxito dos alemães do Rammstein. Porém, é fato que o Deathstars nasceu das cinzas do Swordmaster, uma formação de death/black metal. O line-up inicial do grupo sueco formado em 2000 trazia Andreas "Whiplasher" (vocal), Erik "Beast X Electric" (guitarra), Emil "Nightmare Industries" Nödtveidt (guitarra, baixo e teclado, ex-Dissection) e Ole "Bone W Machine" (bateria, ex-Dissection), músicos que adotaram um estilo mais moderno.

O som marcante combinava guitarras pesadas com linhas de teclado e sintetizador, criando uma atmosfera sombria. "Sempre estivemos interessados em músicas que tendiam para um lado mais eletrônico. Quando começamos a usar equipamentos voltados para o eletrônico obtivemos uma nova dimensão no processo de composição", explicou Nightmare Industries.

Com influências do metal industrial e gótico, tendo elementos de Rammstein, Dimmu Borgir, Type O Negative, Fields of the Nephilim, Ministry, Nine Inch Nails, Pain e The Kovenant, entre outros, veio *Synthetic Generation*. O debut contou com produção de Anders Fridén (In Flames) no Fredman Studios e mixagem de Stefan Glaumann, que havia trabalhado com o Rammstein. "Stefan ouviu as faixas e reconheceu o potencial da banda. Foi uma das melhores pessoas com quem já trabalhamos", recordou Nightmare Industries.

Tendo como trunfo a fusão de estilos, com elementos de death metal, black metal e metal gótico, mas com uma abordagem mais melódica e industrial, *Synthetic Generation* recebeu críticas positivas e ajudou a estabelecer o Deathstars como revelação da cena europeia. Algumas faixas se destacaram, como *Semi-Automatic*, *Synthetic Generation*, *The Revolution Exodus* e *The Rape*, além de uma versão de *White Wedding* (Billy Idol). Já *Syndrome* também foi um dos clipes lançados (o outro foi *Synthetic Generation*) e mostra uma espécie de máquina que explora a mente. "O significado é que naquela sala são feitas experiências com a mente do

Whiplasher. Os computadores mostram cenas do passado dele ou imagens do subconsciente. No final, o cara que editou o vídeo adicionou aquela parte em que jogamos um tipo de videogame", detalhou Nightmare Industries, que concluiu falando sobre o resultado final, apesar das comparações. "Temos sido comparados a muitas coisas, mas acredito que conseguimos ser autênticos."

Ricardo Batalha

Marie Fleck

DE VOLTA... MAIS BRUTAL

Com projetos aqui e ali, David Ellefson enfim apresenta uma banda para chamar de sua depois da nova separação com o Megadeth. E ele conta tudo

Por Daniel Dutra

É sempre mais fácil entrevistar que tem histórias para contar. No caso de David Ellefson, sua nova banda, o Dieth, ao lado do brasileiro Guilherme Miranda (guitarra e vocal, ex-Entombed A.D.) e do polonês Michał Łysejko (bateria, ex-De-capitated), tem histórias que vão muito além do álbum de estreia, *To Hell and Back*, o trabalho mais brutal da carreira de 40 anos (e contando) do baixista. Há um conceito que passa por experiências pessoais de seus integrantes, e é claro que um dos pontos centrais é o turbilhão por que passou Ellefson com o vazamento de vídeos íntimos (pesquise o caso) e a sua consequente expulsão do Megadeth. E ele não poupou palavras e histórias numa entrevista completamente franca.

Como você está, especialmente depois de três anos de pandemia?

David Ellefson: Estou ótimo! Obrigado por perguntar! Mantive-me bastante ocupado durante a pandemia: lancei meu disco solo, *No Cover* (2020), um com o The Lucid (N.R.: homônimo, de 2021) e o projeto com Jeff Scott Soto (N.R.: *Vacation in the Underworld*, 2022); e gravei as linhas de baixo no novo álbum do Megadeth, embora algo me diga que nunca as ouviremos (risos). Como você pode ver, eu realmente me mantive ocupado, até porque leva um ano quando você compõe a primeira música de um disco até gravá-lo. Às vezes, leva uns 18 meses até que ele seja de fato lançado, então estou sempre trabalhando no próximo projeto. É como eu sou.

E vamos falar sobre o Dieth, porque é a sua nova casa. Como você, Guilherme e Michał se juntaram para formar a banda?

David: Ah, começou com o e-mail de um amigo em comum que acabou sendo o nosso produtor, o Christian Lawrence, do Dead By Wednesday. Somos amigos há anos e lançamos um disco juntos pela Combat Records há alguns anos, e foi ele quem nos apresentou. Christian conhecia o Guilherme e disse para mim: 'Acho que vocês têm muito em comum', então o crédito é dele por me colocar nessa história (risos). Estamos falando de janeiro de 2022, então nós três estávamos animados para retomar a vida, começar algo novo, som novo, ano novo... O momento era perfeito. A primeira música que gravamos foi *In the Hall of the Hanging Serpents*, aí fui à Europa em abril daquele ano para gravarmos o videoclipe e, em julho, eu o lancei na minha página no Facebook. As pessoas gostaram, então pensamos: 'Bem, se ninguém tivesse gostado, encerraríamos aqui. Mas já que gostaram, vamos continuar!'.

E devo dizer que, até assistir ao vídeo, eu não esperava que a música fosse tão brutal. Como foi para você trabalhar com esse lado mais extremo do heavy metal?

David: Olha, eu gosto muito! Creio que o meu primeiro contato com esse tipo de som foi com meu amigo brasileiro Max Cavalera, em 2004, quando trabalhei no disco do Soulfly (N.R.: *Prophecy*). Foi quando pude entender musicalmente como funciona, porque, além do álbum, eu gravei o clipe de *Prophecy* com o Max e também fiz turnê com ele. Isso me permitiu vivenciar a interação ao vivo com essa música mais pesada, e sejamos francos: quanto mais pesado, melhor, né? (risos) É uma paleta muito ampla entre o The Lucid, que é mais rock'n'roll; o Ellefson-Soto, que é mais power metal; e o Kings of Thrash, obviamente um excelente honorário para meus trabalhos anteriores. E agora tenho um novo caminho pela frente com Dieth, então acredito que agora possuo todas as cores nessa paleta.

E levando em consideração os dois trabalhos anteriores mais recentes, *The Lucid* e *Vacation in the Underworld*, a música do Dieth traz um necessário sopro de novidade, não?

David: Com 100% de certeza! Só o fato de eu poder acordar de um cochilo, pegar minha guitarra, baixar a afinação, compor

uma música, mandar para os caras e eles falarem: 'Caralho! Isso é foda! Você vai cantar!' é muito encorajador! Até mesmo para o Guilherme, que chegou e disse: 'Não sei, cara. Eu tenho essa balada aqui, mas...', e eu respondi: 'Pode trazer!', afinal, por que esperar até o quinto disco para fazer uma balada? Não sabemos nem mesmo se chegaremos até lá. Hoje em dia é difícil prever essas coisas nessa indústria, então vamos fazer agora! Estamos criando e desenhando o molde do que será o Dieth, então fiquei feliz por termos ampliado as coisas e não apenas feito dez canções brutais de death metal. Fomos bem mais musicais e aventureiros, e todas as músicas soam como músicas da mesma banda, o que é importante. Há um nível de confiança que está sendo construído entre nós três que nos permite crescer e encontrar nossos próprios meios. Algumas das coisas que o Michał toca na bateria... Meu Deus do céu! Veja, eu toquei com os melhores bateristas do metal, do rock e do progressivo, e ele acaba de ser incluído nessa lista, de tão incrível que é. E o Michał é muito claro, já que, por ser polonês, não mistura palavras. Nós perguntamos 'o que você achou, Michał?', e ele responde 'é uma merda' ou 'isso não é bom' (risos). O mesmo vale para imagens ou artes para capas ou vídeos, porque ele só solta 'não, é ruim!'. Damos risadas, mas confio nele por isso. Quando Michał fala 'está bom' ou 'é uma merda', eu confio nele, porque se ele diz que algo não está bom, eu entendo que dá para melhorar, seja uma estampa de camisa ou qualquer outra coisa. Se tem algo que aprendi ao longo dos anos é que se todos concordam com tudo, então só precisa de uma pessoa (risos). É bom ter perspectivas e opiniões diferentes. É isso que torna uma banda real.

Falando em balada e cantar, você faz em *Walk With Me Forever* a sua estreia como vocalista num disco. Como foi a experiência? E você chegou a tentou cantar algumas das músicas mais pesadas, como a insana *The Mark of Cain*, por exemplo?

David: O death metal é um estilo muito foda, mas só agora estou aprendendo, então calma lá! (risos) Eu acho engraçado como tantas pessoas conseguem simplesmente cantar ou tocar assim (risos), mas eu não posso porque não é natural para mim. Cresci pensando em cantar limpo, ouvindo rock dos anos 1970, bandas como Stix, KISS e Aerosmith, e o Steven Tyler até tem um pouco de sujeira na voz, mas obviamente nada como death metal. Sempre gravitei nessa atmosfera da voz limpa... Ah! Também tem o Van Halen, porque fiquei deslumbrado com as harmonias vocais quando ouvi o primeiro disco deles. Na minha opinião, as harmonias vocais do Van Halen são tão importantes quanto qualquer outra parte do som do grupo, incluindo as guitarras do Eddie. Quando comecei, eu costumava ser o vocalista das minhas bandas, não apenas o baixista. O início foi como vocalista, baixista e compositor, embora tocássemos mais covers porque era assim que conseguíamos shows. Quando se canta música dos outros, não dá para encontrar sua própria voz, que só aparece quando você começa a compor o próprio material. No Megadeth, fui eu quem fez o Dave ser o vocalista. Disse a ele: 'Você está escrevendo as letras, está contando as histórias, então quem melhor do que você para cantá-las?'. É uma questão de saber o seu lugar, também. O Megadeth não era uma banda para eu ser o vocalista, mas agora é o momento perfeito, e, sendo franco, a afinação que usamos, o dó, é perfeita para mim. É bem no meu alcance, especialmente na minha

TO HELL AND BACK
Napalm/Shinigami - Nac.

idade (N.R.: Ellefson tem 58 anos), então não somos uma banda que precisa baixar a afinação, afinal, ela já está bem baixa (risos). Não está muito longe da minha voz falada, como você está ouvindo agora.

E tem o título do álbum, *To Hell and Back*, e também de faixas como *Don't Get Mad... Get Even!* que parecem estar relacionados ao problema que levou à sua separação do Megadeth. Faz sentido?

David: Você está 100% correto. Sua percepção está correta, e as músicas do álbum contam histórias. *To Hell and Back*, por exemplo, provavelmente é a minha história mais conhecida (risos), mas o Guilherme também passou por algumas coisas quando Entombed A.D. acabou, depois da morte do (vocalista) Lars (Göran Petrov). Esse foi o motivo que o levou a compor *Walk With Me Forever*, que fala sobre o luto prolongado e a vontade permanente de dizer adeus que ele carregou durante um tempo. Enquanto eu a cantava, obviamente tentei me colocar no lugar do Guilherme, de modo que eu pudesse sentir a emoção que ele sentiu ao compor. Assim como faz qualquer outro cantor, tentei encontrar a minha voz por meio da minha própria história, talvez seja o fim de um relacionamento, talvez seja o luto por isso, tipo 'é, cara, acabou. Não somos mais amigos'. Acredito que é por isso que nem sempre queremos falar sobre o significado de uma música, porque quem a ouve pode ter sua própria interpretação, pode comparar com algo em sua própria vida. Eu mesmo já passei por isso com canções conhecidas, pensei que era sobre uma coisa e fui descobrir depois que era sobre outra, completamente diferente (risos). *God of Thunder* acabou sendo a identidade do Gene Simmons, mas foi escrita pelo Paul Stanley! No Black Sabbath, quem escrevia as letras que o Ozzy Osbourne cantava era o Geezer Butler, e nos primeiros discos solo do Ozzy quem fazia esse papel era o Bob Daisley, o baixista da banda! Canções como *Suicide Solution*, *Crazy Train* e *Diary of a Madman*... O que eu entendi delas, e obviamente posso estar errado, é que Bob observou a relação e as histórias do Ozzy com a esposa (N.R.: a empresária Sharon Osbourne)! (risos) Com Ozzy, ele criou esse personagem, que é como o conhecemos atualmente, então foi preciso ter outra pessoa observando a vida dele (Ozzy) de fora. Não vou citá-lo literalmente, mas li a autobiografia do Bob, e ele diz algo como 'às vezes, as músicas mais fáceis são as que estão sentadas do seu lado' (risos). Escrever letras acontece de várias formas, e nem sempre as histórias são tão literais, algo pode servir de inspiração, mas o resultado final da canção... No fim das contas, eu, Christian e Guilherme colaboramos na versão final de *Walk With Me Forever*.

Minha intenção agora não é mexer em feridas, porque não estou aqui para fazer julgamento, mas gostaria de trazer outra perspectiva sobre o vazamento daquele vídeo em 2021. Há algo que você gostaria de ter cuidado de outro jeito ou mesmo que poderia ter sido feito de maneira diferente por outras partes?

David: (pensativo) Bem, o que posso dizer é: mantenha o zíper da sua calça fechado na internet! (risos) Eu aprendi a lição, Daniel, e não farei aquilo novamente. Meu erro se tornou público, e peço desculpas por isso, mas é algo que não irá se repetir. Cheguei a um ponto sobre o assunto que é o mesmo de quando tudo vazou: assumi e me desculpei, porque é embaraçoso. Expliquei o que era, expliquei mais ainda o que não era, como as falsas

CLUBE DE REVISTAS

David Ellefson, Guilherme Miranda e Michał Łysejko: exorcizando demônios com agressividade e melodia

Michał Pelech

Quando comecei, eu costumava ser o vocalista das minhas bandas, não apenas o baixista. O início foi como vocalista, baixista e compositor, embora tocássemos mais covers porque era assim que conseguíamos shows

alegações, e segui em frente, porque meu lema tem sido 'conserte suas merdas e siga em frente'. Ainda tenho falado sobre isso nas entrevistas, afinal, eu não conversava com jornalistas há muito tempo, então tenho de recapitular muitos assuntos, mas depois não quero mais reviver isso, muito menos reviver a parte do Megadeth que veio em seguida, porque eles tomaram a decisão deles e seguiram em frente. Estou fazendo o mesmo, então veremos se um dia nossos caminhos se cruzarão novamente, mas agora estou seguindo em frente. As coisas são como são, e desejo o melhor para todos. Sei que temos muitos discos e muita música para lançar, e sei que notícias sujas sempre aparecerão em função disso, mas esse não é o meu tipo de negócio. Meu negócio é música: compor, gravar álbuns, tocar ao vivo, conversar com pessoas como você e falar com nossos fãs e apoiadores, não é ficar vasculhando a lixeira dos outros. Questões particulares são, como o nome já diz, questão particulares, por isso mesmo nada disso deveria ter sido exposto ao público. Sabe, eu não sou dessas pessoas que se expõem, nem mesmo nas redes sociais eu não sou do tipo que posta tudo, se fui ao Starbucks, se comprei um carro novo... Por que as precisam postar tudo? (risos) Você pode ter uma vida pessoal, particular mesmo. A ROADIE CREW não é um tabloide, é uma revista de verdade, então agradeço a você tanto por falar de música real, músicos reais e vida real quanto por trazer esse assunto de uma maneira mais humana.

Permita-me, então, trazer à tona algo que me surpreendeu em sua separação com o Megadeth: a declaração da banda dizendo que ambas as partes tinham uma "relação já tensa". É estranho, porque você gravou o novo álbum do Megadeth e sairia em turnê com a banda...

David: Cara, eu também não entendi! Olha, é preciso ter uma parceria, é preciso concordar para concordar e concordar para discordar. Quando a banda se reuniu em 2004, foi dito muito claramente o que seria feito: eu estava fora, sem espaço para debate, e seria assim. Essa foi a nossa primeira queda, porque eu queria estar numa banda com um companheiro, não sob o comando de um ditador! Eu nunca havia sido um músico contratado, mas fiz isso quando voltei para o Megadeth em 2010 porque esses eram os termos, e fiz isso pelas razões certas, pelo legado da banda e porque eles precisavam de um baixista, já que haviam demitido James LoMenzo. Aliás, gostaria de dizer que não tenho nada contra James, e ele não é nenhum bobo, sabe no que se meteu, já vimos esse filme... Quando eu retornei, foi (o ex-baterista) Shawn Drover quem juntou tudo, e ele fez pelas razões certas. Era a coisa certa a ser feita, tanto para mim quanto para o Dave, pelo legado da banda, para curar um relacionamento quebrado naquela época. Mas sou o David Ellefson, o cara que começou a banda com o Dave, então eu não aceitaria ser mandado, e ele não gosta de ouvir 'não'. Uma das coisas que aconteceram: ele queria regravar a demo *No Life 'Til Leather*, do Metallica, e eu disse que não faria isso. Os caras do Metallica são meus amigos! Para mim, seria falta de respeito, e eu não queria ter parte nisso. No Kings of Thrash eu adoraria tocar a *No Life 'Til Leather* inteira, porque foi o meu primeiro 'disco' do Metallica, e eu amo esse trabalho, mas regravá-lo com o Megadeth? Depois, o Metallica procurou o Dave para lançar a demo, como parte do legado da banda, mas ele brigou com os caras por isso, e eu pensei: 'Não quero nem me aproximar disso'. Esse foi um de nossos primeiros desentendimentos, mas acredito que fiz a coisa certa.

Obrigado pelo papo, David, e o espaço final é todo seu.

David: Muito obrigado a todos os fãs brasileiros pelo apoio, por ficarem ao meu lado, e espero vê-los novamente em breve. Obrigado por se interessarem pelo Dieth! Obrigado, ROADIE CREW, pelo apoio ao longo de todos esses anos, e obrigado, Daniel, por fazer de uma entrevista um prazer. E anote aí: irei ao Rio quando estiver no Brasil!

Maranhão
Open Air
2023
DAWN AND RISING
SEXTA (20/10)
CEPRAMA
Motorocker
Azul Limão
Clash Bulldogs
Delinquentes
The Damnation
Torturizer
Into Morphin
O.G.R.O.S.
+
Marcello Pompeu
SÁBADO (21/10)
ESPAÇO 77
I Am Morbid
Primal Fear
Headliner anúncio dia 18/07
Viper
Noturnal
Sinistra
Valvera
Peles
Mortuorial Eclipse
The Lords Of Destroy
RF Force
Skull Reapers
DOMINGO (22/10)
ESPAÇO 77
Black Flag
Headliner anúncio dia 18/07
Dead Fish
Torture Squad
Dr Sin
Black Pantera
Northtale
Facada
Ghosts Of Yesterday
Vulture
Ingressos:
FANPASSS
FANPASSS.COM.BR
Realização:
FANZINE
Apoio:
Venus
Easy
Vitoria
Metal Nobre
Liga do Metal

TRISTEZA E ALEGRIA

Ville Valo fala sobre seu primeiro álbum solo depois do fim do HIM, e de como é o resultado de um processo diferente e rodeado pela incerteza

Por Daniel Dutra

Demorou, mas finalmente Ville Valo mostrou que há vida pós-HIM. E futuro, também. No caso, para o vocalista e letrista que fez da banda finlandesa uma referência na música gótica relacionada ao rock e ao heavy metal. Em seu primeiro álbum solo, *Neon Noir* (2023), inteiramente composto e gravado por ele, que coproduziu o disco com Tim Palmer, Valo mostra uma personalidade completa que injetou otimismo na alegre melancolia de sua arte. E ele explicou por que numa ótima conversa, que rendeu os trechos que você acompanha agora.

***Neon Noir* foi lançado quase seis anos depois da turnê de despedida do HIM, em 2017. Por que levou tanto tempo para você realmente seguir carreira solo?**

Ville Valo: Eu não estava muito certo se haveria futuro para mim na música, porque o HIM se tornou grande parte de quem eu sou, e eu não sabia como me sentiria depois da turnê. Parecia que eu tinha perdido uma perna. Felizmente, depois do último show e com o fim oficial da banda, senti um tipo de alívio, porque foi bom terminar de maneira amistosa, afinal, é raro encerrar o assunto sem animosidade, mantendo a amizade. Porém, dei um tempo porque me pareceu desrespeitoso começar um projeto musical imediatamente e, também, para ganhar um pouco de perspectiva, para 'ver as árvores antes de ver a floresta', porque foram anos muito intensos com o HIM. Gravei um disco com uma banda finlandesa, Agents, que demorou um pouco para sair (N.R.: *Ville Valo & Agents*, de 2019). É um pessoal muito tranquilo e old school, que faz música dos anos 1950 e 1960, algo meio Twin Peaks, e foi muito legal para mim. Era tudo muito diferente do que estou acostumado, tanto banda quanto público, e isso me deu a chance de uma virada de 180 graus no meu trabalho com a música, o que achei ótimo. Foi como limpar meu paladar musical. Encerrei a turnê com o Agents em setembro de 2019, quando comecei a trabalhar nas músicas *Run Away from the Sun*, *Salute the Sanguine* e *Saturnine Saturnalia*, que viraram o primeiro EP (N.R.: *Gothica Fennica Vol. 1*, de 2020). Logo em seguida, começaram os primeiros lockdowns...

O lançamento do EP pegou os fãs de surpresa. Você não fez alarde por causa da dúvida se havia ou não espaço pós-HIM?

Ville: Fez parte de todo processo. Sou um compositor lento, também toco os instrumentos lentamente e acabei gravando todo o disco sozinho, além de produzir e fazer a engenharia do som. Foi uma tarefa e tanto! Levei um tempo para aprender como gravar a bateria, porque na época do HIM nós trabalhamos com grandes produtores e engenheiros de som, e eu tentei lembrar o máximo que pude do que acompanhei naquelas seções. Só que eu não era tão interessado em engenharia de som naquela época, e foi graças ao YouTube que consegui muitas informações para me organizar (risos). Enquanto isso, a Covid não ajudava, porque todo mundo estava aflito, e nós tentávamos encontrar uma gravadora que se interessasse pelo disco. E quando falo 'nós', me refiro a mim e ao meu empresário, Antti Eriksson, que estava me ajudando nesse lado da minha carreira. Não era preguiça nossa, embora eu admita ser um cara devagar para compor. Gravar *Neon Noir* foi uma tarefa e tanto, mas eu realmente não sabia o que esperar dele, também. Não sabíamos nem mesmo se haveria como sair em turnê novamente algum dia. Terminei o álbum no começo de 2020, mas, devido à pandemia, a prensagem dos vinis estava demorando muito. Na verdade, uma fábrica na Finlândia pegou fogo há alguns anos, e as fábricas internacionais maiores estavam com um prazo de oito meses para entregar, então você precisar ter sua

cópia master pronta oito meses antes de enviá-la para prensagem, e eu queria que *Neon Noir* saísse ao mesmo tempo em CD, em vinil e no streaming. E ainda tinha que preparar a turnê. Levou todo esse tempo por causa de tudo isso.

Dentro desse processo ainda mais lento, como foi escrever as letras durante a pandemia, considerando que você sempre abordou os tópicos amor e relacionamentos?

Ville: Foi bem menos barulhento, mais solitário e mais silencioso. O bom disso foi que questões existenciais antigas ressurgiram de algum lugar do subconsciente, junto com sentimentos de não pertencimento, de ser um estranho, e de questões como 'quando segurar algo e quando abandonar algo?'. Não foram somente assuntos afetivos, mas da vida em geral. São perguntas difíceis, mas interessantes para mim, tão interessantes que sigo cantando sobre elas (risos). Creio que voltei um pouco às origens no que diz respeito à inspiração para as letras. Como não havia mais barulho e não havia mais vida social, e isso porque sou um cara solitário, não sou mesmo de sair, me vi forçado a essa existência estranha no estúdio. Sentimentos antigos voltaram à tona, e achei interessante voltar às raízes dos meus problemas.

Recentemente, você disse que *Neon Noir* é 'uma maratona de rímel lacrimejante entre Robert Smith e Ozzy Osbourne, com uma pitada de esperança'. Uma imagem peculiar numa declaração bem interessante...

Ville: E você está certo (risos). O que eu quis dizer com isso foi que estou falando de lendas, dos carregadores da tocha, e Ozzy e Robert são meus heróis! Estou tentando seguir os passos deles, na esperança de criar um coquetel único que tenha um pouco dos dois, que são meus pais musicais. Não sou tão explosivo sobre suas músicas ou discos atualmente, mas *Blizzard of Oz* (1980) é um álbum fantástico e muito subestimado, que aconteceu bem na transição dos anos 1970 para os anos 1980, e as composições, a sonoridade e a forma como tocaram os instrumentos são imbatíveis. Com o Black Sabbath, especialmente no HIM, foi o fato de que quando começamos a tocar... Olha, os caras no Sabbath não eram os mais bonitos. Eles vieram de classes trabalhadoras, de uma cidade muito dura (N.R.: Birmingham), então sentimos uma familiaridade, um parentesco, porque somos da Finlândia, um país abandonado por Deus entre a Suécia e a Rússia, e a existência do Sabbath nos deu esperança. Nem tanto pelos riffs, mas por toda experiência que a banda representa, porque aqueles quatro sempre fizeram as coisas mais estranhas, se arriscavam e também cometiam erros, e eu acredito que erros são importantes na vida em geral. E o mesmo pode ser dito sobre Robert Smith e o The Cure, banda que tem discos muito diferentes entre si, com uma carreira que tem sido uma montanha-russa. Tudo isso é muito inspirador para mim, e foi provavelmente por isso que os mencionei. Não é apenas sobre aspectos musicais, mas também sobre os mundos que eles representam: as origens do heavy metal que você pode claramente ouvir tanto em *Saturnine Saturnalia*, que é bem Sabbath em alguns momentos, quanto no fim de *Vertigo Eyes*. Já *Baby Lacrimarium* é muito The Cure do fim da década de 1980 e início da de 1990. Não é literal. Quando digo essas coisas, me refiro aos mundos que essas pessoas criaram na minha cabeça quando penso nelas. É o meu refúgio, por assim dizer.

NEON NOIR
Spinefarm - Imp.

Considerando o momento em que *Neon Noir* foi composto e escrito, e pegando especialmente a primeira metade do álbum, com *Echolocate Your Love*, *Run Away from the Sun*, *The Foreverlost* e a faixa-título, ainda assim dá para dizer que o disco soa positivo?

Ville: Hum... Pergunta difícil, para ser sincero (risos). Sempre achei que minhas músicas têm um senso de melancolia. Pode-se dizer que algumas das canções antigas do HIM tinham um tom mais obscuro ou depressivo e levavam a lugares ainda mais soturnos, mas não estou mais interessado nisso. Amo música melancólica, triste e que misture tristeza e alegria, porque creio que isso é importante na música em geral, mas vejo, sim, que há uma sensação de tranquilidade em *Neon Noir*. Ele tem uma fluidez legal e não soa forçado ou apressado. Quando comecei a trabalhar nele, não fazia ideia de como soaria, então fiquei feliz com o resultado final. A sua percepção de que ele soa positivo, e tenho de concordar com você, se deve ao fato de que eu me diverti enquanto gravava. O processo de trabalho foi uma luta, porque é preciso brigar pela música como se ela fosse um animal raro e ardiloso no meio da selva. Você sabe que a música está lá, mas você precisa estar em silêncio, no escuro e com seus óculos infravermelhos, espreitando. Deveria ser fácil, mas ainda assim é agradável porque é um aprendizado constante, e o fato de eu não ter uma banda comigo e, também, de gravar o disco sozinho me fez trabalhar cara a cara com as canções, então ficou muito pessoal. Se eu tivesse uma ideia, não precisava comunicá-la a mais ninguém. Simplesmente já começava a trabalhar nela. As melodias e os sons me guiavam para onde queriam que eu fosse, e isso tornou *Neon Noir* muito particular, uma visão não diluída de uma única pessoa, e é isso que o torna especial. Não sei se isso responde ao seu senso de positividade, mas foi uma jornada de aprendizado de muitas coisas sobre mim, e uma jornada para cruzar a pandemia, porque a música foi a única coisa boa daquele período. É algo que dá para ouvir, ainda é melancólico e atmosférico e levemente triste, mas não é depressivo ou agressivo, não quer brigar com o ouvinte. Ao contrário, é convidativo como um abraço.

Para terminar, há pouco tempo você disse que nunca diria nunca para uma reunião do HIM, caso fizesse sentido. Mas o que poderia fazer sentido? Neste ponto da sua carreira, você acha que é realmente necessário?

Ville: Ah, eu só estou seguindo os passos do Ozzy, porque ele fez isso com o Black Sabbath! (risos) Falando sério, sentimos que demos tudo de melhor que tínhamos quando terminamos em 2017, e acredito que deve haver uma faísca para uma reunião, e essa faísca não pode ser dinheiro ou refazer músicas antigas. Uma razão seria se todos nós, coletivamente, nos sentíssemos inspirados novamente estando juntos. Não tenho tido muito contato com os caras da banda ultimamente, mas falei recentemente com o Mige (N.R.: Mikko Paananen, baixista). Ele também esteve envolvido com o *Neon Noir*, porque me visitou no estúdio e aprovou o som do disco, mas os demais caras estão com seus projetos. É importante ter esse respiro. Passamos muitos anos juntos, tivemos muitos altos e baixos, e é preciso respeitar a forma como a banda acabou em vez de, como dizem, chutar cachorro morto.

CLUBE DAS VISTAS

PROFILE

HUGO GOLON (CEMITÉRIO)

Por Ricardo Batalha • Fotos: Dani Moreira

Primeiro disco que comprou:
"Foi o *Lick It Up* do Kiss, que ganhei do meu padrinho."

Melhor disco de heavy metal:
"Accept - *Restless & Wild*."

Último disco que comprou:
"Testament - *The Legacy*."

Disco que mudou sua vida:
"Kiss - *Creatures of the Night*."

Disco dos anos 90 que recomenda:
"Napalm Death - *Utopia Banished*."

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"Farscape - *Killers On The Lose*."

Música que mais gosta de tocar:
"*Quadrilha de Sádicos* - Cemitério."

Música que melhor define sua carreira:
"*A Volta dos Mortos Vivos* - Cemitério."

Disco que mais ouviu na vida:
"Exodus - *Bonded By Blood*."

Melhor capa de disco:
"Celtic Frost - *To Mega Therion*."

Disco que daria a seu pior inimigo:
"O primeiro do Cemitério. Certamente odiaria."

Disco que gostaria de ter gravado:
"Sepultura - *Beneath The Remains*. Gostando ou não, foi um divisor no metal nacional, com qualidade de execução e produção que não existia antes no Brasil."

Música que gostaria de ter composto:
"Destruction - *Mad Butcher*. Mike é uma das minhas maiores influências na hora de compor um riff."

Disco dos anos 70 que recomenda:
"Emerson, Lake & Palmer - *Tarkus*. Peso e viajeira na medida certa."

Disco dos anos 80 que recomenda:
"Voivod - *Killing Technology*. Muito original e perturbador. *Ravenous Medicine* é das minhas músicas favoritas."

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Violator, Vulcano, Hellway Train e os Cavalera tocando o *Bestial* e *Morbid Visions*."

Três hinos do rock/metal:
"Judas Priest - *The Hellion/Electric Eye*, Accept - *Fast As A Shark* e Dio - *We Rock*."

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"Living Death - *Night Light*."

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Janick Gers no Iron Maiden."

Qual outro instrumento gostaria de saber tocar?
"Teclado no estilo do John Lord e Keith Emerson."

Site:
facebook.com/Cemiterio.Death.Metal
instagram.com/cemiteriodeathmetal/

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?
"Zombie Cookbook e Hellway Train."

Além dos projetos atuais, em qual banda gostaria de tocar um dia?
"Gostaria de fazer um som com os Cavalera."

Para qual música de outro artista adoraria gravar uma nova versão?
"Roberto Carlos - *Noite de Terror*."

Quando acorda, qual música prefere ouvir?
"Qualquer uma que eu goste, de Beatles a Napalm Death, sem problema algum."

Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Pop dos anos 60, 70 e 80. Coisas que tocavam na rádio quando eu era criança."

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Dono de loja de discos."

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Estava tomando cerveja num bar no Anhangabaú e, de repente, chegaram dois bolivianos me filmando do nada e falando: "Toxic Holocaust, Toxic Holocaust!"... Isso porque fiz 5 ou 6 shows na bateria com eles em 2006, e que saiu um DVD pela Mutilation Productions."

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"Estou em casa com a minha família."

70000 TONS OF METAL

The World's Biggest Heavy Metal Cruise

January 29 - February 2, 2024
Miami, FL - Puerto Plata,
Dominican Republic - Miami, FL

What are you doing next winter?

THE WORLD'S BIGGEST
THE ORIGINAL
HEAVY METAL CRUISE

4 Days
60 Bands
1 Cruise Ship
Only 3000 Tickets

70000TONS.com

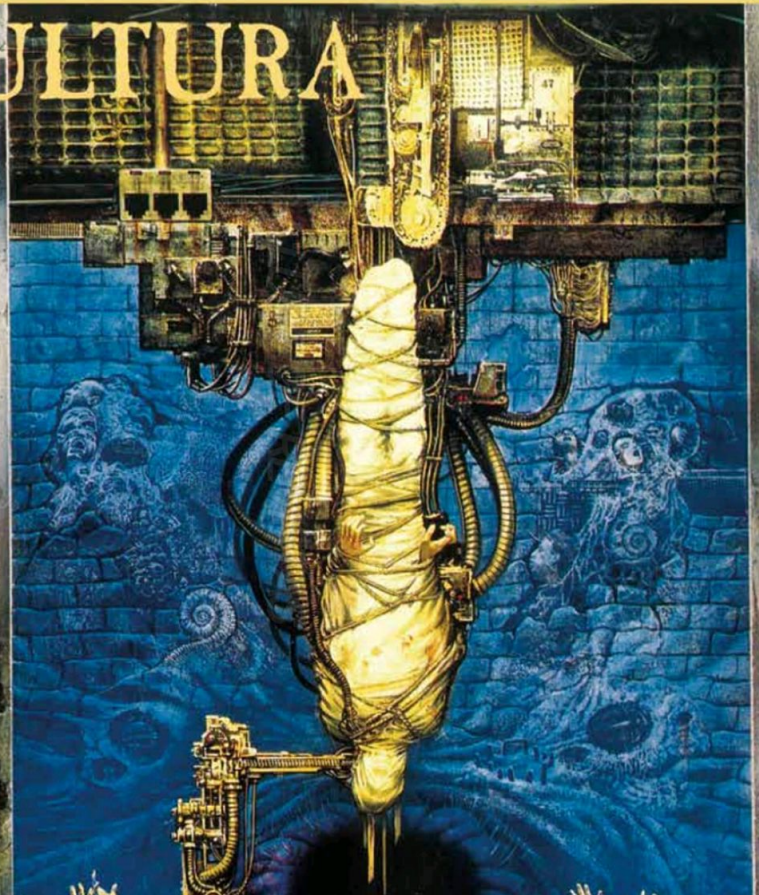
Tel.: +1 305 777 4878

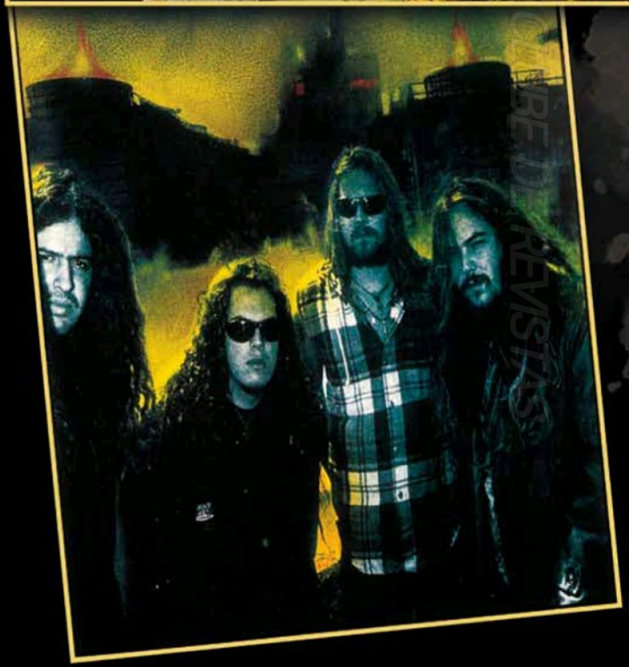
ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

Edu Lawless

YOUR FACE OFF
Marshall
KIX

SEPULTURA





30TH ANNIVERSARY

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

NOTURNALL

RESET THE GAME WORLD TOUR 23/24

21/10/23 - MOA Maranhão, Brasil
21/11/23 - Newcastle, UK
22/11/23 - Edinburgh, UK
23/11/23 - Edinburgh, UK
24/11/23 - Troon, UK
25/11/23 - Bradford, UK
26/11/23 - Blackpool, UK
27/11/23 - Crumlin, UK
28/11/23 - Crumlin, UK
29/11/23 - London, UK
01/12/23 - Weston S.M., UK
02/12/23 - Grécia, EU
03/12/23 - Grécia, EU
05/12/23 - Holanda, EU
06/12/23 - Belgica, EU
08/12/23 - Alemanha, EU
09/12/23 - Republica Tcheca, EU
10/12/23 - Alemanha, EU
11/12/23 - Suiça, EU
13/12/23 - Italia, EU
14/12/23 - Italia, EU
15/12/23 - França, EU
16/12/23 - França, EU
16/01/24 - Perth, Australia
17/01/24 - Adelaide, Australia
18/01/24 - Brisbane, Australia
19/01/24 - Melbourne, Australia
20/02/24 - Sydney, Australia
27/01/24 - São Paulo, Brasil
28/01/24 - Sorocaba, Brasil
30/01/24 - Curitiba, Brasil
31/01/24 - Pomerode, Brasil
01/02/24 - Criciuma, Brasil
03/02/24 - Porto Alegre, Brasil
04/02/24 - Pelotas, Brasil
06/02/24 - Santa Maria, Brasil

07/02/24 - Caxias do Sul, Brasil
09/02/24 - Chapecó , Brasil
10/02/24 - Cascavel, Brasil
11/02/24 - Londrina, Brasil
13/02/24 - Bauru, Brasil
14/02/24 - Pres. Prudente, Brasil
16/02/24 - Araçatuba, Brasil
17/02/24 - S. J. Rio Preto, Brasil
18/02/24 - Uberaba, Brasil
20/02/24 - Goiânia, Brasil
21/02/24 - Brasília, Brasil
23/02/24 - Palmas, Brasil
25/02/24 - Imperatriz, Brasil
27/02/24 - Teresina, Brasil
29/02/24 - Fortaleza, Brasil
02/03/24 - Mossoró, Brasil
03/03/24 - Natal, Brasil
05/03/24 - João Pessoa, Brasil
06/03/24 - Campina Grande, Brasil
07/03/24 - Recife, Brasil
09/03/24 - Maceió, Brasil
10/03/24 - Aracaju, Brasil
12/03/24 - Salvador, Brasil
14/03/24 - Vit. da Conquista, Brasil
16/03/24 - Montes Claros, Brasil
17/03/24 - Gov. Valadares , Brasil
19/03/24 - Vitória, Brasil
20/03/24 - Campos, Brasil
21/03/24 - Rio de Janeiro, Brasil
23/03/24 - Barbacen, Brasil
24/03/24 - Belo Horizonte, Brasil
26/03/24 - Poços de Caldas, Brasil
27/03/24 - Franca, Brasil
28/03/24 - Ribeirão Preto, Brasil
30/03/24 - São Carlos, Brasil
31/03/24 - Campinas, Brasil
02/04/24 - S. J. dos Campos, Brasil

NOVO ÁLBUM JÁ DISPONÍVEL!

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS DE MIKE PORTNOY, DAVID ELLEFSON, NEY MATOGROSSO E MICHAEL ROMEO.

ASSISTA O VIDEOCLIPE DA MÚSICA TRY HARDER
GRAVADO NO RIO DE JANEIRO NA COMUNIDADE DA ROCINHA

YouTube @NOTURNALL

Spotify DEEZER amazon music Available on iTunes

LANÇAMENTO
DYNAMO RECORDS